

A LAVOURA

Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura

ANNO XXV

Rio de Janeiro — Brasil

N. 12

A lavoura da canna e a industria do assucar

Esta Revista tem hoje motivo de particular contentamento, ao constatar que se acha em caminho de realização uma das aspirações mais velhas e mais justas da economia brasileira, e pela qual nos temos batido sempre com o maior fervor, secundando e interpretando o sentimento e os propositos da Sociedade Nacional de Agricultura.

Effectivamente, o projecto do Deputado Miguel Calmon, convertido felizmente em lei, resolve em definitivo o problema, tão caracteristicamente nacional, da lavoura da canna e da industria assucareira, que nunca tiveram dos poderes da Nação o amparo e fomento devidos ao valor da sua contribuição á riqueza do paiz.

A proposito do projecto Miguel Calmon, *O Paiz* inseriu na edição de 19 de Dezembro ultimo um editorial notavel, que impressionou profundamente os circulos da lavoura e da industria interessados na questão.

Pedimos venia ao grande matutino para reproduzir em nossas columnas esse artigo, porque não poderíamos fazer melhor, com mais acuidade e maior vigor, a defesa de uma causa benemerita, qual a que nos occupa neste instante.

Escreveu *O Paiz*, sob o titulo "A defesa do assucar":

"Costuma-se dizer que o assucar tem, no Brasil, a existencia da nacionalidade, pelo facto de ser contemporaneo dos conquistadores da nossa terra, que introduziram a cultura da canna com os primeiros surtos de colonização.

Effectivamente, o assucar é a mais velha affirmação de feracidade do solo patrio, a mais veneravel tradição economica do paiz, e isto bastaria para justificar de nossa parte o desvelo de uma protecção propulsiva e ininterrupta á lavoura

e á industria desse elemento fundamental das nossas possibilidades no campo da producção agro-industrial.

Infelizmente, essa protecção, por assim dizer intuitiva, nunca existiu. Precisamente a lavoura da canna e a industria do assucar têm sido, dos nossos factores de riqueza, os mais systematicamente abandonados pelas liberalidades da assistencia official, que delles se ha lembrado apenas como pingues fontes de contribuição tributaria, sem nenhum beneficio apreciavel, correspondente ao onus com que o fisco lhes entrava a prosperidade.

Nos ultimos tempos, quando tudo aconselhava a suppressão das peias de toda ordem que impossibilitavam a maxima expansão a que poderiam attingir a producção e commercio do assucar, foi que exactamente o artigo viu restringidas as suas possibilidades de successo na competição mundial, com certas medidas insensatas que trouxeram, como contragolpe, o desanimo dos lavradores e usineiros, e o erro de se ter perdido uma occasião excepcional, unica, para remodelar, com os fartos lucros do momento, as installações da industria, que, em grande parte, são ainda antiquadas, impedindo o augmento da producção, o aproveitamento integral da substancia saccharina da canna e a melhora do artigo produzido.

De maneira que é com legitimo contentamento e as mais fundadas esperanças, que vemos o Congresso Nacional acudir ao appello dos productores e do commercio, procurando imprimir á sua intervenção um character de defesa orientada em bases definitivas, o que de certo modo resarce os inconvenientes da longa indifferença dos poderes publicos

pela riqueza de que, finalmente, tudo o indica, se vai cuidar a sério.

Vencedora, no Congresso, a idéa de se estender aos principaes generos exportaveis o beneficio do amparo permanente do café, pelas medidas a que está autorizado o governo, verificou-se que da cifra restante do fundo votado para aquelle artigo de nossa producção não sobrariam recursos sufficientes para proporcionar ao assucar a defesa que impõem, de longa data, os mais exigentes interesses da economia nacional.

Além disso, acha-se elle excluido do beneficio de que cogita, em sua primeira parte, o art. 3º do projecto de defesa da producção nacional, porquanto ahi se estipula que se façam "emprestimos aos interessados, sobretudo, productores, mediante condições, prazo e juros modicos determinados pelo conselho e garantia de productos agricolas nacionaes *de facil e segura conservação*", etc.

Ora, o assucar, ao contrario, é facilmente deterioravel, não podendo ser indefinidamente conservado nos armazens de que fala a lei, tornando-se, por isso, necessario exportar-o para o estrangeiro logo após a sua acquisição.

A defesa dessa mercadoria implica ainda amparo á lavoura da canna, e d'ahi a comprehensivel necessidade de haver tambem para o assucar um fundo especial, solidamente reforçado, que obste a baixa a preço vil, como se tem verificado, de um producto que, mais do que outro qualquer, em nossa producção, ha longos annos improficuamente pede assistencia firme, resoluta e continua.

Entrando como elemento da economia nacional sob duas modalidades distinctas, bipartindo-se em productos de applicação diversa, a lavoura da canna é uma fonte primaria da nossa riqueza que exige protecção simultanea, solicitude de duplo objectivo, estando, por isso, em situação differente dos demais recursos da producção agricola cuja exportação *in natura* torna mais facil, em seus bons resultados, o zelo providente que se empenhe em seu prol.

Indispensavel era, portanto, que a acção defensiva do assucar se especializasse, ou, melhor, se especificasse num organismo em harmonia com a natureza da producção a resguardar, de modo a

garantil-a contra os effeitos incertos de um plano de valorização não sómente elastico demais e, porventura, demasiadamente generalizado, como para premunil-a contra a evidente precariedade e escassez de recursos, de que dependeria, se englobada no projecto de defesa geral.

Assim pensando, cremos, foi que o Sr. Miguel Calmon formulou o seu projecto, apresentado ha poucos dias á Camara, creando a Caixa Nacional de Exportação de Assucar para o Estrangeiro.

O autor desse trabalho, que é o primeiro, em tal sentido, submettido ao Congresso com uma finalidade claramente bemfazeja, assegura, pelo seu proprio nome, a excellencia das idéas que elle exterioriza. Muito poucos devem ser, neste paiz, os homens publicos que tenham, como S. Ex., um cabedal mais completo de conhecimentos reaes ácerca das verdadeiras necessidades da economia brasileira. Em contacto com ellas tem vivido desde o inicio da sua carreira politica, e os serviços que, por vel-as attendidas, lhe deve o paiz, equivalem á posse de uma autoridade indiscutivel, para poder enfrentar esses assumptos com os melhores propositos de inculcar para cada um delles a solução conveniente e opportuna.

O projecto da Caixa de defesa do assucar exportado para o estrangeiro não corresponde apenas a uma necessidade premente de momento, mas delinêa a solução integral de um problema economico que, por muito velho e protelado, ficou entre os nossos problemas economicos com uma caracteristica irritante verdadeiramente indissimulavel.

Gravando o producto com uma taxa especial, e assás modica, para exclusiva applicação á sua propria defesa, o projecto integra-se nos principios de economia publica que dão á funcção impositiva do fisco um papel de justiça e coherencia que são a força especifica da sua legitimidade no movimento das riquezas, e que tão amiude vemos desnaturado e invertido em agentes de perturbação, compressão e asphyxia da livre circulação e expansão das utilidades mercantis.

Para se defender, bastar-se-ha a si mesmo o producto; e, muito embora não

desdenhe da parte que lhe venha a caber na divisão do fundo do café, o grosso dos recursos de que vai carecer a Caixa do Assucar provirá da renda especial que o imposto de 30 réis por kilo produzir e do producto das vendas que o aparelho fizer, de accordo com as disposições definidas e facultadas no plano que o projecto desdobra.

Por ahí se afere a sabedoria economica da medida, o escrupulo em não

deixar que a defesa do artigo repouse em contingencias aleatorias e em sobrecargas gravosas, em detrimento do surto de outros generos da nossa produção. E basta isso para tornar immediatamente confiante a expectativa que envolve o projecto e lhe auspicia, com seguro exito nos tramites legislativos, a patriotica efficiencia com que o imaginou e para que o redigiu o seu illustre autor."

O primeiro livro em inglez sobre o algodão brasileiro

Como todos guardam ainda de memoria, o Brasil hospedou, durante os mezes de Março a Setembro do anno passado, a missão ingleza Pearse, designada, pela Federação Internacional das Associações de Fiadores e Manufactores de Algodão, de Manchester, Inglaterra, para excursionar, em character tecnico, pelas regiões algodoeiras do paiz, estudando, nessa visita, o estado presente e as possibilidades futuras do nosso *ouro branco*.

Pela escassez do tempo de que dispoz, o Sr. Arno S. Pearse, Secretario Geral da Federação e chefe missionario, não se permittiu ir além do Estado do Rio Grande do Norte, esperando, todavia, poder muito em breve tornar ao Brasil e concluir a sua viagem ao restante dos Estados algodoeiros do norte.

Essa interrupção forçada não impediu, entretanto, que o Sr. Pearse, de regresso á Inglaterra, vazasse as suas primeiras impressões num relatorio official á Federação, nelle consignando as suas observações e as illações que dahi tirou.

O livro, intitulado "*Brazilian Cotton*" — "*Algodão Brasileiro*" — é mais uma publicação da Federação Internacional do Algodão, do genero do "*Indian Cotton*", "*Cotton Growing in Egypt*", "*Cotton Growing in the Anglo-Egyptian Sudan*", e dos dez relatorios officiaes dos Congressos Internacionais Algodoeiros.

Constituirá uma obra de consulta, lindamente encadernada, contendo cerca de 200 paginas, muitos mappas e vinte photogravuras.

Será distribuido, gratuitamente, a todos os membros da Federação Internacional do Algodão, representando perto de 90 % dos tecelões da Inglaterra, do Continente, etc., e terá um lugar permanente na estante de todos os grandes industriaes de algodão do mundo, e nos estabelecimentos brasileiros de descaroçamento e prensagem. Elle passará pelos olhos do universo inteiro, interessado na producção algodoeira.

E' o primeiro livro a apparecer editado em inglez, tratando do algodão brasileiro, o que faz prever o seu grande successo por occasião do Congresso Internacional Algodoeiro a reunir-se na Suecia, de 12 a 14 de Junho do corrente anno.

O trabalho está sendo impresso nas officinas dos Srs. Taylor Garnett & C. (Hudson & Kearns, Ltd.), Guardian Printing Works, Manchester, que farão tirar uma primeira edição de 3.500 exemplares, para distribuição, *gratis*, aos directores de fabricas na Europa, Asia e Sul America, e repartições de governos na maioria dos paizes. Será reservado um limitado numero de exemplares para a venda avulso, á razão de £ 1,1 s. cada um.

Póde ter-se, desde já, uma idéa do que conterà este livro pelo que se resume no seu indice:

Prefacio por eminente personagem — Introducção.

Geographia, Clima, Cursos dagua e Estradas de Ferro.

Historia, Constituição e Governo.

Industria brasileira de fição e tece-lagem de algodão.

Casas exportadoras de algodão — Escolha, classificação e enfardamento.

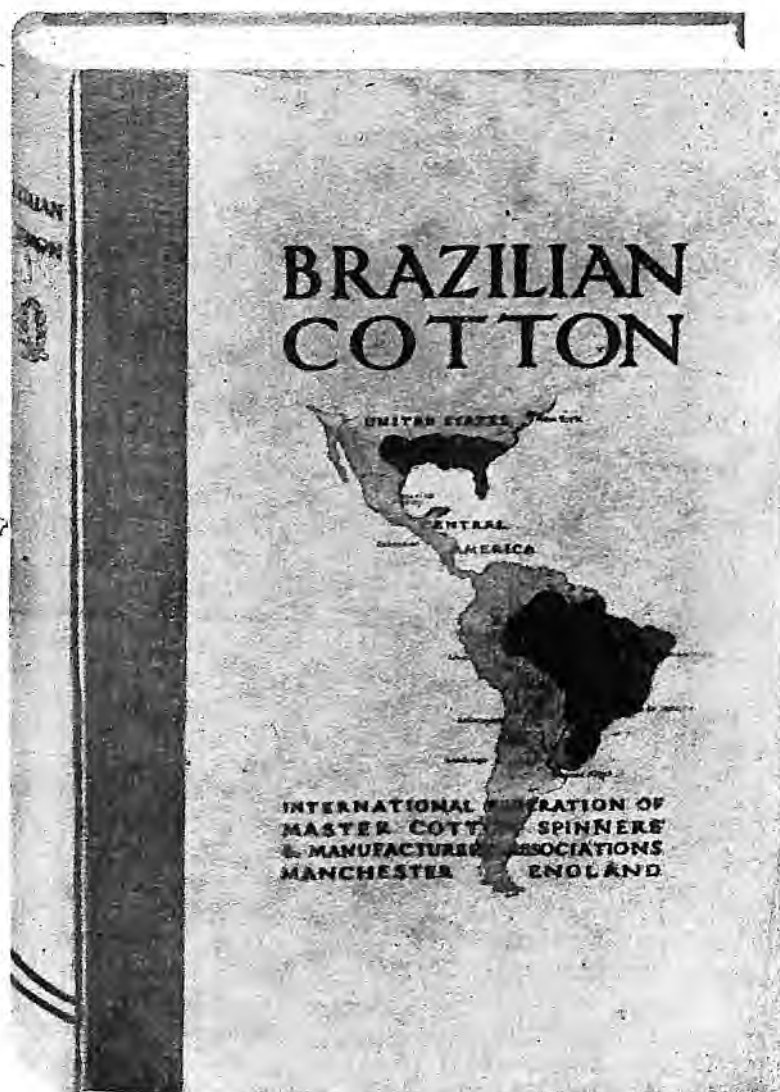
Observações geraes sobre o algodão brasileiro.

Cultura, descaroçamento e prensagem do algodão nos Estados de: S. Paulo,

Cultura do café em S. Paulo.

Conferencia do Sr. Arno S. Pearse na Sociedade Nacional de Agricultura do Brasil, Rio de Janeiro.

Notas sobre os principaes artigos de exportação.



Reprodução photographica do livro «Brazilian Cotton» — «Algodão Brasileiro» — que está sendo editado na Inglaterra

Sergipe, Parahyba, Minas Geraes, Alagoas, Rio Grande do Norte, Bahia e Pernambuco.

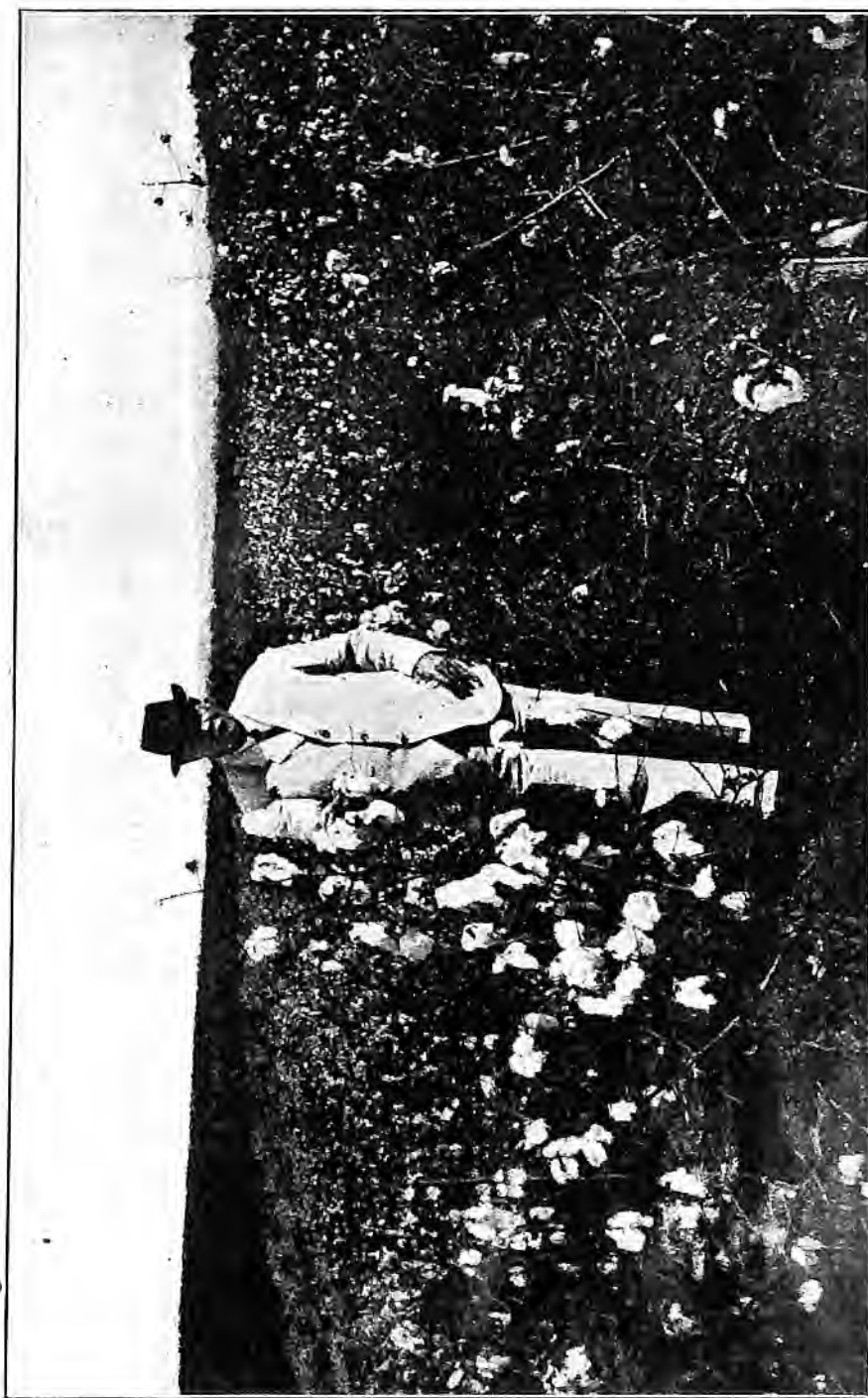
Appendice

Lista das fabricas de algodão no Brasil, incluindo fusos, teares, capital, etc.

As considerações adduzidas pelo Sr. Arno Pearse, no seu relatorio, em torno da questão do algodão brasileiro, embora, provavelmente, não constituirão novidade para os que se familiarizaram com o assumpto no Brasil, virão, por certo, despertar vivo interesse pela sua oportunidade.

E' o que facilmente se deprehe de das linhas abaixo, transcriptas e traduzidas do texto do "*Brazilian Cotton*".

mente no dominio da região da fibra longa, no delta do Mississippi, com o resultado que o algodão "*Bender*", de



Um algodoeiro em S. Paulo (ao fundo vê-se um cafezal). Uma das rivais photographicas que illustram o livro — «Brazilian Cotton».

"Ameaça de escassez do algodão de fibra longa"

"O "*boll weevil*" — "*gorgulho do capulho do algodão*" — entrou definitiva-

1 1/4 pollegadas, está hoje "mil pontos acima". Será impossivel, com a invasão da praga, produzir algodão de fibra longa nesses districtos durante um decennio, porquanto só se podem evitar

os prejuizos decorrentes do ataque do insecto plantando algodões precoces, que fructifiquem antes deste desenvolver-se. Ora, exactamente, o que se não encontrou, ainda, é uma variedade precoce de algodão de fibra longa, pois, as que existem, como tal, são de fibra curta. Nos districtos do "*Sea Island*", no *perimetro americano* (*American Belt*), pelo mesmo motivo, não se planta algodão de especie alguma, nem o herba-ceo.

"A outra, e unica, zona de fibra longa, nos Estados Unidos, é no littoral ca-

liforniano, — o districto do Arizona, — onde se cultivam, pela irrigação, os algodões egypcios com extraordinario successo. Esta produção, porém, destina-se, totalmente, ao consumo da industria americana de capas para pneumaticos.

"No Egypto, de que dependem, em grande parte, as fabricas de Lancashire para os seus tecidos finos, cuja manufactura cresce diariamente de volume, a produção, por *acre*, tem diminuido de modo assustador, como tambem, embora em menor vulto, o numero de *acres* plantados, conforme mostra o quadro seguinte:

	1913	1914	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921
Area ("feddans").	1.723.000	1.755.000	1.186.000	1.656.000	1.677.000	1.316.000	1.574.000	1.828.000	1.292.000
Colheita (fardos de 500 lbs.).....	1.537.000	1.298.000	961.440	1.022.000	1.262.000	964.000	1.114.000	1.200.000	700.000
Produção média. ("Kantars") (100 lbs.).....	4,46	3,70	4,06	3,10	3,75	3,66	3,54	3,28	2,67

N. R. — Um feddan equivale a 4.200 metros quadrados, um kantar a 50 kilogrammas, e um *acre* a 40.4671 metros quadrados.

"A produção egypcia talvez venha a soffrer, mais ainda, com as perturbações politicas que se vêm repetindo nesse paiz.

"As outras fontes de algodão de fibra longa, são: — as Indias Occidentaes e o Perú, onde se cultiva o algodão egypcio nos valles dos pequenos rios; e o Nordeste do Brasil, com as suas variedades arboreas desta malvacea.

"As colheitas no Brasil são superiores ás de qualquer outro paiz productor de algodão, no mundo; no entanto, ellas se depreciam pela inconveniente escolha e

classificação do producto, sendo comum a differença no comprimento das fibras de fardo para fardo, sobre nem sempre poderem conseguir-se repetidas consignações exactamente da mesma qualidade. São, comtudo, defeitos remediaveis. A differença de preço do algodão brasileiro, nestas condições, para o de outras procedencias, é bem notavel para compensar o trabalho duma classificação especial e maior limpeza no tratamento."

T. C. F.

A industria animal no Estado de Minas Geraes

A Directoria da Industria e Commercio tem procurado orientar os seus serviços de modo a facilitar o desenvolvimento da pecuaria no Estado, procurando fornecer os elementos necessarios á solução dos tres problemas principaes, relativos á mesma:

- Melhoria das pastagens;
- Immunização do gado contra as epizootias reinantes nas differentes zonas;
- Introdução dos reproductores mais convenientes.

MELHORIA DAS PASTAGENS

Augmentou-se consideravelmente a disseminação pelo Estado das sementes das plan-

tas forrageiras mais bem acceitas pelos fazendeiros mineiros.

A distribuição das sementes foi a seguinte:

Capim gordura rôxo	6.000 kilos
Capim gordura roxinho	4.894 "
Capim Jaraguá	10.110 "
Capim. Colonião	21 "
Favella	300 "
Chique-chique	110 "
Total	21.435 "

Convem notar que mesmo para os pontos muito

afastados, sem estrada de ferro, remetteram-se pelo correio sementes de capim.

A Directoria tem também procurado estudar as principais plantas forrageiras do Estado, algumas desconhecidas e outras já conhecidas empiricamente pelos criadores, como boas plantas forrageiras.

Foram organizados dois quadros de analyses, ordenados em relação á qualidade de proteínas. O quadro n° 1 contem as analyses de 15 forragens superiores ao feno bom, e uma, a "Favella", que, além de rica em proteína, tem uma quantidade enorme de substancias outras azotadas. O quadro n. 2 contem as analyses de outras plantas forrageiras communs no Estado e de bom valor nutritivo.

No quadro n° 1 existe uma leguminosa forrageira, a *vicia graminea*, mais rica que a alfafa e poderá substitui-la com vantagens. Outras plantas estão em estudos. Algumas são curiosissimas, pela riqueza em proteína e gordura, e uma destas, da zona de Salinas, forneceu 19,333 por cem, de proteína e 9.10 de gordura. Esta ultima não pode ainda ser classificada botanicamente pela falta dos elementos principais da planta, que ainda não foram fornecidos.

Temos esperanças que a alfafa, dentro de alguns annos, não precisará ser importada, sendo substituida pelo feno da *vicia graminea* e de outras plantas forrageiras da nossa flora. A *vicia graminea*, leguminosa abundante na zona da Mata da Corda, tem sido praticamente observado pelos criadores daquella zona, com os resultados os mais favoráveis. Até agora se sabe que os bovinos, os cavallares e os suínos a devoram com voracidade, engordando e desenvolvendo com rapidez. O feno da *vicia graminea*, inteiramente semelhante ao da alfafa, offerece um bom aspecto e exala um cheiro agradável.

No posto zootechnico do Prado, vão ser feitos censos de 10 X 10 metros para a plantação e observação das diferentes leguminosas estudadas por esta Directoria, que assim poderão, em conjunto, ser vistas pelos interessados.

Convem observar que algumas destas plantas têm sido examinadas também na America do Norte e têm sido muito admiradas, havendo pedidos por intermedio da Escola Agricola de Lavras, de maiores quantidades de plantas, sementes, etc., assim como tem os americanos procurado se informar das condições sobre terrenos e climas em que estas plantas germinam em boas condições.

IMMUNIZAÇÃO DOS REBANHOS

Grande parte da nossa atenção está voltada para esse assumpto e temos tido todo empenho em attender com presteza os pedidos dos fazendeiros, fornecendo os elementos, para evitar as epizootias reinantes nos nossos campos.

Das molestias prejudiciaes á pecuaria, algumas estão bem conhecidas e estudadas e existem processos seguros para combatel-as: umas são tratadas ainda por processos algum tanto empiricos, mas apresentando resultados satisfactorios; outras, finalmente, estão sendo estudadas pelos competentes, que procuram com esperanças os meios de evital-as.

As molestias dominantes, com nomes pelos quaes mais se conhecem, são seis:

1° — Carbunculo symptomatico (peste de anno);

2° — Peste dos porcos;

3° — Pneumo-interite dos bezerros;

4° — Cara inchada (osteoporose) que ataca os cavallares;

5° — Febre aphtosa;

6° — Tristeza ou piroplasmaose bovina.

1° — O carbunculo symptomatico não offerece mais gravidade porque a vaccina contra o mesmo, fornecida pelo Instituto de Manguinhos, é infallivel, para evitar a molestia. Felizmente, os nossos fazendeiros estão bem convencidos disto e de anno para anno augmenta consideravelmente a procura de vaccinas. No anno de 1915 as vendidas pelo almoxarifado do Estado não ultrapassaram muito a 500.000 doses, porque o Ministerio da Agricultura, que havia offerecido as mesmas vaccinas ao Estado, não pôde satisfazer os pedidos da Directoria. Se tivéssemos normalmente continuado as compras directas de vaccinas ao Instituto de Manguinhos, provavelmente o almoxarifado do Estado teria feito remessas mais consideraveis que as indicadas nas estatísticas.

Fornecimento de vaccinas:

1915 - 498.310

1914 - 425.255

Donde um augmento sobre 1914 de 73.055 doses.

Foram entregues 247 seringas completas e 27 agulhas.

Tem havido difficuldade em se obter estojos, para vaccinação, porque quasi todos vinham da Alemanha. Agora estamos providenciando para que nos sejam fornecidos pela America do Norte. Já estamos ultimando negociações, para o fornecimento immediato de 2.000 estojos completos, além de accessorios.

2° — Peste dos porcos — Problema importantissimo que foi resolvido pelo Sr. Dr. H. Marques Lisboa, director do Posto de Observação e Veterinaria, federal, nesta capital.

A peste dos porcos, conhecida por batedeira ou *hog-colera*, é uma molestia que se apresenta principalmente sob dois aspectos:

a) — *Fôrma aguda*: — Dizima rapidamente as grandes criações, acarretando enormes mortandades, como sejam a redução em um mez, de uma criação de 800 cabeças a pouco mais de 100. E' sob esta fôrma relativamente rara, que melhor se observa a dyspnéa (batedeira);

b) *Fôrma chronica* — Existe em quasi todas as criações de porcos, acarretando mortandade de 10 a 20%, sensível, principalmente, nos leitões.

E' por causa destas duas fôrmas da pneumo-interite dos porcos que em o Estado de Minas e mesmo fóra daqui, não se encontram criações com um pouco de sangue puro, capazes de attingir a um numero de 500 cabeças. Apenas este numero é attingido ou ligeiramente ultrapassado, desmorrna a criação.

Felizmente o problema da *peste dos porcos* está resolvido. O sôro preparado pelo Sr. Dr. Lisboa offerece melhores resultados que os das estatísticas americanas e européas.

Infelizmente, o Posto de Observação de Bello Horizonte está embaraçado pela falta de recursos sufficientes para o preparo do sôro, parecendo que o Ministerio da Agricultura não tem sabido avaliar a importancia do problema. Tão parçamente tem fornecido os meios necessarios ao Sr. Dr. Lisboa, que só á invejavel tenacidade e dedicação deste, deve-se não estar paralyzada a fabricação do sôro immunisante da batedeira.

Secretaria da Agricultura, Industria, Terras, Viação e Obras Publicas do Estado de Minas Geraes
 Directoria da Industria e Commercio

Analyse qualitativa de diversas plantas forrageiras communs no Estado e de bom valor nutritivo

	Chloris pendula (Grama de jacobina)	Paspalum notatum (Capim de pasto ou grama comum)	Stenotaphrum glabrum (Gramma mineira ou grama larga)	Grana lanceta	Paspalus conspersum (Capim milhã do brejo)	Paspalum mandiocanum (Gramma de Pernambuco)
Agua	16.98	10.91	36.23	34.98	36.69	35.47
Cinzas	14.74	13.08	11.90	11.77	10.93	9.19
Proteínas	1.81	2.52	2.51	2.07	1.54	2.55
Gorduras	28.16	27.90	17.50	19.50	19.14	22.52
Cellulose	38.31	45.59	31.86	31.68	31.70	30.27
Subs. extract. não azotadas.....	100.00	100.00	100.00	100.00	100.00	100.00

	Panicum spectabile (Capim de Angola)	Melinis minutiflora (Capim gordura)	Adropogon rufus (Capim Jaraguá)	Saccharum officinarum (Canna na taquara ou canna bambú)	
		Róxo	Antes da flor Depois da flor		
Agua	33.10	21.10	18.95	10.12	29.54
Cinzas	9.04	8.22	9.52	7.71	3.27
Proteínas	1.82	8.42	5.78	4.66	1.80
Gorduras	23.71	1.75	1.01	1.41	21.47
Cellulose	32.33	27.33	30.92	35.67	43.92
Subs. extract. não azotadas.....	100.00	36.22	33.82	40.42	100.00
		100.00	100.00	100.00	

Secretaria da Agricultura, Industria, Terras, Viação e Obras Publicas do Estado de Minas Geraes

Directoria da Industria e Commercio

Analyse qualitativa de diversas plantas forrageiras recommendaveis, estudadas pela Directoria e analysadas no laboratorio do Estado, em 1915

	<i>Solanum bullatum</i> (Capoeira branca)	<i>Solanum grandiflorum</i> (Fruicta de lobo)	<i>Vicia graminea</i> (.....)	<i>Medicago sativa</i> (Alfafa)	<i>Crotalaria anagyroides</i> (Chique-chique)	<i>Desmodium incanum</i> (Carapicho)	<i>Desmodium uncinatum</i> (Carapicho de boi)	<i>Ternstroemia uncinata</i> (Amendoim de vaca)
Agua	10,468	11,31	14,11	8,77	13,59	7,87	10,64	9,88
Cinzas	9,980	4,83	4,72	9,54	4,12	12,03	7,59	7,55
Proteinas	23,920	19,47	19,23	16,88	11,95	14,91	14,81	13,17
Gorduras	3,161	3,16	1,52	1,42	1,67	3,11	3,25	2,18
Cellulose	26,780	35,85	29,87	29,38	33,34	26,80	27,66	35,68
Subst. extract. não azotadas	25,688	25,38	30,55	34,01	32,33	25,28	36,05	31,54
	100,000	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

	<i>Lappia reptans</i> (Herva do Suidouro)	<i>Indigofera lespedezioides</i>	<i>Paspalum virgatum</i> (Capim de folhalar)	<i>Desmodium leiocarpum</i> (Amor-sinho secco)	<i>Stylosanthes guyanensis</i>	<i>Stylosanthes humilis</i>	<i>Stylosanthes scabra</i>	<i>Pithecellobium pedicellare</i> (Faveilla)
Agua	9,80	11,52	11,08	9,524	13,29	15,30	14,45	13,56
Cinzas	19,28	9,47	9,43	4,980	4,61	6,33	7,64	1,59
Proteinas	12,49	11,93	10,94	10,820	10,62	10,49	10,27	8,09
Gorduras	3,52	0,87	2,09	2,180	3,42	3,12	4,44	0,84
Cellulose	12,32	22,78	30,88	39,846	33,20	32,00	27,23	16,33
Subst. extract. não azotadas	42,59	43,43	35,58	32,550	31,86	32,76	35,97	59,59
	100,00	100,00	100,00	100,000	100,00	100,00	100,00	100,00

Si fossemos esperar que o Ministerio da Agricultura dêsse os meios necessarios ao aparelhamento do Posto de Observação de Bello Horizonte, para o fabrico do soro em quantidade sufficiente, ficaríamos na expectativa por muito tempo, parecendo ser mais pratico o Estado aparelhar-se, com seus proprios recursos, sem a menor dependencia do Governo Federal, tendo a experiencia mostrado que o serviço de prophylaxia está atrasado no Estado, não só por culpa nossa, mas por termos julgado que seria efficaz a acção da Directoria de Industria Animal do Ministerio da Agricultura.

3º) — *Pneumo-enterite dos bezeros* — Esta epizootia, que ultimamente está dando grandes prejuizos aos fazendeiros da zona sudoeste do Estado, estava cuidadosamente sendo estudada pelo Posto de Observação de Bello Horizonte, mas ultimamente o Ministerio da Agricultura annunciou já estar descoberta a vaccina da mesma.

4º) — *Cara inchada (osteoporose)* — Molestia gravissima que ataca principalmente os cavallares, não havendo ainda meios curativos, parecendo muito contagiosa. Já temos perdido cavallos arabes e jumentos com esta molestia.

5º) — *Febre aphtosa* — Esta febre perdeu para grande parte dos criadores a importancia que apresentou nos seus primeiros surtos; a sua benignidade actual não é tão despidida de importancia, no ponto de vista economico, como poderá parecer. O Sr. Dr. Lisboa encara esta epizootia sob tres faces:

a) — *Casos de benignidade extrema* — Não morrem os bovinos; os animaes de aphta não se alimentam durante varios dias e os bois de carro ficam impossibilitados de serviço durante cerca de um mez. A falta de alimentação e a febre trazem um emmagrecimento que retarda a venda em boas condições dos bovinos, que foram atacados pela molestia; a diminuição do leite das vaccas é bem notavel e acarreta um prejuizo mercantil não pequeno, e a esse respeito o prejuizo deve ser completo, porque tal leite não deve ser aproveitado para uso do homem, pois é um producto impuro, que não poderá ser considerado um alimento;

b) — *Casos de gravidade média* — E' a mais frequente e ha a accrescentar o augmento de prejuizos causados pela mortandade dos bezeros;

c) — *Casos graves* — Aphtosa mortal, observa-se nas criações que estiveram durante alguns annos isoladas e sem molestia, mas que depois foram infectadas de novo.

E', pois, de absoluta necessidade a descoberta de um methodo preventivo que venha obstar as desagradaveis incursões annuaes da febre aphtosa em differentes zonas do Estado.

Temos esperanças, depois de experiencias já feitas e de bons resultados, que o Sr. Dr. Lisboa tenha achado a solução para o caso.

6º) — *Tristeza ou piroplasmoze bovina*. — Molestia gravissima, que dificultava muito a aclimação em nosso Estado de reproductores bovinos estrangeiros, pois, a mortandade destes era superior a 50 % dos animaes importados; deixou, felizmente, de ser o espantelho dos que procuravam melhorar o gado por cruzamento. A vaccinação pelo *Tripanblau* dá bons resultados, e a modificação da technica feita pelo Sr. Dr. Lisboa, do Posto de Observação de Bello Horizonte, veio tirar o risco que ainda corriam os bovinos no periodo da vaccinação. Depois das "injecções precoces", aconselhadas pelo Sr. Dr. Lisboa, a elevação thermica não se repete e dois ou tres dias

depois da injeccão o animal se apresenta perfeitamente immunizado e sem febre.

Consideramos importantissimo o problema da prophylaxia dos rebanhos contra as epizootias mais graves, que apparecem nas differentes zonas do Estado. E só vemos um caminho a seguir, para uma acção rapida e proveitosa:

O Governo encampou as balanças de pezagem do gado, e essas balanças produzem annualmente um liquido de 125 contos; poderíamos com esse dinheiro confiar ao Instituto de Manguinhos a criação do nosso serviço de veterinaria. Manguinhos já tem o aparelhamento necessario para estudar e resolver qualquer problema que appareça, além de possuir um corpo de profissionais competentes e dedicados que está acostumado a trabalhar com dedicação e disciplina.

A nota da secção de Industria Animal dá detalhes sobre o estado do serviço de veterinaria.

BANHEIROS CARRAPATICIDAS

A Directoria de Industria e Commercio estudou um typo de banheiro, pequeno, calcado no typo americano, com as modificações necessarias a facilitar o banho no gado bravo. Todos os esclarecimentos são dados aos fazendeiros para a construção e o carregamento do banheiro. Tem havido grande procura de plantas que são fornecidas gratis aos interessados, havendo sido confeccionados dois projectos, um em alvenaria ordinaria e outro em cimento armado.

c) — *Introdução de reproductores* — Em 1915 não foi importado do estrangeiro gado reproductor de raça, destinado a melhorar por cruzamento os rebanhos do Estado, pelas difficuldades creadas pela guerra européa. Interrompeu-se, assim, um serviço bom e já bem estabelecido.

Para supprir em parte a falta de importação de reproductores, esta Secretaria lançou mão dos elementos nacionaes disponiveis e, em Abril, comprou em leilão do Ministerio da Agricultura, por 6:249\$100, seis garrotes, sendo dois Schwitz, dois Herefords, um Polled-Angus e um Caracú.

Recentemente encomendou da fazenda do Sr. Dr. Assis Brasil, no Rio Grande do Sul, 30 reproductores bovinos Devon e 15 casaes Jerseys.

Postos zootechnicos. — O Governo continúa prestando assistencia aos criadores mineiros, por intermedio dos postos zootechnicos, onde estão estabelados os animaes destinados a reproducções das especies e raças apropriadas a cada zona. Este serviço, porém, precisa ter maior amplitude e ser organizado de modo a poder ser espalhado pelo Estado, sem grande onus e com certas garantias.

Muitos dos postos que estavam sendo custeados pelas municipalidades, apresentavam resultados completamente negativos e os animaes soffriam alli mau tratamento.

Parece-me que em linhas ligeiras poderíamos adoptar o seguinte systema:

A Directoria de Industria e Commercio projectaria tres typos de installações, conforme a importancia do posto. As construcções ficariam por conta das municipalidades, o Estado verificando as condições de execução.

Preparados os estabulos, etc., o Governo forneceria os animaes necessarios em numero e em especies apropriadas, para servirem durante um certo tempo. Os animaes ao serem enviados se-

riam pesados em presença de um empregado da Camara e esta, depois de recebê-los, ficaria com a obrigação de restituí-los ao Governo com igual peso ou em perfeito estado de saúde. Caso isso não acontecesse, ficaria sujeita a uma multa equivalente ao prejuizo causado. No caso de epizootias, o Governo estudaria cada caso particular e decidiria como fosse de justiça.

Transportes gratuitos — Temos attendido nas condições do regulamento e mesmo facilitando mais ainda, os pedidos de transportes de reprodutores e de sementes de forragens.

O ASSUCAR

O projecto de defesa, apresentado á Camara pelo deputado Miguel Calmon. — Manifestações de apoio á medida proposta. — O que se faz em Cuba em favor do assucar.

E' do teor seguinte o projecto de defesa do assucar, apresentado em Dezembro á Camara pelo Deputado Miguel Calmon, com assignaturas de deputados de todas as bancadas, e que foi recentemente sancionado pelo Sr. Presidente da Republica:

"Art. 1° — Fica creada a Caixa Nacional de Exportação do Assucar para o Estrangeiro, que terá personalidade juridica e será dirigida por uma comissão de oito membros, sob a presidencia do ministro da Fazenda e vice-presidencia do ministro da Agricultura.

§ 1° — A sede da Caixa será no Rio de Janeiro, tendo filiaes em Recife, Maceió, Aracaju, Bahia, Campos, Parahyba e S. Paulo.

§ 2° — Os membros da comissão directora da Caixa serão escolhidos entre as pessoas dedicadas á lavoura de canna ou á industria e ao commercio de assucar, cabendo a indicação de cinco desses membros aos respectivos interessados nos Estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Rio de Janeiro.

§ 3° — As nomeações serão feitas pelo presidente da Republica, mediante approvação do Senado Federal, por prazo de oito annos, sendo a designação feita todos os dois annos para dois membros da comissão, de modo que os primeiros nomeados terão, respectivamente, exercicio por dois, quatro, seis e oito annos, tirando-se á sorte os que devem ser substituidos em cada duos annos.

Art. 2° — Os fundos da Caixa serão constituídos: a) pelo producto liquido do imposto de consumo de 30 réis por kilo de assucar de qualquer qualidade, cobrado em todo o territorio nacional, desde a data da publicação desta lei; b) pelo producto da venda dos assucares que exportar a Caixa para o estrangeiro; c) pela parte que lhe fôr attribuida dos auxilios do governo para a defesa da produção nacional.

Art. 3° — Desde que o preço de assucar crystal na praça do Rio de Janeiro, esteja abaixo de 600 réis o kilo, a Caixa adquirirá as quantidades de assucar necessarias para que seja mantido esse preço minimo e as exportará para o estrangeiro.

Paragrapho unico — As compras serão distribuidas proporcionalmente á produção dos varios Estados, levando-se em conta a época das respectivas safras, os stocks existentes e os typos de assucar produzido.

Art. 4° — A Caixa competirá tambem promover a propaganda do nosso assucar no estran-

geiro e estimular a exportação de doces, confeitos, chocolates, etc., de produção nacional.

Art. 5° — Anualmente, apresentará a comissão directora um relatório ao Congresso Nacional, com todos os dados relativos ás operações da Caixa.

Art. 6° — Os membros da comissão directora são responsaveis pessoalmente pelos actos praticados na administração da Caixa e sujeitos ás penalidades previstas no Código Penal para os detentores de dinheiros publicos.

Art. 7° — O governo expedirá os regulamentos necessarios á organização da Caixa, creada por esta lei e procederá á sua immediata instalação, abrindo para isso os necessarios creditos.

Art. 8° — Revogam-se as disposições em contrario."

Dos principaes centros assucareiros do paiz recebeu o autor do projecto inequivocas demonstrações de applauso e apoio, o que evidencia que S. Ex. soube traduzir perfeitamente os interesses legitimos da industria, tão velha, quão desamparada, e bem assim, implicitamente, as necessidades reaes da lavoura da canna.

Pelo Sr. Presidente da Republica foram recebidos diversos telegrammas dos mais importantes centros productores, encarecendo as vantagens e a alta importancia do projecto Miguel Calmon.

E' do maior interesse conhecer-se a maneira por que o governo da Republica de Cuba defendeu o assucar, que é hoje, como se sabe, o maior artigo da produção cubana.

Veja-se o importante decreto do Poder Executivo da Republica, publicado na "Gazeta Official", de Havana.

"Decreto n. 155, de 11 de Fevereiro de 1921:

— Considerando que numerosos proprietarios de plantações de canna d'assucar e colonos se dirigiram ao poder executivo para scientifical-o de que nossa produção de assucar se vende, no actual momento, nos mercados mundiaes por preço muito inferior ao do assucar de outros paizes e abaixo do custo da produção, pedem, pelas razões adduzidas, sejam adoptadas medidas que venham pôr termo a essa situação dos negocios, situação que poderia acarretar o fechamento de varias fabricas e causar, se a produção diminuísse muito, notavel elevação dos preços futuros para os consumidores, cujos interesses são aqui reconhecidos e em cujo beneficio foi este decreto promulgado no actual momento, nos mercados mundiaes, por pre-

gado, visando esta medida especialmente os Estados Unidos da America, maiores compradores de nossos assucareos, e que devem desejar obter, agora, estes assucareos por preço razoavel e sufficiente para poupar grande prejuizo a esta industria, a que a nação tem ligados tantos capitaes;

Considerando que esses plantadores e colonos têm, muita vez recommendado, entre outras medidas, a instituição, com poderes plenos, de comissão composta de fabricantes de assucar e de banqueiros que facilitam adiantamentos de fundos sobre o assucar, devendo a dita comissão se encarregar de todas as operações relativas á venda e ao embarque da produção de 1920-21;

Considerando que toda medida que venha favorecer o fim almejado, isto é, que os assucareos de Cuba possam ser vendidos, conforme solicitam os mercados dos Estados Unidos, da Inglaterra e de outros paizes, a preços iguaes ou ligeiramente inferiores aos das outras regiões para o mesmo assucar, de modo a evitar o açambarcamento ou uma alta exaggerada dos preços, devendo essa comissão, sem hesitar, permittir assim aos nossos productores de assucar e colonos, como aos nossos negociantes, cumprir suas obrigações para com os mercados estrangeiros;

Considerando que, si durante as estações de 1917-18 e 1918-19, a exportação de nossos assucareos foi regulamentada de maneira a auxiliar as nações alliadas a Cuba na guerra européa, sob o regimen das leis que então existiam e que, hoje, ainda vigoram, não é logico admittir que, nas condições actuaes, medidas semelhantes sejam adoptadas, sempre sob o regimen das ditas leis, afim de salvar nossos fabricantes de assucar da falencia e poupar ao nosso commercio em geral um descrédito que o aniquilaria, se não estivesse elle em condições de cumprir suas obrigações, falencia que o collocaria na impossibilidade de obter, especialmente dos Estados Unidos da America, a grande quantidade de mercadorias que elle habitualmente importa daquella nação;

Usando dos poderes que a Constituição e as leis de guerra sempre em vigor nos conferem, resolvemos:

1ª — Constituir comissão denominada "comissão financeira assucareira", composta de sete membros, dois representando os grandes fabricantes, dois os pequenos fabricantes de assucar, dois os bancos que com seus empréstimos auxiliaram a colheita de 1920-21 e um representando os interesses publicos na pessoa do secretario da agricultura, commercio e trabalho.

2ª — Esta comissão será encarregada de todas as operações relativas ás vendas e ao embarque da produção de 1920-21, de reparar as rendas *pro rata* entre os detentores, de fixar o preço conforme a qualidade do producto vendido, de effectuar todas estas operações com os mercados estrangeiros.

3ª — A comissão decidirá e porá em pratica quaesquer medidas uteis e necessarias para o melhor desempenho de sua missão, bem assim as que venham em auxilio dos productos na medida do possivel, afim de que possam obter os creditos necessarios para effectuar a colheita. A comissão terá tambem, entre seus fins essenciaes, o de exercer os poderes que lhe são conferidos por este decreto visando a venda da produção de assucar nas condições regulares e em harmonia com as leis naturaes, de tal sorte que nenhum preço artificial possa ser creado.

4ª — A comissão pode nomear delegados junto dos differentes portos de embarque; e desde que o presente decreto comece a vigorar, nenhum armador, transportando productos saccharinos, poderá partir a menos que sua carga não tenha sido autorizada por certificado ou qualquer outro documento semelhante, passado pela comissão. O secretario do Thesouro e o administrador das Alfandegas serão responsaveis pela exacta observancia deste artigo.

5ª — Todas as autoridades remetterão, dentro de oito dias, á comissão, a partir da data em que este decreto entrar em vigor, uma declaração indicando todas as vendas feitas a paizes estrangeiros até a data daquella declaração. Esta declaração será assignada e reconhecida verdadeira por notario commercial, pelo vendedor, pelo comprador ou por seus representantes, devendo os contractos de compra e venda, a que se referem, ser annexados á declaração, assim como todos os accórdos para a venda de assucar bruto a refinadores ou a compradores que empregam estes assucareos nos Estados Unidos, devendo ser indicados os preços do assucar na data dos embarques, do mesmo modo que nos casos em que os preços futuros forem estabelecidos sobre bases outras que o preço do mercado; deverá ficar entendido que, nestes casos, as partes contractantes estarão de accôrdo com a comissão no ponto em que os ditos assucareos deverão ser refinados ou empregados pelo comprador mencionado no contracto e que não serão nem vendidos nem offerecidos á venda como assucar bruto. No caso de qualquer infracção a esta regra, a comissão terá a faculdade de recusar ás partes contractantes a autorização de embarcar os assucareos.

6ª — A comissão enviará ao presidente da junta dos corretores da Havana, representando todas as outras juntas, uma declaração hebdomadaria das vendas effectuadas e de seus preços, declaração que será publicada na "Gazeta Official", visando o estabelecimento da média quinzenal e da média mensal dos preços de vendas do assucar effectuadas por ella e pelas juntas de corretores, e os notarios commerciaes levarão isso em conta nas suas cotações, de modo a fixar, por seu turno, as médias correspondentes, de tal sorte que os contractos entre os productores de assucar e os colonos possam ser liquidados, sem prejuizo para outra qualquer forma de liquidação adoptada de comum accôrdo entre os productores e os colonos.

7ª — Os membros desta comissão não receberão nenhum salario por seu trabalho; terão, porém, o direito de fazer supportar ao *pro rata*, por todos os interessados, todas as despesas relativas a este trabalho.

8ª — Os actos da comissão não obrigarão, de modo algum, a responsabilidade do Estado ou dos membros da dita comissão, a menos que estes hajam commetido acto criminoso.

9ª — São designados para formar parte da comissão financeira assucareira: Manoel Rionda e M. R. B. Havoleo, representantes dos grandes productores, M. José M. Tarafa e Manoel Asquern representando os outros productores;

M. Porfirio Franca e M. Frank Beatty, representando os banqueiros, e o general Eugenio Sanchez Agramonte, secretario da agricultura, commercio e trabalho, representante do interesse publico.

10ª — O secretario da agricultura, commercio e

trabalho será responsável pelo cumprimento de todas as disposições deste decreto, que entrará em vigor desde que aquelle secretario annuncie na "Gazeta Official" que está de posse da aceitação de todas as estipulações previstas neste decreto pelos proprietarios das fabricas de assucar

representando ao menos 75% da produção assu-
careira da ultima colheita.

Palacio da presidencia, 11 de Fevereiro de 1921
— M. G. Menocal, presidente. E. Sanchez Agrá-
monte, secretario da Agricultura. Commercio e
Trabalho."

COQUEIROS CASTRADOS

Doença produzida pelo fungo "*pestalozzia palmarum*"

Esta doença cryptogamica é uma das mais curiosas na pathologia vegetal pelo effeito fulminante do cogumelo parasita sobre a fertilidade e mesmo a vida da planta.

Nos coqueirões situados nas condições medias do solo nas ladeiras da terra vermelha e ainda mais nas baixadas do solo argiloso e compacto, en-

castrados. Estes coqueiros se notam pelas palmas um tanto mais curtas, menos frondosas do que nos pés normaes. Frequentemente acontece que o cogumelo, tomando pé no coqueiro, produz effeitos muito mais profundos: as inflorescencias ficam suprimidas pelo cogumelo, quando ainda em embrião e as folhas novas que sahem do broto apresentam um aspecto curioso: o peciolo nasce leproso com feridas profundas de rachaduras transversaes cicatrizadas, com lecos enegrecidos, parecendo cauterizados pelo fogo.

Os foliolos, quando existem, ficam serrados uns a outros por falta do crescimento do rachis princi-



Fig. 1 — Coqueiro steril. por ser atacado de "*Pestalozzia palmarum*"

contra-se uma certa porcentagem dos coqueiros que não produzem, tendo todos seus cachos desprovidos de fructas.

Não ha, entretanto, nelles o especialista em abor-
tar os cocos, o besouro *Komalinotus coriaceus*. A razão desta sterilidade é a infecção permanente destes pés por um cogumelo parasita *Pestalozzia palmarum* Cook. Fig. 1.

O cogumelo microscopico vegeta nas folhas e no broto do coqueiro e logo que surge a inflorescencia invade a espatha-canoa e quando a inflorescencia abre, logo é tambem invadida pelo fungo e todas as flores, ou com poucas excepções, ficam



Fig. 2 — Coqueiro castrado pelo cogumelo "*Pestalozzia palmarum*". Inflorescencias destruidas quando em embrião. Folhas centrais arriodadas

pal e são sempre mais ou menos encrespados. Cada nova folha, nascendo, apresenta um aspecto mais alterado e finalmente sahem só tocos do peciolo, com foliolos queimados antes de nascer e o crescimento da planta pára, pela suppressão da cellula vegetativa do côno do broto. Fig 2.

Derrubado o coqueiro neste estado e examinado o broto ou o olho delle entre as folhas velhas normaes, ainda verdes, nota-se a ausencia do palmito.



Coqueiro com broto invadido pelo cogumelo: folhas centrais deformadas

da parte molle e succulenta que termina o tronco. O tronco todo é igualmente lignificado e termina em uma cabeça, cicatriz arredondada que se forma

tido. O coqueiro poderá ficar alguns mezes, pode ser um anno neste estado, porém, em seguida morre por exgotamento, pela asphixia. E' a sorte ge-

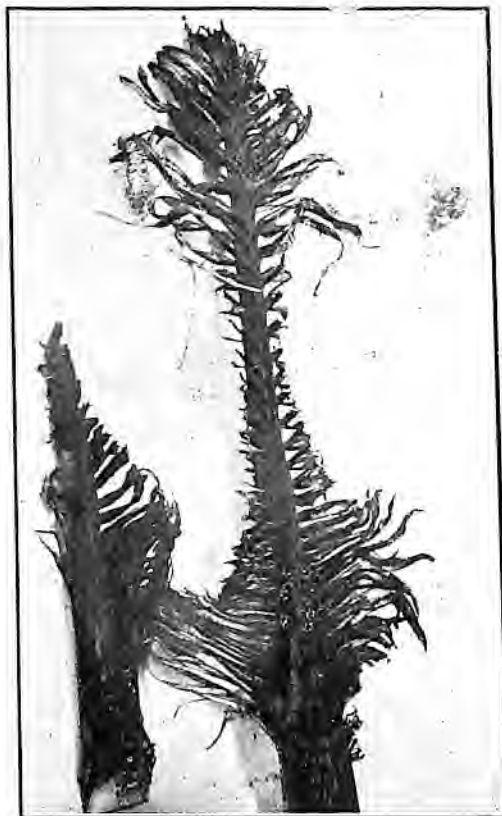


Fig. 3 -- Folhas centrais do coqueiro doente de «P. palmarum»: folhos queimados, petiolo deformado e leproso



Coqueiro depois da invasão do broto pelo «Pestalotia palmarum»: retomando crescimento, fcom o olho inclinado

da planta, porém absolutamente inutil: morta a cellula vegetativa que termina o broto, o crescimento da planta é irremediavelmente compromet-

ral de qualquer coqueiro invadido profundamente pelo cogumelo. Fig. 3.

Ha porém excepções. Observamos um pé que,

depois de emitir algumas folhas do centro bem queimadas, retomou o viço, porém, a haste ficou desviada para uns 60° ao lado: evidentemente o broto atingido pela doença contrahiou-se de um lado e o olho de vegetação também se inclinou. Fig. 4.

DESCRIÇÃO E PROPAGAÇÃO DA DOENÇA

— Nas folhas já desenvolvidas do coqueiro o cogumelo-parasita forma umas manchinhas amarellas, translúcidas, parecendo manchas gordurosas, que se estendem e juntam-se. A folha então começa a morrer, principiando pelas pontas dos folíolos.

Quando a folha já nasce deformada pelo cogumelo, com folíolos encrespados, as pontas delles já apparecem mortas. O processo da morte continua de cima para baixo. A faixa do tecido conquistado da folha pelo cogumelo apresenta-se também translúcida, como as manchas nas folhas desenvolvidas, progredindo a doença até conquistar o folíolo inteiro, que morre, parecendo queimado. Na parte terminal, depois da morte do broto e das folhas centrais, o que impede ao cogumelo propagar-se nos tecidos já formados. E' a auto defeza. Ociolo é leproso, com rachaduras transversaes profundas. Fig. 5.

Nas folhas doentes com manchas, ou queimadas, quando o tecido morre, apparecem sob a epiderme tanto na pagina inferior, como na pagina superior, umas pequeninas pustulas pretas, nas quaes se formam os conidiosporos caracteristicos do cogumelo. Nos tecidos ainda vivos da planta o mycelio do cogumelo é hyalino, septado. gumelo. Nos tecidos ainda vivos da planta, o mycelio torna-se de cor fuliginosa e forma agglomerações ou stroma preto, na superficie do qual apparecem outros germens de infecção — sporas menores, unicellulares e hyalinos. A's vezes o stroma tem aspecto globular de pyenidio e forma os pyenidiosporos tanto por dentro, como por cima.

Os conidiosporos são de cinco divisões, sendo as tres centrais coloridas e duas terminaes hyalinas. Uma dellas termina em 3 prolongamentos — cilios, desviadas em differente sentido, e outra termina num só pedunculo.

O colorido preto parecendo carbonizado, que se apresenta nos peciolo deformados de folhas, depois da epiderme cair, não é outra coisa senão o stroma fructifero do cogumelo. As vezes elle se apresenta em forma de hypho-filamento grosso, composto de diversos fios de mycelio e forma a fructificação na extremidade.

A doença é conhecida na India, Ceylão, Cuba e Trinidade.

TRATAMENTO CONTRA A MOLESTIA

Desde que as palmas comecem sahir com folíolos encrespados e queimados na metade superior, ou as vezes apresentando o peciolo um simples toco, o coqueiro está perdido. E' conveniente cortar-o e destruir a copa pelo fogo, para evitar a contaminação de outros pés. Coqueiros que apresentam não fructificam podem ser tratados com uma pulverisação abundante do broto com calda bordaleza de 1 % de sulfato de cobre e 1 % de sal extincto.

GREGORIO BONDAR

(Secção de Pathologia vegetal da Secretaria de Agricultura do Estado da Bahia.)

Instituto de Defesa Permanente da Produção Nacional

Já depois de estar em composição o nosso numero anterior, o Congresso Nacional modificou sensivelmente o primitivo projecto Sampaio Vidal, destinado a estabelecer a defesa permanente do café.

Em virtude dessa modificação, as medidas de amparo foram ampliadas, de maneira a abrange rem toda a produção exportavel, e o organismo administrativo a ser creado para attender ás exigencias do novo serviço tomou o nome de Instituto de Defesa Permanente da Produção Nacional.

Infelizmente, o Congresso encerrou a sua sessão deste anno sem ter dado andamento definitivo ao grande e benemerito projecto.

Esperemos que logo no começo da sessão vindoura elle seja approvado e convertido em lei, como é intenso desejo de todas as classes productoras do paiz.

Eis o teor do projecto:

“O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º — Fica creado o Instituto de Defesa Permanente da Produção Nacional, o qual terá personalidade juridica e será administrado por um Conselho composto do Ministro da Agricultura, como Vice-Presidente e mais cinco membros nomeados pelo Presidente da Republica, d'entre pessoas de notoria competencia em assumptos agricolas, commerciaes e bancarios.

§ 1º — Além da presidencia, o Ministro da Fazenda ou, na sua falta, o Ministro da Agricultura, terá o direito de veto das deliberações que forem contrarias ás disposições expressas desta lei.

Art. 2º — O Instituto de Defesa Permanente da Produção Nacional terá sua sede na Capital Federal e succursaes nos mercados em que o Governo ulgar necessario estabelecer os, sendo assistido por pessoal technico contratado especialmente para o serviço interno e externo nos differentes mercados.

Paragrapho unico — Não aproveita ao Instituto de Defesa Permanente da Produção Nacional o disposto no artigo 10, da Constituição Federal, em favor da União.

Art. 3º — A defesa permanente da produção nacional consistirá em:

I — Empréstimos aos interessados, sobretudo productores, mediante condições, prazo e juros modicos determinados pelo Conselho e garantia de productos agricolas nacionaes, de facil e segura conservação, depositados em armazens geraes ou nos armazens officiaes da União ou dos Estados.

II — Compra de café para retirada provisoria do mercado, quando o Conselho a julgar opportuna para a regularização da offerta;

III — Serviço de informações e propaganda dos productos agricolas nacionaes para augmento do consumo e repressão das falsificações.

Art. 4º — O fundo para a defesa permanente da produção nacional será de 300.000:000\$00, sendo 250.000:000\$ destinados ao café e 50.000:000\$ aos outros productos nacionaes.

Art. 5º — Este fundo será constituído pelos recursos seguintes:

a) lucros que forem apurados na liquidação do "stock" de café adquirido pelo Governo Federal;

b) lucros que forem apurados na liquidação do convenio Commercial com a Italia;

c) lucros liquidados das operações de defesa da produção;

d) contribuição dos Estados;

e) operações de credito, internas ou externas se o Poder Executivo as obtiver em condições favoráveis de prazo e juros e, sendo necessario;

f) emissão de papel moeda para completar o fundo da defesa, ficando o Poder Executivo expressamente autorizado para esse fim por esta lei.

§ 1º — A comissão terá como lastro a parte do fundo ouro de garantia de papel moeda que não está garantindo as emissões realizadas em virtude do dec. 3.546, de 22 de Outubro de 1918, e na proporção de 80% o café que fôr adquirido pelo Conselho ou warrantado pelos particulares e na proporção de 75% quanto aos outros productos warrantados.

§ 2º — Uma vez liquidadas as operações, serão incineradas mensalmente as notas correspondentes ás importancias emitidas.

Art. 6º — No caso de exigir a defesa do café a warrantagem desse producto comprado pelo Conselho para obtenção de maiores recursos para essa defesa, a warrantagem será feita na base minima de 50% dos preços correntes do café.

Art. 7º — Para a defesa commercial dos productos nacionaes, fica o Poder Executivo autorizado a entrar em accôrdo com o Banco do Brasil, para:

1º Serem admittidas a redescono, na respectiva carteira, dentro do seu actual regimen, letras ou notas promissórias, com uma firma de productos, industrial ou commerciante, assim como warrantes de assucar, algodão, cacão, borracha, mediante 70% dos preços desses productos constantes dos contractos feitos com as companhias de seguros, sendo todas essas operações feitas com emissão do Banco do Brasil e audiencia do Fiscal do Governo, em cada caso.

2º Organizar uma carteira especial de credito agricola, a titulo provisório, passando as suas operações para o Banco de Credito Hypothecario e Agricola, logo que esteja fundado.

Art. 8º — Para a organização definitiva do credito hypothecario e agricola destinado a prestar assistencia directa aos productores nacionaes, fica o Poder Executivo autorizado a auxiliar a fundação de um banco sob a fôrma de sociedade anonyma, com o capital inicial de 20.000:000\$, podendo ser elevado a 50.000:000\$ a juizo do Governo, com o direito de emitir letras hypothecarias até o decuplo do capital, vencendo essas letras os juros de 6% ao anno, garantidos subsidiariamente pela União, realizando esse banco emprestimos a longo prazo mediante garantia de hypothecas ruraes, e adiantamentos para custeio das propriedades sob penhor agricola ou pecuario, com o prazo de um anno, prorogavel por mais um, no caso de deficiencia da garantia.

§ 1º — O banco terá sua séde no Rio de Janeiro, operando em todo o territorio nacional, podendo ter succursaes nos Estados, a juizo do Governo.

§ 2º — A União poderá subscrever até 10.000:000\$ de acções do capital inicial do banco, podendo augmentar a sua contribuição, a juizo do Governo, nas elevações successivas do capital.

§ 3º — Poderá o banco participar, por subscipção de acções da constituição outros bancos identicos, organizados nos Estados, garantindo a União 4% dos juros de suas letras desde que os respectivos Estados por sua vez garantam pelo menos 2% desses juros.

§ 4º — Poderá o Banco de Credito Hypothecario-Agricola auxiliar os estabelecimentos bancarios e cooperativas que offerecerem garantias reaes, na fôrma que fixar o Regulamento expedido pelo Governo.

Art. 9º — Logo que estejam funcionando o Banco de Emissão e o Banco de Credito Hypothecario e Agricola, a assistencia financeira da defesa da produção nacional passará para essa organização bancaria.

Art. 10º — O Poder Executivo expedirá o regulamento necessario para execução da presente lei.

Art. 11º — Revogam-se as disposições em contrario."

Exposição-Feira de Bagé

O touro «Jacobino» (Hereford) campeão de campeões

A ultima Exposição-Feira, promovida pela Associação Rural de Bagé, Rio Grande do Sul, constituiu um acontecimento por todos os titulos notavel, e que mais uma vez evidenciou o consideravel progresso da pecuaria gaucha.

Os productos expostos supplantaram os dos annos precedentes, já em specimens nacionaes, já em estrangeiros.

Não ha duvida que a pecuaria rio-

grandense melhora rapidamente, tomando grande desenvolvimento, principalmente na zona de fronteira. Não vae exaggero algum em dizermos que já podemos fazer concurrencia aos productores estrangeiros, no que concerne á pureza de raça, tal é a orientação sadia e intelligente que estão seguindo os nossos criadores do sul, com a vantagem ainda de termos gado de raça devidamente acclimatado e, pois, em condições



O touro «Jacobino», campeão na Exposição-Feira de Bagé

de supprir vantajosamente as necessidades da pecuaria nacional no que respeita a reproductores finos.

Neste ultimo certamen de Bagé foram proclamados: o touro «Jacobino» (Hereford), dos Srs. Antonio Maria Mar-

tins & Filhos, e a vacca «Mauá» (Durhan), do Sr. Leonidas de Assis Brasil, esta, campeã, e aquelle, campeão de todas as raças.

E' do magnifico «Jacobino» a gravura que illustra estas notas.

O PÃO MIXTO BRASILEIRO

Empenhada a Sociedade Nacional de Agricultura em demonstrar praticamente a possibilidade de nos emanciparmos da tutela estrangeira no tocante ao trigo e farinha, dirigiu ella appello ao Governo do Estado de S. Paulo e ao Sr. director do Instituto Agronomico daquelle Estado, e estes, promptamente, attenderam ás suas solicitações.

Feliz do concurso valioso do Estado de São Paulo, nem por isso descança a Sociedade, que, querendo mesmo attingir ao fim collimado, está organisando aqui na Capital um centro de pesquisas scientificas sobre os fermentos que melhor possam actuar no caso da fermentação da farinha de trigo de mistura com a de mandioca. Essas pesquisas scientificas serão dirigidas pelo sabio professor do Instituto Oswaldo Cruz, Dr. Arthur Neivas, realizando-se os trabalhos praticos de panificação no importante estabelecimento desta capital "Panificação Primor", cujo proprietario, o nosso consocio e concidadão Sr. Alvaro Dixon, sollicitamente se promptificou em nos auxiliar em tão patriótica campanha.

Estamos, pois, de parabens na campanha de alta relevancia em boa hora emprehendida pela Sociedade Nacional de Agricultura.

A's pessoas a quem esta questão possa interessar e que tenham communicações valiosas a nos revelar, rogamos fazel-o sem perda de tempo, que as receberemos com especial agrado.

Em tempo. Com o Sr. Dr. Arthur Neivas fazem parte da comissão do "Pão Mixto" os Drs. Alfredo de Andrade, Gomes de Faria, Alvaro Dixon, Kronenberg e A. Gomes Carmo, secretario da comissão.

A comissão tem tido já varias reuniões na séde da Sociedade Nacional de Agricultura — Rua 1º de Março n. 15 — para onde deverão ser endereçadas as informações e suggestões referentes ao patriotico assumpto de que a mesma se occupa, as quaes, é ocioso dizer, serão sempre recebidas com especialissimo agrado.

Eis o officio dirigido ao Sr. Presidente do Estado de São Paulo.

Exmo. Sr. Dr. Washington Luis Pereira de Souza, DD. Presidente do Estado de S. Paulo. — A Sociedade Nacional de Agricultura, sinceramente preocupada com a situação contingente e até perigosa em que se encontra o Brasil, sujeito, de facto, ao estrangeiro, em relação a um genero, reputado de primeira necessidade e dado como essencial á independencia effectiva de um povo, como acontece com o trigo, cuja importação global pelo nosso paiz, partindo de réis... 48.000:000\$, com tendencia a subir mais e mais, apesar de já notavel desenvolvimento dos trigaes sul-riograndenses e convencia de que poderemos, com relativa facilidade, nos libertar de tão pesado onus, desde que intensifiquemos, nos Estados do Sul da Republica, a cultura desse precioso grão, e, concomitantemente, estabeleçamos e vulgarizemos, por todo o paiz, um ou mais typos de pães mixtos, nos quaes a farinha de mandioca entre em proporção avultada, resolveu dar

inicio a uma campanha perseverante e activa em favor desse *desideratum*.

Ao fazel-o, Exmo. Sr., esta Sociedade está persuadida de que V. Ex., certamente bem o aquilatará com o seu mui valioso apoio, permitindo ainda que os institutos technicos desse prospero Estado a auxiliem na tarefa que vae encetar.

Nestas condições, desde logo, sollicitamos a V. Ex. se digne autorizar o Instituto Agronomico de Campinas a proseguir nos interessantes trabalhos alli realizados nesse sentido, durante a phase aguda da conflagração européa, em que o nosso paiz se viu na imminecia de ficar sem pão de trigo, em virtude de rigorosa prohibição da exportação desse cereal pela Republica Argentina, que nos abastecia.

Desejando ardentemente que ecôe por todo o paiz a propaganda que emprehendemos, projecta esta Sociedade crear e manter no recinto da futura Exposição Internacional de 1922 a "Secção do Pão Mixto Brasileiro" promovendo alli demonstrações praticas de panificação e patenteadas, com dados insophismaveis, as vantagens de alta monta que nos advirão, quando, melhor orientados, soubermos aproveitar os productos panificaveis que a Natureza prodigamente nos offerece e que jazem infelizmente pouco explorados.

Esperando, pois, de V. Ex. uma palavra de animação, renovamos os protestos de nossa mui subida consideração — (Ass.) Miguel Calmon."

Eis a resposta do Sr. Director do Instituto Agronomico:

"N. 339. — Campinas, 8-Outubro-1921. ... Exmo. Sr. Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura. — Rio de Janeiro. — Tenho presente mui presado officio de V. Ex., n. 25|1.739, de 5 do andante, sobre o interessantissimo projecto de estabelecer no recinto da futura Exposição Internacional uma "Secção do Pão Mixto Brasileiro".

Em resposta, agradecendo, penhorado, a V. Ex. as bondosas referencias a mim feitas, e convencido da grande importancia do intelligente e patriotico objectivo almejado, terei o maximo prazer de corresponder, do melhor modo possivel, com o meu modesto concurso, ao honroso convite, na forma suggerida, que reputo excellentemente orientada.

Assim, pois, apressei-me em transmittir uma cópia do citado officio de V. Ex., á Secretaria da Agricultura, sollicitando a necessaria autorização, afim de, com tempo sufficiente, poder preparar um conjuncto bem demonstrativo e verdadeiramente pratico e efficiente.

Desejando sinceramente ter mais uma vez a grata oportunidade de collaborar com V. Ex. para a solução de um problema de tão grande alcance, que é o "Pão Nacional" e que virá proporcionar grande interesse geral, principalmente á classe proletaria, — prevaleço-me do ensejo para reiterar a V. Ex. as seguranças da minha distincta e subida consideração. Saude e fraternidade. -- (Ass.) J. Arthaud Berthet."

O CACAU BAHIANO

UMA COMUNICAÇÃO DO DR. HANNIBAL PORTO A' S. N. A.

O Dr. Hannibal Porto fez recentemente á Sociedade Nacional de Agricultura a seguinte importante comunicação sobre o cacau bahiano e o seu commercio:

"A reacção vae se fazendo sentir de maneira efficaz nos centros productores victimas da ganancia e da falta de probidade de certos intermediarios, que se não importam de sacrificar os creditos do paiz e os de sua producção, desde que dahi resultem lucros, embora transitorios e apparentes.

E' precisamente o que se dá com o cacau e a esse proposito o Syndicato dos Agricultores de Cacao, da Bahia, dirigiu-se ao Ministerio da Agricultura pedindo as providencias que estivarem em sua alçada, para cohibir o abuso de que estão sendo victimas os productores.

Diz o Syndicato que a referida lavoura tem necessidade de superintender e fiscalizar a exportação do cacao no porto de S. Salvador, no intuito de pôr obices a que o mesmo producto complete a ruína do productor, pela crescente e cada vez maior desvalorização.

Refere-se, como causa principal desta decadencia do cacau, ao systema de "baldeação", alli adoptado pelo commercio, que consiste na mistura de varias partidas compradas a differentes productores, ás vezes a differentes consignatarios e que são, por igual, de zonas diversas, formando um "typo" de exportação.

Affirma o Syndicato que não tem o proposito de attribuir a responsabilidade inteira da desvalia do cacau a este ou aquelle commerciante, ou á lavoura mesma, senão á natureza do negocio, causas geraes que inflectindo decisivamente sobre o productor, abandonado, repercutem no mercado de S. Salvador e afinal nos do exterior conspurcando o nome do Brasil.

E accrescenta:

E' o caso que classificação determinada por occasião da guerra, e que se vem fazendo até o presente, do cacau destinada á exportação em seus tres typos de "Superior", "Goodfair" e "Regular", com intervenção de um corretor e de um representante da Associação Commercial, admitte-se uma porcentagem de môfo, como podendo, por si só, principalmente determinar o maior ou menor desvalor do cacau.

"Ajunte-se a isso a má fermentação e uma certa apparencia, porventura, e nem sempre verdadeiro indice do má producto, o cacao vae decahindo de "Superior" a "Regular", como se possível fôra chamar de "Regular" a um producto que é simplismente ordinario, e até ordinario-simo".

Entretanto, continua o Syndicato nas suas ponderações, a lavoura prepara cacau superior, como prepara genero ordinario, sciente e conscientemente, convencida e decididamente, ou porque lhe acenem com preços que urge aproveitar, e que ella, na sua ingenuidade, julga magnificos, ou porque lhe faltam armazens nas fazendas, ou nos portos de embarque, ou porque lhe falleçam os recursos para montar devidamente os seccadores, etc., etc.

Alludindo ás classificações ditadas ou impostas para esse producto, como afinal o foram para o café, pelos mercados estrangeiros, o Syndicato diz que nada justifica a intromissão de vocabulos estrangeiros para caracterizar-se a qualidade.

Em ultima analyse, o Syndicato dos Agricultores de Cacau da Bahia solicita, no seu officio, ao Sr. Ministro da Agricultura, a revisão do processo de classificação do cacau, expurgado do typo superior qualquer defeito que se procure implantar ou introduzir com o misturado, typo manifestamente inferior, e de custo mais baixo; denominados os typos existentes, ou que venham a ser creados, em puro vernaculo; e condemnada, a exportação do artigo que se não presta ao consumo humano, desconhecida que outra é a applicação do cacau."

A Sociedade Nacional de Agricultura vê com bons olhos o gesto da sympathica associação, que na Bahia procura defender os interesses dos productores de cacau, já havendo nesse sentido prestado reaes serviços.

Ha notar, porém, quanto á ultima parte que o cacau pôde ser destinado, sobretudo, o da Bahia, ao fabrico de manteiga que tem usos variados e não se justifica a condemnação total a que se allude no final da representação.

Ainda ha pouco, de passagem pela capital bahiana tive della a honrosa incumbencia de examinar a situação do nosso cacau nos mercados europeus, não podendo desempenhar-me á altura da investidura em consequencia da premencia de tempo.

Entretanto, foi com o desejo de mostrar quanto esses assumptos merecem a minha attenção que indaguei das condições e praticas do principal mercado da Inglaterra, em relação ao cacau.

Este producto é distribuido em Londres pelos corretores em vendas particulares ou por leilões publicos, mediante a commissão de 1 % sobre o valor, devendo os pagamentos serem feitos pelos compradores no prazo de um mez depois das vendas.

A tarifa na Inglaterra cobra 42½s. por cwt. (50,8 kilos) para todas as qualidades provenientes de paizes estrangeiros, fazendo, porém, o abatimento de 7½s. por cwt., para cacau de procedencia das colonias inglezas.

As qualidades acceitas naquella mercado são de grande diversidade, e quando se trata de uma offerta é costume fornecer amostras do typo para a orientação da freguezia. Aceitam-se em Londres qualidades "fermented" ou "unfermented", e quando se trata de qualidades inferiores, não escolhidas ("garblings"); a venda deste typo é mais facil na Hollanda.

Com referencia ao systema de producção e cultivo do cacau na Costa de Ouro (Acora), o systema ahi é muito primitivo, sendo o trabalho feito principalmente á mão. O custo da mão de obra é mais ou menos 1s. 3d. por dia e mais 3d. á 6d. para a alimentação do operario. Não existem estufas ou seccadeiras, sendo o systema de lavagem no rio e seccagem ao sol quasi geralmente empregado, sem machinismos especiaes. O frete

cobrado de Acora a Londres é de 60/s. por tonelada, em saccos. A exportação do cacau é sujeita a uma taxa de exportação de 1/2d. por libra ingleza de peso.

Ao contrario do que se pratica actualmente na Costa de Ouro, procura-se melhorar os processos de beneficiamento na Bahia, estando empenhado

nisso o Syndicato dos Plantadores de Cacau, para quem eu trouxe varios catalogos com tipos de estufas de seccarem daquelle producto de fabricação britannica. Vê-se que ha na Bahia o proposito de melhorar as suas condições, o que eu espero seja imitado pelos demais Estados, que se dedicam á cultura do cacaueiro em larga escala.

ALCOOL INDUSTRIAL

O ALCOOL COMO COMBUSTIVEL NO AUTOMOBILISMO

De uma carta do Sr. Tillery, datada de Havana, tomamos interessantissima noticia, que merece ampla divulgação em nosso paiz.

Diz o missivista: Raramente vão de mãos dadas patriotismo e economia, patriotismo e logica, patriotismo e progresso scientifico; todavia, no caso, vertente, ha pouco, dado em Cuba, em que se deliberou empregar o alcool desnaturado, em lugar da gasolina excessivamente cara, devido á baixa do cambio cubano, ali o patriotismo andou de accordo com a sciencia, com a logica e com a economia. Quando em Junho ultimo o assucar cahiu em Cuba ao ultimo grão de desvalorização e, ainda por cumulo, o governo americano começou a lhe criar embarço, levantou-se em Havana. e depois em toda a republica, forte reacção, deliberando-se então como represalia substituir a gasolina americana pelo alcool do paiz, o que seria tanto mais facil, quanto estavam as usinas deitando fóra os seus melassos, por falta absoluta de emprego, depois que os tributaram nos Estados Unidos.

Provavelmente, alguns dos grandes distilladores de Havana não estiveram innocentes em todo esse movimento. Ha em Havana e em toda a ilha automoveis aos milheiros. Deliberado que se queimaria alcool desnaturado, em vez de gasolina, cada automovel, desde então, traz um letreiro em letras garrafas: "Trabaja con alcool". Outros acrescenciam ainda no mesmo cartaz: "Trabalha com alcool. Enquanto os americanos não comprarem o nosso assucar, nós não empregaremos a sua gasolina." Nesse meio tempo varias associações influentes, em cujo numero o "Rotary Club", começaram a estudar a questão.

Além do patriotismo, uma forte razão havia que levava todos a empregar o alcool e abandonar a gasolina — a economia — pois, enquanto o galão de gasolina, de mediocre qualidade, estava custando 50 centavos, a mesma quantidade de alcool desnaturado custava 35 e ainda com possibilidade de baixar.

Não é só isto: com um galão de gasolina consegue o motorista um trajecto de 20 kilometros e com o alcool 19, ou sejam apenas uma differença de 5% de kilometragem em favor do oleo mineral, o que é pouco.

Esperava-se que o commercio de gasolina baixasse o preço afim de eliminar a concurrencia do alcool, mas tal não aconteceu, pois as companhias fornecedoras de oleo ameaçaram retirar seus productos de todos os seus freguezes que vendessem alcool desnaturado. Nada, porém, conseguiram com suas ameaças, porquanto os distribuidores continuaram a vender ambos os combustiveis sem se importarem com as poderosas companhias. Desde que o alcool começou a ser empregado correntemente, não faltaram distribuidores deshumanos para danificar o pela addição de agua, o que levou o governo a baixar um decreto estabelecendo a gradação 95% em volume. A 1.000 partes de alcool de tal gradação ajuntam-se 0,5 partes de formolaldehyde, 3 partes de pyridina, 10 de ether sulphurico ou gasolina e 50 centigrammas de methyleno viola,

ceceo como principio colorante. Para queimar esse liquido, não foi preciso grande modificação no motor, pois bastou mudar a valvula de cortiça do carburador substituindo-a por outra de cobre e a machina funcionou perfeitamente bem.

A mistura supra tem, todavia, um certo inconveniente, é que, sendo bastante acida, em pouco tempo ataca os cylindros, mas isto se evita ajuntando-se-lhe amonia até neutralizal-a. Dizem em Cuba que o alcool tem a vantagem de sujar a tubolagem, muito menos do que a gasolina, que em pouco tempo deixa forte deposito de carvão.

Possue Cuba elemento seguro para abastecer-se a si mesmo de todo o alcool preciso e ainda para exportal-o, porquanto produzem os seus engenhos cada anno cerca de 150.000.000 de galões de melado, que, convenientemente fermentado e distillado, dará 50.000.000 de galões de alcool. Ora, gastando Cuba 21.000.000, sobrar-lhe-ão 29.000.000 para a exportação, que, vendidos a 35 centavos o galão renderão 10.150.000, que é quanto gasta a ilha presentemente de gasolina.

E' certo que Cuba tem elemento para augmentar ainda muito mais a sua produção de alcool, quer pelo augmento da produção das suas usinas, quer pela utilização dos assucares mais baixos transformando-os em alcool, desde que, bem entendido, os preços compensem. Demais, cada dia, em toda a ilha, aperfeioa-se a machinaria agricola, até esta data accionada pelo carvão, lenha, oleo mineral, mulas e bois carreiros; ora um dia virá que tractores, caminhões, machinas de cortar canna e todos os machinismos em geral serão movidos a alcool, e nesse dia o consumo deste combustivel não terá comparação com o que é hoje.

Para utilizar toda a materia prima consistente em 150.000.000 de galões de melado, só uma cousa é preciso — augmentar a capacidade das distillarias existentes e criar novas junto ás grandes usinas. Desde que tal aconteça, o alcool será produzido muito mais economicamente e, barateando, o seu consumo crescerá. Nessa occasião, quando a industria do alcool tomar a importancia que deve ter, o melado produzirá tambem outros productos não menos valiosos; porquanto, segundo um novo processo, já empregado em varias usinas nos Estados Unidos e alhures, as garapas e quaesquer outros liquidos depois de distillados, produzem ainda, economicamente, um adubo rico em potassa, acido phosphorico, azoto e materia organica.

Segundo os calculos do auctor do systema em questão, o engenheiro E. W. Denning, de Nova York, 1.000.000 de galões produzirão 350.000 libras de potasso e 1.050.000 de outros fertilisantes ou sejam 1.400.000 libras correspondentes a 700 toneladas de adubos.

Calculando o valor dessas 700 toneladas em \$140.000, tem-se para os 150.000.000 de galões de melado 105.000 toneladas de adubos, representando a somma de

Dollars = \$21.000.000 !

Ajuntem-se agora os 50.000.000 de galões de alcool, calculados a 35 centavos e o resultado em di-

neiro será: $50.000.000 \times 0,35 = \$17.500.000 !$

Assim, pois, temos 50.000.000 de galões de álcool a 35 centavos

	Dollars	=	17.500.000
Adubos	"	=	21.000.000
Somma	"	=	38.500.000

38.500.000 de dollars, só em um anno, e estes provenientes de resíduos, neste momento, sem nenhum valor venal ! !

(De "The Louisiana Planter" — Agosto, 27-21)

O galão americano, medida de liquido, equivale a = litros 3,78.

O ALCOOL MOTOR NA GUYANA INGLEZA

A acreditada firma londrina Booker Bros. Co. Ltd., divulgou, não ha muito, um relatorio que lhe enviaram da Guyana, dois funcionarios seus destacados naquella colonia.

Dizem os citados profissionais:

"As experiencias versaram sobre duas mixturas distintas a) e b).

a) Nestas experiencias tomámos 100 galões de álcool a 95%; 8 galões de kerozene e meio galão de pyridina. Experimentámos a mixtura supra em dois tractores Holt e Cleveland.

Eis o que constatámos:

1º — Nenhuma difficuldade para pôr o aparelho em marcha;

2º — O motor desenvolveu toda a sua força;

3º — O motor gastou 50 % mais do que, si estivesse queimando kerozene.

Em seguida experimentámos a mesma mixtura

a) em um automovel e obtivemos estes resultados:

1º — Velocidade regular e razoavel;

2º — O aparelho mostrou pouca flexibilidade, quando a velocidade subiu de 10 a 20 milhas por hora ;

3º — O aparelho gastou mais 50 % em comparação com o kerozene.

Fizemos outra mixtura b) na qual entraram 55,55 % de álcool superior, 42,78 % de ether, 1,11 % de kerozene e 0,56 % de pyridina.

Eis os resultados da mixtura b):

1º — Nenhuma difficuldade para a partida, excepto, porém, com o automovel Overland;

2º — Os aparelhos desenvolveram toda a sua força;

3º — As machinas renderam mais 10 a 15 %, do que si estivessem queimando kerozene de Trinidad;

4º — Maior flexibilidade do motor, sendo rapida a acceleração da velocidade, quando esta subiu de 10 a 20 milhas por hora."

Informaram mais os supra mencionados experimentadores que em 1920 a Guyana Inglesa importou 539.000 galões de gasolina e 605.000 de kerozene. Ora, podendo a colonia produzir todos os annos 1.900.000 galões de álcool a 95, segue-se que a sua produção de álcool industrial poderá exceder o consumo actual em cerca de 1.360.000 galões, o que equivale a dizer que com uma pequena produção de 27.000 toneladas de assucar tem a Guyana melasso sufficiente para todo o álcool combustível de que agora precisa.

E', de facto, interessante e utilissimo o estudo que, sob o titulo supra, publicou ha pouco o engenheiro Sr. Bernardo Morelli. Nesse seu trabalho trata S. S., entre outros capitulos, dos seguintes, a saber:

O álcool na illuminação; o álcool no aquecimento; o álcool motor; o combustível liquido; a pecuaria domestica e o aproveitamento dos resíduos das distillarias.

Crente de prestar optimo serviço á agricultura nacional, vae "A Lavoura", por determinação da directoria da Sociedade Nacional de Agricultura, reproduzir varios capitulos do valioso trabalho do

Dr. B. Morelli, esperando que da sua leitura resulte a convicção da utilidade positiva do álcool como agente de força e luz.

CONSIDERAÇÕES GERAES

.....

A sciencia e o trabalho das nações mais adiantadas já mostraram que, além do carvão e do petroleo, ha outros elementos de força, luz e calor; serão estes que nós pediremos ao nosso sólo, sem limite de quantidade, e de forma permanente

Para o Brasil, paiz novo de grande superficie e escassa população, o problema do combustível é o problema principal. Tudo quanto se prende á nossa actividade futura, ao nosso progresso, depende da sua solução.

Sem combustível o nosso sólo tão fertil será sempre insufficientemente aproveitado, o nosso subsólo eternamente inexplorado, nossas ferro-vias deficientes, nossas industrias limitadas, nosso povoamento incerto e demorado, nossas fronteiras desguarnecidas, nossa esquadra inutil, nossa marinha mercante sempre tributaria. O combustível não é só factor de riqueza nacional, é a melhor defesa da nossa autonomia economica, que com elle se fixa sobre bases inabalaveis.

Estudar, portanto, este magno problema não é só trabalho util, é obra altamente patriótica á qual ninguém tem o direito de se mostrar indifferente, seja qual fôr sua posição social, desde a suprema autoridade até ao mais humilde cidadão.

A grande e bella industria que tentaremos descrever do melhor modo que nos fôr possivel não é nenhuma novidade, visto que os paizes mais adeantados a exploram numa escala larguissima; já têm a experiencia de longos annos; seu tirocinio está feito, seus resultados constatados, seu aperfeiçoamento completo.

Pouco mais poderá melhorar, já que tudo está estudado. Não ha, pois, a temer o perigo de insuccesso de capitães e trabalho lançados a esmo. Nada temos a fazer senão seguir o exemplo que se nos depara.

E verdadeiramente extraordinario que, entre as inumeras tentativas agricolas, entre os numerosos projectos e publicações elaboradas, aliás por intellectualidades superiores, tenha passado sem a minima attenção uma industria, que ha mais de meio seculo preoccupa os maiores cientistas da Europa, á qual governos e associações dispensaram todos os auxilios financeiros e intellectuaes, a ponto de promulgarem leis especies que a amparassem, mesmo com graves prejuizos do fisco, que se estendeu de uma forma maravilhosa em toda a Europa central e septentrional, que, além de dar um combustível precioso, intensificou a pecuaria domestica, elevando-a a uma altura nunca esperada, é verdadeiramente extraordinario, não tivesse até hoje, no Brasil e principalmente em S. Paulo, Estado essencialmente agricola, um começo de execução, nem sequer uma publicação que a tornasse conhecida.

Não seremos nós que lamentaremos os milhares de contos de réis que o governo de S. Paulo fundiu na sua lavoura, mas lamentamos que, entre tantas tentativas e auxilios, ficasse esquecida justamente a industria agricola que, além de facil assimilação, resolve os maiores problemas da nossa vida economica.

Nós tentaremos preencher esta lacuna, reunindo sob forma clara e concisa a historia, o progresso e o futuro de uma industria que dará ao Brasil o unico elemento de riqueza que lhe falta — (o combustível.)

Fazemos votos para que o nosso trabalho, apesar das lacunas e defeitos de uma primeira tentativa, sirva de estímulo a outros que intellectualidades mais preparadas nos darão, originando-se d'ahi

uma industria destinada a ser a mais bella, a mais util conquista dos nossos tempos.

A ACÇÃO DA S. N. DE A. EM PROL DOS EMPREGOS INDUSTRIAES DO ALCOOL

No intuito de demonstrar a vantagem do emprego do alcool como combustivel liquido, convocou a Sociedade Nacional de Agricultura uma commissão technica, que está fazendo experiencias com um caminhão de sua propriedade e actualmente dirige circulares aos governos dos Estados concitando-os a prestigiarem tão patriótica campanha, de que depende em grande parte a grandeza do Brasil.

Ao Exmo. Sr. Dr. Carlos Sampaio, DD. Prefeito do Districto Federal, dirigiu a Sociedade Nacional de Agricultura o seguinte officio:

"A commissão especial, incumbida por esta Sociedade de estudar os meios de desenvolver as applicações industriaes do alcool, acaba de suggerir, entre outras providencias, a conveniencia do consumo do alcool carburetado, ao envez de gasolina, por todos os automoveis e motores em serviço dos Governos Federal, Estadual e Municipal.

Submettemos essa medida, na parte relativa ao serviço municipal, ao alto criterio de V. Ex.

Como poderoso estimulo para a substituição gradual da gasolina pelo alcool desnaturado, indica tambem a mesma commissão que se inclua no Orçamento Municipal um dispositivo que permita a isenção ou redução á metade do imposto municipal para os automoveis movidos a alcool, e a isenção do imposto e licença gratis para os motores que só empreguem esse combustivel nacional.

Em relação ao assumpto, dirigimo-nos nesta data ao Conselho Municipal e contámos com o valioso apoio de V. Ex., que foi dos primeiros a proclamar, em notaveis artigos publicados no "Jornal do Commercio", a importancia que tinha o problema para o Brasil.

De então para cá, o emprego do alcool, como succedaneo da gasolina e do kerozene, tornou-se de interesse cada vez mais nacional e essa solução, sobre importar em consideravel auxilio á lavoura da canna de assucar, cuja crise dia a dia se aggrava, nos libertará da importação de productos estrangeiros, até agora indispensaveis á nossa defesa militar e naval, em caso de guerra, devido á falta de organização da produção de alcool desnaturado e da respectiva distribuição para o consumo em todo o territorio nacional.

E' o que nos propomos realizar com a organização de uma grande cooperativa, que receba todo o alcool produzido no paiz e o distribua para o consumo, a exemplo do que se fazia na Allemanha, mas, para isso, é indispensavel que os poderes publicos auxiliem os nossos esforços, como alli sempre se procedeu, conseguindo-se, por isso, o admiravel exito, verificado plenamente na ultima guerra.

Pedimos e esperamos, por isso mesmo, a prestigiosa cooperação de V. Ex. para esse desideratum.

Reitamos a V. Ex., Sr. Prefeito Municipal, a segurança da nossa elevada estima e distincta consideração. — Miguel Calmon."

No dia 5 deste mez procedeu-se á primeira experiencia de alcool desnaturado como substituto da gasolina, em um auto-caminhão Ford, de pro-

priedade do Hoto da Penha, estabelecimento mantido pela Sociedade Nacional de Agricultura.

A mistura empregada foi a seguinte, com esta percentagem:

	Litros	Porcentagem
Alcool a 95°--C.	6,75	54,55
Ether sulph.--D 720.	5,50	44,44
Pyridina pura.	0,21	1,01
Somma.	12,46	100,00

Collocou-se no carburador o tubo de ar quente e diminuiu-se de cerca de metade a entrada de ar. O motor funcionou com absoluta regularidade, e os gases da combustão não deixavam cheiro algum, denotando combustão completa e em perfeitas condições.

A partida do carro fez-se com igual, senão com maior facilidade do que a obtida com a gasolina, largando o motor com um quarto de volta.

O auto-caminhão percorreu cerca de seis kilometros por estradas arenosas e mal conservadas, nas proximidades do Norte da Penha, vencendo com facilidade sensiveis depressões do terreno e rampas de 20 %, conduzindo, a principio, seis pessoas apenas e depois uma carga de 1.500 kilos.

O exito da experiencia foi inteiramente satisfactorio.

Influencia da alimentação granosa na postura das gallinhas

Experiencias interessantes acabam de ser realizadas na Allemanha, por Wieninger, com 100 gallinhas, communs alimentadas sem grãos durante um anno todo. As rações diarias foram dosadas da maneira seguinte, *per capita*: 20 grammas de restos de cosinha, 35 grammas de hervas ordinarias, 40 grammas de alfafa, 10 grammas de farinha de ossos e 30 grammas de sorvas. Estas diferentes substancias eram escaldadas em pequena quantidade de agua fervente, depois dessecadas e administradas na manhã seguinte. Constatou-se que somente 60 gallinhas, em 100, continuavam a postura, mas, produzindo menos da metade.

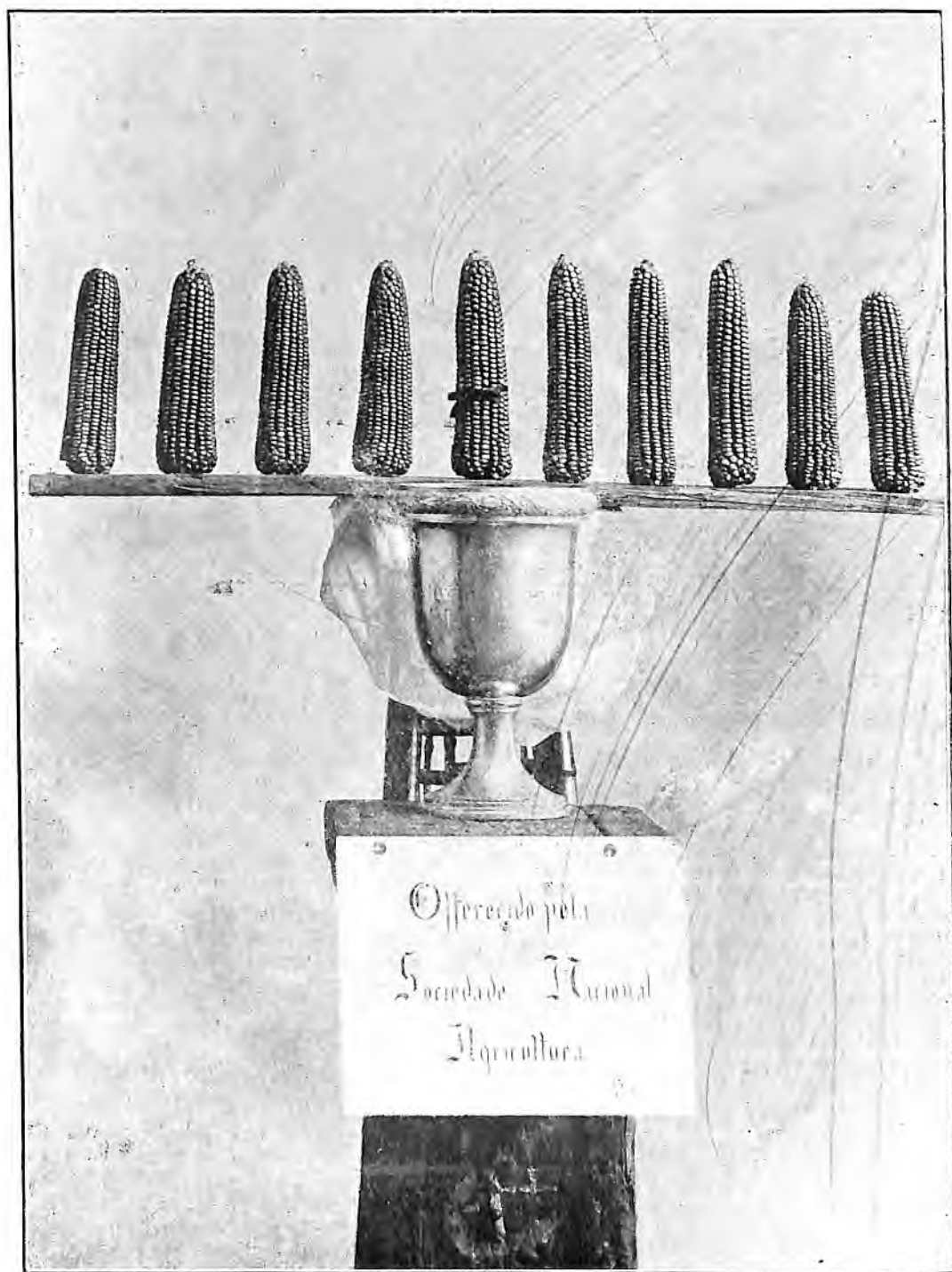
Apezar disso, seu estado geral em nada parecia soffrer e a analyse chimica provou que a composição dos ovos era sensivelmente normal, apenas com uma proporção ligeiramente menor de vitamina. Restabelecida, progressivamente, a ração granosa, as gallinhas entravam, em poucos dias na sua produção normal.

Wieninger teve, então, a idéa de repetir a experiencia com cincoenta individuos, introduzindo, porém, a farinha de carne, pois, sabe-se que os alimentos de origem animal são ricos em amidas. Os resultados foram em razão directa da proporção das farinhas de carne introduzidas na alimentação, proporção que variou de 10 a 60 grammas. Num periodo de 172 dias, a produção média foi, por gallinha, de 70 avos.

O optimum da produção attingida, pelas 12 gallinhas postas em ração maxima de farinha de carne e *per capita*, foi de um ovo por dia.

Ha, evidentemente, ensinamentos que tirar dessas experiencias, pois, a alimentação das aves nem sempre se faz racional e economicamente.

Segunda Exposição de Milho na Bahia



Lote campeão da Segunda Exposição de Milho realizada com o melhor crito na capital bahiana em 1921 — Em baixo, a taça oferecida pela S. N. de Agricultura

Cuidemos do rebanho caprino nacional

Um appêllo da Sociedade Nacional de Agricultura ao Sr. Ministro
Simões Lopes

O Sr. Ministro da Agricultura, acolhendo, com a merecida sympathia, o appêllo que lhe dirigiu a Sociedade Nacional de Agricultura, acaba de declarar a essa aggremação que proporá a inclusão, na lei orçamentaria vindoura, na parte referente aos favores concedidos pelo Governo para a importação de animaes, dos reproductores caprinos das raças mais afamadas, destinados ao melhoramento do rebanho caprino nacional que, segundo affirmou aquella Sociedade, "até hoje tem sido bastante descuidado pelos poderes publicos. mau grado o importante papel que elle poderá representar como factor da riqueza economica do paiz, notadamente no norte do Brasil, que constitue o *habitat* de eleição para essa especie animal, para não fallarmos das vantagens que o aperfeiçoamento e intensificação desse ramo de industria pastoril poderia levar a outros pontos do paiz, principalmente aos centros populosos, onde as cabras, conforme as suas aptidões, fornecem ao homem valiosos productos, dentre os quaes sobreleva o leite de superior qualidade."

"No Norte, — affirma ainda a Sociedade Nacional de Agricultura, — onde a criação de caprinos é já bastante desenvolvida, a intervenção dos poderes publicos como que se impõe, porque não é possível permanença inteiramente desorientado e desauxiliado esse importante factor da riqueza."

"E", ao contrario, a nosso vêr, curial que se procure apurar aquelle degenerado rebanho, levando ao criador nortista os ensinamentos de que carece."

"Seria, sem duvida, altamente conveniente a instalação, naquella região, de postos zootecnicos adequados, onde o nortista encontrasse os melhores reproductores, quer para a producção de leite e seus sub-productos, quer para a de carne, pelles, ou tosquia, utilizando para isso as raças Mambrina (Syria), Nubiana, Malteza, Murcianna, Angora e outras já consagradas pela experiencia aturada de outros paizes."

"Eis porque," termina a Sociedade Nacional de Agricultura, "como emprehendimento inicial dessa patriotica campanha que, em traços geraes, e, pois, imperfeitamente, tomamos a liberdade de delinear, lembremos a V. Ex. a conveniencia de esse Ministerio tornar accessivel aos criadores brasileiros os exemplares dessas raças afamadas, importando-os, puros de sangue, para os trabalhos de reproducção."

Fazendo essas interessantes e opportunas considerações, acolhidas de boamente pelo titular da Agricultura, a Sociedade Nacional de Agricultura se fez fiel interprete do seu digno consocio Sr. Dr. João Baptista de Castro, que appellara, em longa e bem fundamentada exposição, para o seu grande prestigio.

A dedicação e a autoridade do Dr. Baptista de Castro nesse e noutros assumptos interessantes á economia nacional, entretanto, seriam já uma garantia de pleno exito para o seu patriotico proposito. Mas S. Ex. quiz mais: e agora volve á presença da Sociedade Nacional de Agricultura, já

então escudado pela competencia do Dr. Luiz Misson, adduzindo mais algumas importantes informações em relação ao assumpto e que se contém na seguinte carta:

"Illmo. e Exmo. Sr. Dr. Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

Em additamento ás considerações e suggestões que tive a honra de submeter á apreciação da Sociedade, concernentes aos caprinos, pedindo a intervenção e bons officios da mesma, junto ao Exmo. Sr. Dr. Simões Lopes, actual Ministro da Agricultura, venho transmittir-lhe algumas informações que recebi do meu illustre amigo Dr. Luiz Misson, a quem me dirigi, ha mezes, solicitando-as, na Belgica.

Julgo bem fazer, reproduzindo fielmente, essas informações que, talvez, possam servir ao Exmo. Sr. Ministro, no caso que elle queira dar andamento a este problema, de grande alcance para o nosso paiz, mormente para as populações do Nordeste:

"Volvamos ás nossas cabras.

Tardei um pouco em vos responder porque queria ter as informações que me pedistes sobre as cabras flamengas e ao mesmo tempo algumas mais, que aguardava, para as da Nubia e as da Syria (Mambrinas).

Quanto ás flamengas, eu as posso encontrar, muito boas, nas cercanias de Ypres, Dixmude, Courtrai e poderia expedil-as; a menos que o vosso decreto do "Ministerio da Agricultura" não prohiba, posto que, se não me engano, este decreto exija um certificado em como a peste bovina não existia no paiz *desde pelo menos dois annos*. Ora, nós tivemos a peste bovina na Belgica, em Agosto e Setembro de 1921. Haveria talvez possibilidade de comprar na França, perto da fronteira, onde a peste não foi constatada. Mas, como eu já vos havia escripto, o custo desses animaes f. o. b. Santos ou Rio seria muito elevado.

Segundo meus calculos mais justos, um bóde e duas cabras escolhidas, postos num destes portos, livre de despesas, comprehendendo todos os gastos de compra, embarques, documentos legalizados, transportes, alimentação, tratamento durante a viagem e seguro contra todos os riscos até o desembarque, custariam 5.332 francos; seja, ao curso actual, cerca de 3:330\$000.

Nestas despesas só o frete attinge a 2.868 francos!!!

Si, apezar disto, esse preço não vos amedrontar, estou á vossa disposição.

Bastará que me mandeis essa quantia por via de um banco belga e me indiqueis o nome do consignatario no Rio ou em Santos, e eu farei o resto.

Como me fallastes de cabras da Nubia e da Syria, quiz munir-me, para os transmittir, de todos os informes necessarios e eis aqui o que me dizem da Sociedade Nacional de Acclimação da França, á qual pertenço ha longos annos.

Essa Sociedade desejaria, quando as despesas diminuïrem um pouco, mandar buscar na Nubia

nos rebanhos do Negus, um certo numero de bôdes e de cabras da raça Nubiana Zaraiba das mais puras para importar na França e com ellas melhorar ainda as raças alpinas. As despesas bastante grandes ao mandar-se uma pessoa idonea para essa escolha, diminuam naturalmente si elles pudessem receber uma encomenda bastante grande e a Sociedade me pergunta si não seria possível interessar no assumpto os criadores brasileiros e até mesmo o Governo. Transmitto-vos esta proposta para verdes si ha possibilidade de pô-la em pratica.

Fis aqui exactamente o que se me escreve sobre esta raça:

— Si os americanos soubessem o valor da Nubiana Zaraiba, que fariamos buscar nos rebanhos do Negus, elles não hesitariam em fazer-nos a subscrição necessaria para fazer essa preciosa importação.

E' preciso ser fino conhecedor para distinguir a Zaraiba da Berbéra, que, esta, nada vale de todo.

E', pois, indispensavel de se recorrer aos bons officios da Société Nationale d'Acclimatation, para colligir e escolher o rebanho; de outro modo traz-se para a Europa o material caprino grotesco já enviado para a America pelos incompetentes, destituidos de vergonha e que se immiscuem em tudo.

A Zaraiba tem um leite maravilhoso (muito doce e 70 grammas de manteiga por kilogramma de leite). Ella não tem o tamanho, precocidade e a abundancia leiteira da Alpina autochrone, raça grande, mas cruzada como está é um caprino maravilhoso, que o mundo inteiro quererá possuir.

Ha 20 annos, nós mandamos vir Nubianas dos confins da Erythrea e que custaram cerca de 900 francos cada.

Hoje, as condições estão transformadas, mas acreditamos, apesar disto, que poder-se-ia, constituindo-se um rebanho de uma centena de cabeças, chegar ao preço de 1.000 a 1.500 francos mais ou menos, por cabeça, em Paris.

Procuraremos obter os preços mais baixos, mais justos. Si a quantia confiada ultrapassar as necessidades, compromettemo-nos a restituir o saldo.

— Para o que concerne á Mambrina, é uma cabra de pello comprido, ainda mais difficil de ser escolhida que a Nubiana. Ha em França alguns criadores que têm a pretensão de fazer essa criação. Os typos por elles obtidos são de animaes abastardados, não dando quasi leite, de pequeno porte e sem significação economica.

Que os vossos correspondentes tenham paciencia; estamos procedendo a um inquerito nas Echelles do Nascente, para encontrar um centro onde a Mambrina de raça e de qualidade seja criada. Desde que estejamos fixados, vos escreveremos para que informeis aos vossos amigos.

Creio bem fazer dando-vos todas estas informações, que poderão vos ser uteis na campanha que haveis empreendido afim de que, no Brasil, se interessassem mais pela criação dos caprinos, que, como dizeis, poderia tornar-se uma fonte importante de riqueza para o paiz, sobretudo para o Norte.

Para a cabra Angorá, seria, penso, difficil de obter a no seu paiz de origem, pelo menos actualmente.

Existe no Cabo, na Africa do Sul; mas, o Governo sul-africano já me respondeu que a exportação era prohibida.

O melhor modo de obtel-as seria, penso, dirigir-vos aos Estados Unidos, onde ha muito boa criação."

Esperando que os dados acima reproduzidos possam ser aproveitados utilmente, prevaleço-me do momento para, mais uma vez, reiterar-lhe os protestos da minha mais distincta consideração e apreço. (a) J. BAPTISTA DE CASTRO."

A safra de trigo no Brasil 1920 1921

A cultura frumenticia no Rio Grande do Sul existe em 72 municipios, sendo que a producção do anno agricola de 1920-1921 foi de 128.100.000 kilos, e o rendimento médio, por hectare, de 1.300 kilos.

A cultura occupa uma area de 98.538 hectares.

Em Santa Catharina, a cultura frumenticia existe em 14 municipios, produzindo o Estado 2.640.300 kilos, com o rendimento, por hectare, de 1.700 kilos, e occupando uma area plantada de 1.500 hectares.

No Pará, a cultura frumenticia está disseminada por 24 municipios, produzindo 5.091.425 kilos, com o rendimento médio, por hectare, de 1.500 kilos, em uma area de 3.394 hectares.

Contra o limo dos cacaeiros

Os cacaeiros apresentam-se, por vezes, com o tronco e a base dos galhos cobertos de limo, o que não só impede o vigor normal da planta, principalmente a fructificação que tem logar nessas regiões, como se constitue, ainda, em ancoradouro de fungos e insectos quasi sempre prejudiciaes.

E' preciso, portanto, limpar as arvores desse estorvo, o que se consegue pintando os troncos e os galhos com leite de cal, regularmente grosso, e fazendo-se uso de uma brocha commum.

E' boa medida de precaução addicionar um pouco de creolina ao leite de cal, que, assim, actua como desinfectante contra os parasitas animaes e vegetaes.

Deve aproveitar-se para esse tratamento, o periodo de repouso das plantas, afim de não damnificar os gommos floraes que brottam, exactamente, na região interessada.

A operação, pode, sem inconveniente algum, ser repetida todos os annos. Mesmo que se torne dispendiosa, compensa de sobejo, por fim, numa producção de melhor qualidade e maior quantidade.

Um problema economico resolvido por si mesmo

A REGULAMENTAÇÃO DAS HORAS DE TRABALHO NA AGRICULTURA

No decurso do anno passado, o Officio Internacional do Trabalho, componente da Liga das Nações, enviou a todos os paizes filiados á Liga um questionario, para obter informações que o habilitassem a resolver a questão da regulamentação do trabalho agricola no mundo.

Recebendo esse questionario, o Sr. Ministro das Relações Exteriores delegou á Sociedade Nacional de Agricultura a incumbencia de estudal-o e respondel-o, num parecer em que ficassem claramente expostas as nossas condições peculiares em referencia ao assumpto, para o consequente coitejo de vantagens ou desvantagens da eventual applicação de um regimen uniforme de horas de trabalho agricola no Brasil.

Dando cumprimento á honrosa delegação, a Sociedade Nacional de Agricultura incumbiu os seus illustres consocios, Drs. Bandeira de Mello, Gonçalves Junior e Armando Lédan, para lavrarem o parecer, que é, incontestavelmente, uma peça notavel, havendo merecido approvação unanime da Directoria e calorosos applausos da assistencia, na sessão em que foi lido, antes de ser enviado ao Sr. Ministro do Exterior.

Eis, *in extenso*, o valioso trabalho dos Drs. Bandeira de Mello, Gonçalves Junior e Lédan: "Não ha duvida que ao trabalho agricola, tanto como ao trabalho industrial, assiste o direito de gozar a protecção dos Poderes Publicos e muitas das leis sociaes instituidas em prol das classes operarias podem ser lhe applicadas. Porém, se bem que, no geral, elle não escape á legislação operaria, é preciso reconhecer que, devido á sua propria natureza, é muito difficil ser regulamentado no que diz respeito á sua duração. Poder-se-á, até, affirmar que semelhante regulamentação seria praticamente impossivel ser posta em execução. Acrescentaremos que uma limitação das horas do trabalho diario nesse dominio poderia acarretar as mais graves consequencias e pôr em perigo o funcionamento normal da agricultura, essa "mère nourrière" da humanidade, sem cujo concurso, esta não poderia subsistir.

Com effeito, as condições do trabalho agricola são essencialmente diferentes das do trabalho industrial e parece que seria contrario ao bom senso querer absolutamente encerral-o nas mesmas normas.

Num estabelecimento industrial, em que os operarios, concentrados num espaço limitado, de fiscalização e vigilancia commodas, effectuam um serviço, por via de regra, nitidamente traçado de antemão, operando, quasi sempre, por processos mecanicos, sobre materias inanimadas, inertes, o trabalho pode, sem inconveniente, ser sustado a qualquer momento e ser continuado em qualquer outro dia, em hora marcada, sem que disto resul-

tem effeitos lastimosos. Mesmo na metallurgia, na fabricação do vidro, e industrias chemicas, em que as operações são continuas, devendo proseguir dia e noite sem interrupção, nada mais facil do que se organizar turmas, vindo revezar-se successivamente, podendo a duração do serviço ser fixada á vontade. E' apenas uma questão de combinação que não custa a solver, desde que os interesses materiaes e hygienicos dos operarios estejam salvaguardados.

Na agricultura, as coisas differem completamente. Lida-se com seres vivos, plantas e animais, que necessitam ser tratados de certo modo e que não podem ser abandonados a si mesmos, animal, que impeça de proseguir com o trabalho iniciado.

Não nos custaria ampliar a nossa demonstração, multiplicar as provas, mas bastam, pensamos, esses poucos exemplos para estabelecer quanto é irregular o trabalho agricola, quanto está sujeito ao imprevisto. Dão-se as vizes suspensões forçadas no serviço, causadas ora por uma chuva sobrevindo inesperadamente, ora por uma secca que se vae prolongando sobremaneira, ora por qualquer outra emergencia inopinada; então cumpre recuperar mais tarde o tempo perdido. Aliás, o operario que tiver sido compellido a ficar desoccupado durante alguns dias sem ganhar salario algum, ha de querer, com justa razão, compensar o prejuizo que tiver soffrido, dilatando as horas de serviço nos dias seguintes. Poder-se-á recusar-lhe o direito de satisfazer a essa aspiração legitima?

Parar o trabalho em hora fixa na agricultura nos parece, pois, uma medida contraproducente, um disparate, e não percebemos de que maneira se poderia assegurar em tempo util a execução irreluctavel das fainas impostas pela natureza mesmo da exploração agricola. Como poder-se-ia applicar aqui o systema de duas turmas, cada qual trabalhando 8 horas, mormente num clima como o do Brasil, onde a duração do dia é de approximadamente 12 a 13 horas em todas as estações do anno? Em qual serviço havia de ser empregado o excedente de braços que semelhante organização produziria? Aliás, onde iriamos procurar esse supplemento de braços num paiz onde a escassez da mão de obra agricola faz o objecto de uma queixa geral por parte dos lavradores?

A limitação do dia de trabalho daria fatalmente como resultado incrementar em proporção excessiva as despesas de mão de obra e, portanto, augmentar o preço de custo dos productos agricolas. Ora, é o custo desses generos, principalmente os alimenticios, que determina as condições primordiales da existencia do homem e, por consequencia, a importancia do salario minimo a ser pago aos operarios em geral; este, pois, elevar-se-ia ainda mais, o que resultaria numa vida cada vez mais cara para todos. Na industria, talvez uma diminuição nas horas de trabalho não venha a trazer effeitos tão desastrosos, pois não falta quem sustente que essa medida não in-

fluirá sobre o rendimento do operário; e este constitue mesmo um dos argumentos de que se prevalecem para aconselhar a adopção da dita reforma. O mesmo raciocínio, contudo, difficilmente se poderia applicar ao trabalho agrícola. Seja como fôr, o dia de 8 horas, generalizado na industria, poderia ter como consequencia um acrescimo do preço de venda apenas dos objectos manufacturados, enquanto que o augmento dos generos de primeira necessidade teria uma repercussão dupla. Além disso, não seriam poucas as explorações rurais que se achariam na impossibilidade de continuar a funcionar, o que contribuiria para a escassez dos mantimentos e, portanto, para a elevação do seu valor no mercado.

Outrosim, a questão da regulamentação da duração de trabalho apresenta menos importancia na agricultura do que na industria. Na agricultura, a tarefa quotidiana se effectua mais pausadamente, com mais socego, sem aquella precipitação febril que se nota na actividade industrial moderna; é antes uma sequencia de operações do que um verdadeiro trabalho, comprehende uma querendo-se auferir delles os resultados almejados. Cumpre sujeitar-se ás leis da natureza. Não é mais, como na industria, o homem que decide dos momentos em que se ha de executar tal ou qual operação. Aqui, é a natureza que manda; ella é que impõe as épocas em que os trabalhos da terra deverão ser realizados, ou em que os cuidados deverão ser dados ás plantas.

E' isto exactamente uma das maiores difficuldades que apresenta a exploração agricola do solo. O homem precisa estar sempre vigilante, sempre prompto para aproveitar as circumstancias propicias. Elle é o escravo da natureza e deve combinar os seus trabalhos em attenção a esse facto. Na maioria dos casos, é necessario que se apprise, afim de não deixar escapar a oportunidade, pois a planta não pára no seu crescimento, o animal carece comer cada dia; a molestia que porventura, o atacar, não aguarda a boa vontade do homem, e, na falta de providencias, produz os seus males. Os phenomenos meteorologicos seguem-se, succedendo repentinamente, sem que se possa prevel-os. A terra continua a girar em torno do sol, e aqui, a não ser em algumas operações executadas no interior dos edificios, não se póde trabalhar com a iluminação artificial, como numa fabrica, usina ou officina. E', portanto, uma necessidade, aproveitar-se o dia inteiro, trabalhar sempre enquanto o sol está brilhando e sem perder uma hora. Póde se dizer que o trabalho do operário agricola é de todos os instantes.

A's vezes, o trabalhador rural está mesmo obrigado a levantar-se de noite para acudir a alguma emergencia occorrendo com os animaes.

Para o arroteamento e amanhos, é preciso que a terra esteja em determinadas condições de humidade, e quando estas se apresentam, cumpre agir depressa, não ha um momento a perder, para que o terreno em preparação se ache prompto em tempo util. Tratando-se da sementeira ou da plantação de mudas, será necessario esperar que tenha cahido uma chuva que venha molhar a terra, coisa que nem sempre acontece quando seria opportuno, e logo que o successo se der cumpre não correr o risco de perder a estação inteira. Quanto á colheita, é absolutamente indispensavel que se effectue logo que os fructos estejam maduros, ou as folhas, hastes ou tuberculos nas

condições as mais favoraveis á sua utilização. Ora, em quasi todas as culturas, todas as plantas chegam concomitantemente no grau de desenvolvimento desejado. Não ha, pois que demorar-se; interromper e deferir o serviço equivale a perder certa quantidade dos productos, indo uma parte da colheita a fazer, murchando, apodrecendo ou seccando. Ha tambem circumstancias em que outras condições são ainda indispensaveis; por exemplo, para colher o algodão, é preciso escolher um tempo bem secco, e então acabar ligeiro, antes de que caia um aguaceiro repentino capaz de estragar parte dos productos.

Na criação do gado, ha exigencias naturaes inflexiveis que obrigam a executar certas operações urgentes, sem attender a uma hora marcada para conclusão do serviço na exploração.

E' principalmente na agricultura que se verificam a justeza e a importancia do proverbio que diz: "não se deve adiar para amanhã o que póde ser feito hoje", pois, amanhã talvez sobrevenha uma chuva inesperada que impossibilite qualquer serviço ao ar livre, ou occorra um accidente num série de misteres variados, uns mais leves, outros mais pesados, mas que não produzem os effectos extenuantes do labor exigido nos estabelecimentos industriaes. Accresce que o trabalho rural é mais salubre e mais hygienico, pelo motivo de effectuar-se ao ar livre. Eis a razão porque, o trabalhador do campo, a despeito de um dia de trabalho mais prolongado, é mais sadio, mais resistente do que o operário de fabrica ou officina, que passa a vida numa atmospheria mais ou menos viciada. Não se póde negar que é do campo que sahem os contingentes vindo constantemente preencher as lacunas que se formam nas populações urbanas. E' elle que fornece com regularidade o sangue novo de que os habitantes dos grandes centros industriaes e commerciaes, precisam continuamente para se manter, da mesma forma de que a arvore precisa da seiva elaborada nas raizes.

Parece-nos, pois, que o argumento baseado sobre a necessidade de salvaguardar o futuro das raças, o qual se acharia ameaçado, não tem grande valor no que toca aos trabalhadores rurais. Aliás, caso a acção governamental fosse julgada necessaria nesse dominio, cumpriria intervir tambem junto da classe tão numerosa dos pequenos e médios proprietarios, dos que, no Brasil, exploram uma area de 25 a 50 hectares, onde paes, mães, filhos e filhas, são occupados desde a madrugada até ao cair da noite e, muitas vezes, ainda, mais tarde, fornecendo cada dia, um numero de horas de trabalho, inquestionavelmente superior ao de um operário assalariado. Essa categoria de habitantes do campo, no entanto, não parece que dê signaes de degenerescencia physica.

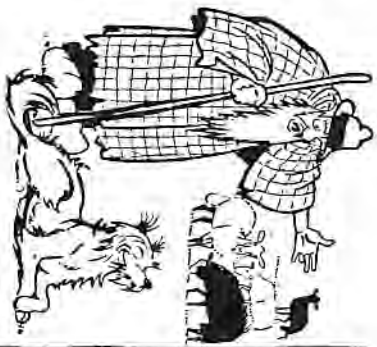
Se encararmos as condições particulares do Brasil, não vacillamos em affirmar que o alcance da reforma preconizada seria muito consideravel num sentido desastroso para o desenvolvimento do paiz.

Com effeito, os ramos mais importantes da exploração do sólo entre nós, os que constituem os principaes mananciaes que alimentam a riqueza publica — alludimos á cultura do café, da canna de assucar, do cacau, ás quaes se póde juntar a do arroz e do algodão, bem como a pecuaria — não podem prosperar senão realizados em larga escala, de modo a poder se applicar os methodos

O espirito francez e as horas de trabalho na agricultura

Em França, como em diversos países, a ideia de ter regulamento a respeito de trabalho na agricultura encontrou geral repulsa.

Esta guerra, que tomamos no "ECHO DE PARIS", conservamos no original francez as respectivas legendas, para não prejudicar o sabor da gélloga, offido a multiplica inficidia do Officio Internacional do Trabalho, da Liga das Nações, e do qual partiu a ideia de ser applicado aos trabalhadores do campo o mesmo regimen horario da industria urbana.



Médor — Que m'importe le
loinp, j'ai fini mes huit
heures!



M. Cochon — Désolé, mais je
n'ai le droit d'engraisser
que huit heures par jour!



Mme. Vache — Je ne donne
mon lait que de 7 heures
à 11 heures et de 1 heure
à 5 heures!



Cocotte — Inutile d'insister, je ne
ferai pas un sillon de plus!



Mme. Poule — Si j'étais
gineée à couver plus
de huit heures!

Mais

agronomicos racionais e usar o material aperfeiçoado moderno, numa palavra aproveitar todas as vantagens inherentes ás grandes empresas e que nós deixamos de lembrar aqui.

Da mesma forma, a criação do gado para corte, preciosa fonte de recursos para a nação, não pôde ser praticada economicamente, dadas as condições naturaes e sociaes do paiz, a não ser pelo systema extensivo, abrangendo grandes extensões de pastos e comprehendendo quantidade avultada de cabeças de animaes.

Ora, taes explorações necessitam, para se manter, de um pessoal assalariado numeroso, havendo sempre sensível falta de braços.

O phenomeno explica-se pelo facto de ser o Brasil um paiz novo, uma terra de immigração e colonização, cuja actividade está em constante progressão, e cujas necessidades de toda a sorte augmentam sem cessar. Seria, ao nosso ver, uma falta grave e um motivo serio de receio para o futuro, pôr qualquer impecillio na organização do trabalho nas suas grandes explorações rurais.

E o perigo é tanto mais certo que o Brasil é tambem um paiz de clima tropical e subtropical, em que o rendimento do esforço humano é menor do que nas regiões mais frias do globo. Demais, as praxes mandam que se guardem numerosos dias feriados, tanto officiaes como religiosos — o que, aliás, não consideramos como um mal, visto que essas ferias proporcionam o descanso indispensavel aos trabalhadores, tornando de facto inutil qualquer regulamentação do trabalho.

A essas interrupções no serviço, consagradas pelos costumes, accrescentem-se as provocadas por causas naturaes ou outras — independentes da vontade do chefe da exploração.

Seria, outrossim, coisa bem delicada e melindrosa, vir alterar a organização interna do trabalho nas nossas grandes explorações agricolas, sob pretexto de proteger os interesses dos operarios nellas empregados. Muitas vezes, nas fazendas, os serviços não são pagos por dia, mas sim por tarefa. Familias de colonos tomam de empreitada as operações, que executam com o concurso da mulher e dos filhos. Dispondo geralmente de um pedacinho de terra que exploram por conta propria, combinam os serviços de forma a satisfazer ao mesmo tempo as suas obrigações para com o patrão e cuidar de seus interesses particulares.

Esse systema dá optimos resultados, sendo o colono interessado no bom exito da exploração visto ser pago proporcionalmente á importancia da colheita. Nessas condições, como se impor um systema de trabalho com regras fixas de antemão?

Ao emittir as precedentes objecções, não entendemos que o operario agricola deva ficar abandonado e sem protecção legal. É um cidadão como qualquer outro, e até pertence á categoria a mais util á comunidade, portanto, a mais digna de solicitude por parte dos legisladores. Mas somos de opinião que o estudo dessa questão tão complexa e ardua devia ser commettido a uma instituição especialmente organizada para essa tarefa, dispondo de todos os meios e competencias necessarias no intuito de achar soluções acertadas, não susceptiveis de trazer prejuizo a algum dos Estados interessados no assumpto. Não pensamos que o trabalho rural possa se amoldar a uma regulamentação uniforme para todas as nações colligadas, porque as condições naturaes e economicas differem muito umas das outras e,

até, num paiz de vasta extensão como o Brasil, a diversidade é grande de uma parte á outra do territorio, não sendo racional impôr as mesmas regras para todas as regiões... Taes obstaculos porém, não se offerecem na industria. O seu funcionamento é mais ou menos igual sob todas as latitudes e em todos os pontos da terra: as materias primas, as intallações technicas, os machinismos são os mesmos; basta pôr a machina em movimento e os resultados não hão de differir muito de um logar para outro.

Pelas razões acima expostas, propomos deixar essa questão ao cuidado do Instituto Internacional de Agricultura, junto do qual todos os grandes paizes agricolas possuem representantes officiaes. Esse organismo tem, nas suas attribuições o estudo das medidas relativas á protecção dos trabalhadores rurais, bem como dos meios proprios a levantar as condições da vida dos habitantes do campo em geral. Entre essas medidas, colloca-se no primeiro plano o melhoramento dos salarios. Esse augmento tem se realizado naturalmente, pelo simples jogo das leis da economia politica. Seria vão, illusorio e até pouco equitativo querer se oppôr á manifestação desse phenomeno sociologico. Aliás, é do interesse bem entendido dos proprietarios rurais e chefes de exploração, tratar do bem estar dos seus trabalhadores, pagando-lhes um salario adequado aos serviços prestados, se não quizerem vel-os abandonar o campo, alliciados pelos altos salarios que possam obter nos misteres industriaes. Não ignoramos que ha ainda muito que fazer nesse sentido não só sob o ponto de vista material como educativo, auxiliando ao trabalhador a tornar a sua habitação mais agradável e confortavel, fazendo-lhes ver os inconvenientes reaes da vida nas cidades e nos centros industriaes, em relação á hygiene e custo da existencia. São estes, meios valiosos para fazer amar a natureza e lutar contra o exodo rural.

Mas, tornamos a dizel-o; todos estes assumptos parecem-nos ser da alçada do Instituto Internacional de Agricultura, que tem o dever e o direito de tratar dessas questões. A este proposito, cumpre observar que no pacto da Liga das Nações, (art. 24) fica declarado implicitamente que as organizações internacionaes já funcionando deviam ser respeitadas. Resulta d'ahi, com toda a evidencia, que a supracitada Instituição está devidamente autorizada para examinar o problema do trabalho rural, considerado sob os diversos aspectos, como tambem propôr medidas convenientes a respeito.

Por outro lado, se não nos enganamos a respeito das attribuições do Officio Internacional do Trabalho, taes quaes se acham formulados no Tratado de Versailles na sua parte XIII, ao referido organismo compete tão sómente os assumptos attinentes á organização do Trabalho industrial, nada tendo que ver com a agricultura. Em parte alguma do texto se faz menção desta ultima, ao passo que muitos trechos frisam de modo explicito a industria. Queiram a esse respeito, consultar: — o artigo 393, que indica a composição do Conselho de Administração do Officio Internacional do Trabalho; — o artigo 396, que trata da publicação de um boletim periodico; — o artigo 405, relativo ás recommendações e projectos de convenção internacional que forem propostos pela assembléa; — o artigo 412, que determina a constituição de uma comissão de inquerito; —

o artigo 427, que enuncia os principios que devem servir de fundamento á legislação internacional do trabalho.

Uma coisa parece certa: é que, em circumstancia alguma, quer no momento da elaboração das clausulas do Tratado de Versailles, quer por occasião das discussões a que estas deram lugar mais tarde, os delegados officiaes das nações que firmaram o pacto não manifestaram o intento de commetter ao Officio Internacional do Trabalho a missão de tratar da regulamentação do Trabalho Agricola.

Com relação ao terceiro ponto (C) do questio-

nario remettido a todos os paizes pertencendo á Sociedade das Nações, e relativo á regulamentação do trabalho agricola, confessamos não comprehender bem o alcance da pergunta. Alludimos particularmente á observação final: *deve se incluir na duração do trabalho o tempo empregado com os cuidados ministrados ao gado e aos cavallos?*

Para nós, a resposta não pode ser duvidosa, deve ser affirmativa, desde que o trato dos animaes numa exploração rural merece remuneração da mesma forma que qualquer outro serviço, sendo que certos trabalhadores são occupados, até, o dia inteiro com esses mesteres."

Uma grande industria a incrementar no paiz

Acha-se installada a Sociedade Brasileira de Apicultura

Sob a presidencia do Dr. Miguel Calmon, realizou-se recentemente uma reunião na Sociedade Nacional de Agricultura para a instalação da Sociedade Brasileira de Apicultura, fundada sob os auspícios daquella.

A reunião fôra convocada para a discussão final dos Estatutos, o que foi feito demoradamente, tendo sido apresentadas varias emendas, que eram logo submettidas á approvação ou rejeição dos presentes.

A Sociedade Nacional de Agricultura, pelo orgão do seu presidente, o Dr. Miguel Calmon, offereceu á nova instituição todas as facilidades, devendo a mesma funcionar na sua séde, á rua 1º de Março, 15.

S. Ex. deixou ainda á disposição da Sociedade de Apicultura as installações completas para os trabalhos que a Sociedade N. de Agricultura possui no Horto Fruticola da Penha, mantido por ella, e bem assim, as columnas da "A Lavoura", seu orgão de propaganda, na qual creará uma secção especialmente consagrada á apicultura.

Feitos esses offerecimentos e terminada a discussão dos Estatutos, foram os mesmos approvados unanimemente e considerada installada a nova aggremação.

Isso feito, e em attenção ao que estabelecem os seus Estatutos, o Dr. Miguel Calmon annunciou que ia proceder á eleição da primeira Directoria.

O Sr. Martins Malheiros apresentou então á assembléa uma proposta no sentido de se realizar tal eleição por aclamação.

Approvada essa proposta, S. S. levou á mesa uma outra, indicando os nomes para comporem a Directoria, proposta essa tambem approvada unanimemente, ficando a mesma assim constituida:

Presidente, Dr. Waldemar de Almeida; Vice-Presidente, Dr. Gustavo Halsselman; Secretario Geral Domingos Lousada; Sub-Secretario, Bruno L. Sternberg; Thesoureiro, Hermann London; Director Technico, Professor Emilio Schenk; Conselho-Fiscal, Dr. Francisco Ferreira de Almeida, Srs. Rodolpho Bahiana e Abel Henrique Pereira.

Após prolongada salva de palmas, o Dr. Miguel Calmon declarou empossados os Directores da Sociedade Brasileira de Apicultura, passando a presidencia ao Dr. Waldemar de Almeida, depois de ter proposto um voto de louvor e reconhecimento á commissão incumbida de elaborar os

Estatutos e que ficou com o encargo de dar-lhes a redacção definitiva.

O Dr. João Baptista de Castro propoz e obteve, por entre applausos unanimes, que o voto do Dr. Miguel Calmon fosse extensivo ao Professor Emilio Schenk, o paladino da apicultura nacional, e o iniciador da novel aggremação.

Agradecido, o Sr. Emilio Schenk propoz, por sua vez, que fossem aclamados presidentes de honra da Sociedade o Sr. Dr. Ildefonso Simões Lopes, Ministro da Agricultura e Dr. Miguel Calmon, Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, proposta essa acolhida com uma prolongada salva de palmas.

O Dr. Ferreira de Almeida propoz, em seguida, fosse lançado em acta um voto de profundo agradecimento á Sociedade Nacional de Agricultura e especialmente ao Dr. Miguel Calmon, pelo muito que faziam em favor da apicultura, o que mereceu approvação geral.

Tomando assento na presidencia, o Dr. Waldemar de Almeida agradeceu, sensibilizado, a prova de confiança com que o cumularam os seus amigos, attribuindo a escolha apenas á sua dedicação á industria apicola, como discipulo do provecto Professor Emilio Schenk.

Acceitava, desvanecido, a honra de presidir a futura instituição, mas o fazia confiante no valioso e imprescindivel concurso de seus collegas e consocios, esperando, desse modo, levar avante a benemerita obra iniciada sob tão valiosos auspícios. Terminando, S. S. formulou um voto de profundo reconhecimento á Sociedade Nacional de Agricultura.

Pediu, então, a palavra o Dr. Miguel Calmon que, em nome da Sociedade Nacional de Agricultura, agradeceu a honra que lhe conferiram, elegendo-o para seu Presidente de Honra. Era com grande desvanecimento — disse — que recebia essa homenagem, porquanto sentia que é, assim, contribuindo para a união da classe agricola, que podia levar avante o patriotico programma que traçaram os fundadores da Sociedade Nacional de Agricultura, sem o qual não é possivel vencer. A funcção da Sociedade Brasileira de Apicultura era tambem uma funcção moral porque, propagando essa industria, ella levará aos homens o exemplo desse insecto — a abelha, que ha tanto tempo nos vem mosirando que só o trabalho nos assegura a felicidade.

Cobertas por prolongada salva de palmas as ultimas palavras da brilhante oração do Dr. Miguel Calmon, ergueu-se, commovido, o Sr. Emilio Schenk, que manifestou o seu enorme contentamento por ver realizado um sonho que acarinhava 26 annos. S. S. formulou, então, um appello a todos os presentes, exortando-os a não desani-

marem, porque não deveriam pensar, sequer, em difficuldades, que, quando apparecem, apparecem para serem vencidas.

Foram então encerrados os trabalhos da sessão, que foi muito concorrida, e honrada com assistencia do Sr. Ministro da Agricultura, que se fez representar.

O consumo do café brasileiro na Italia

Contribuição para o estudo do intercambio italo-brasileiro

E' com a mais desvanecida satisfação que abrimos espaço a este trabalho, devido á notavel competencia do Dr. Deoclecio de Campos, addido commercial á embaixada do Brasil em Roma:

— O consumo do café, durante os ultimos annos que precederam a guerra, como se poderá verificar pelos dados que aqui venho colligir, marcava uma linha uniformemente ascendente, e podia ser interpretado como um dos symptomas mais caracteristicos da melhora progressiva das condições de vida do povo italiano. Não é o facto de ser esse producto preferido como alimento que influe para esse accrescimento, mas, certamente, a sua procura como um succedaneo de outras bebidas, como o chá, e, principalmente, as alcoolicas.

A' proporção que se facilitavam as condições do commercio desse artigo, os succedaneos manipulados com a chicorea e tantas outras materias comestiveis iam perdendo os favores do consumidor, e o café tornava-se uma exigencia de primeira necessidade para o regimen alimentar nacional.

Foi nessas condições de prosperidade que os monopolios commerciaes do Estado, instituidos após a guerra como fonte de rendimento para cobrir os compromissos financeiros, vieram encontrar os *stocks*, accumulados atravez mil difficuldades de transporte oceanico, nos portos importadores italianos.

A supressão dessa medida de caracter fiscal restitue agora ás praças brasileiras exportadoras e ás praças italianas importadoras, o impulso da corrente que se ia formando, e que o regimen restrictivo da liberdade de commercio quasi se pôde dizer ameaçava damnificar gravemente.

Os numeros do quadro abaixo transcripto confirmam uma parte das affirmações que acabo de fazer.

Annos	Quintaes
1904	177.278
1905	187.252
1906	204.295
1907	214.756
1908	227.608
1909	240.897
1910	252.874
1911	264.790
1912	276.268
1913	280.693

Ao passo que a importação de café natural era apenas de 106.732 quintaes em 1880, quantidade que, lentamente, e soffrendo diminuições, poude ainda elevar-se a 139.813 quintaes em 1890 e a 140.895 quintaes em 1900, marcou sua linha ascendente no ultimo decennio anterior á guerra

européa, por fôrma tal que não se assignala, nesse periodo, um só recuo das importações. Augmenta em proporções limitadas; mas augmenta sempre, e os algarismos acima mostram que esse accrescimento se faz numa média de 10.000 quintaes.

Pôde-se considerar que na Italia, importação e consumo se equivalem, e, assim, essa média de augmento no consumo, annual, é superior á que se déve attribuir ao accrescimento natural da população, de modo que o consumo médio por habitante ultrapassou o dobro, em 20 annos, elevando-se de 0,39 kilos em 1893 a 0,82 kilos em 1913.

Isso se explica pela tendencia natural que mostram os povos cultos, por toda parte, para abster-se, cada vez mais, do uso das bebidas nocivas á saude, principalmente das alcoolicas. Dia virá, não muito longe, em que uma campanha séria, energica e pertinaz, em prol do "abstencionismo", abrirá novos claros nas cifras do consumo, deixando ao café esses logares. A procura desse genero na Italia, uma vez liberta dos *monopolios*, e depois dessa campanha, que é de esperar, terá bem maiores exigencias de quantidade e qualidade, como aconteceu nos mercados consumidores dos Estados Unidos da America do Norte.

Se o augmento do consumo continuasse nessas proporções, que se registra no correr do ultimo quinquennio prebellico, seriam precisos, hoje 365.000 quintaes para supprir ás exigencias do consumidor italiano.

Taes são as condições geraes desse importante ramo do commercio, estudadas num determinado periodo, em que a relação entre as importações e o consumo não soffria a influencia de factor extranho, ou qualquer embaraço de ordem economica taes como a guerra, com a consequente irregularidade e deficiencia technica de transportes, a carestia anormal dos fretes, as oscillações violentas do cambio, etc.

O que é preciso conhecer, nesse computo global de cifras estatisticas, é o papel que compete ao Brasil, como maior productor mundial desse artigo, e o que lhe pôde ser dado na concorrência com os outros mercados exportadores.

Cingindo-me ás estatisticas aduaneiras, a proporção do café importado do Brasil, com relação á *totalidade das entradas* nas praças italianas, a contar de 1909 a 1920 tem uma predominancia quantitativa que, promettedora até 1919 — sem considerarmos os elementos perturbadores do rythmo normal dos negocios, no periodo bellico, — tornou-se quasi absorvente em 1920, com 300.187 quintaes sobre um total de 301.646, isto é, com uma percentagem suffocante para os outros concorrentes, de 99,5%.

O que se vae verificar, pelo quadro que me forneceu o serviço estatístico do Instituto Internacional de Agricultura, de Roma, é que, até 1914 (anno da guerra européa) a porcentagem desse commercio, nas importações, foi apenas de 74,4% a 72,7%.

De 1915 até 1920 o contingente brasileiro vae ganhando terreno, sempre, até attingir esses algarismos já apreciados.

E' preciso estudar o regimen das importações na vigencia do monopólio de Estado, isto é, nos exercicios de 1919 e 1920. O total das importações decresceu de 516.379 quintaes (372.827 quintaes do Brasil) a 364.668 quintaes e 301.549 em 1919 e 1920, respectivamente. Como se vê, o total soffreu um retrahimento de pedidos; mas os que se encaminharam para os mercados vendedores de café brasileiro, mantiveram o beneficio das preferencias do consumidor italiano.

Eis o quadro estatístico que explica, com a eloquencia documental dos algarismos, o que acabo de afirmar:

Anno	Importação total	% das importações do Brasil com relação ao total	
		Importação do Brasil	ção ao total
1909	240.897	179.162	74,4
1910	252.874	187.371	74,1
1911	264.796	186.574	70,5
1912	276.268	193.275	70,0
1913	286.593	220.985	77,1
1914	281.972	205.084	72,7
1915	399.662	280.102	70,1
1916	489.615	423.908	86,6
1917	448.270	366.331	81,7
1918	516.379	372.827	72,2
1919	364.668	322.059	88,3
1920	301.549	300.187	99,5

Os demais paizes que concorrem com os nossos exportadores são os da America Central e as Antilhas. O quadro que se acaba de examinar fornece por si só elemento sufficiente para serem estudadas as tendencias desses mercados concorrentes, o que me exime de alinhar aqui outros algarismos em detalhe.

Nesse ramo de commercio não pode haver sobressaltos e surpresas; a corrente está estabelecida, e a sua tendencia se manifesta sempre favoravel ao nosso artigo.

Entretanto, não deve passar despercebido um facto interessante que pode influir sobre a precisão das cifras que se vêm estudando, e é que uma determinada quantidade desse producto chega aos mercados italianos passando atravez de depositos intermediarios onde muita vez o café brasileiro e especialmente o de Santos, que representa o maior contingente, é sujeito ao que se poderá bem chamar *camouflage*, processo esse muito novo ao nome commercial do nosso artigo, e se apresenta ao consumo publico com as denominações de "Porto Rico", "São Domingos", "Guatemala", "Móca". E não será extranho crer que até etiquetas suscitem confusões nas alfandegas, deixando incertezas sobre as procedencias verdadeiras. Isto, além do mal que nos faz, porque somos feridos com as nossas proprias armas, — fornecendo o *café escolhido* que se baptiza com o nome dos tipos rivaes, — tira aos quadros estatísticos aduaneiros a precisão que é para desejar quando

ha interesse em conhecer as condições reaes das trocas entre os dois paizes. Diante de taes factos, pode-se bem affirmar que as quantidades de café do Brasil importadas na Italia são superiores ás que registram as estatísticas aduaneiras.

O movimento commercial durante os annos da guerra, estudado nos elementos estatísticos de que se dispunha então, talvez não represente a situação real.

Não se póde, portanto, bem precisar as oscillações do consumo, nesse periodo, porque as difficuldades e as incertezas dos transportes, dada a guerra submarina, e as necessidades technicas da guerra no mar, aconselhavam uma politica prudente, de previsões.

Assim se justificam os *stocks* accumulados, superiores, sempre que era possível, ás exigencias normaes, e previstas, do consumo. Além disso, é preciso considerar que esses *stocks* tiveram que ser reforçados, ainda mais, para supprir largos fornecimentos ao exercito mobilizado.

O quadro que se segue mostra o augmento sempre crescente das importações:

Annos	Annos	Quintaes
1914		281.972
1915		399.662
1916		489.615
1917		448.270
1918		516.379
1919		364.668
1920		301.549

Os exercicios de 1916, 1917 e 1918 foram os que mais aquinhoaram os paizes exportadores de café, os que mais desfalcáram os *stocks* dos mercados internacionaes. O retrahimento que se constata em 1914, devido ao inicio das hostilidades, é compensado pelos algarismos do anno de 1918 que quasi representam o dobro das importações. As successivas diminuições em 1919 e 1920 podem explicar-se com o facto da desmobilização do exercito italiano e das requisições sobre os *stocks* dos depositos militares.

Com o advento da paz surgiu a crise que vae assoberbando todos os paizes, vencedores, vencidos e neutros, e a Italia viu, então, como era de esperar, após um longo periodo de lucta, exgotados os seus meios financeiros, ordinarios, e enfraquecido o poder acquisitivo do paiz pela depreciação da sua *valuta* internacional.

Quando disse que na Italia "importação e consumo se equivalem", quanto ao café, exclui naturalmente os succedaneos — os *surrogati* — a que já alludi, sem entrar em mais indagações, por dever de methodo. Mas o que se verifica é que esse artigo, de manipulação variada, vem ao mercado, e se apresenta á concurrencia do consumidor. E' um producto industrial que não satisfaz e nem abastece, sem comtudo deixar de ser um elemento perturbador nas vendas do café.

A lei do monopólio de Estado, entretanto, por motivos de ordem mercantil, não se quiz libertar desse elemento, e, ao contrario, deu-lhe legitimidade regulando o funcionamento das usinas.

Os algarismos que vamos esquadrear adiante mostram que numa média de 60.000 quintaes, os *cafés falsificados* entram no mercado e são consumidos.

O seu preço, é preciso dizer, é quasi sempre inferior ao do café verdadeiro, e o producto artifi-

cial ameaça não desalojar-se emquanto for encontrando paladares menos exigentes.

Em uma recente comunicação feita ao Ministério das Relações Exteriores assignalei o facto de que entre os artigos de importação da Alemanha, contemplados no ultimo accordo commercial celebrado entre aquella republica e a Italia, figuravam os *surrogati di caffè*.

Uma propaganda bem orientada, uma melhor disposição nas condições das vendas a retalho poderia ir vencendo e reduzindo a clientella recalcitrante que desfalca o numero dos consumidores. Não basta, pois, que se limitem os meios praticos de afastar esse elemento intruso á selecção feita espontaneamente pelo proprio consumidor. Essa, só, é lenta e em taes proporções que não dão para desanimar as pretensões modestas das usinas.

Dados da producção, do commercio e do consumo dos cafés (*surrogati*) na Italia:

Producção

Annos	Quintaes
1911	56.754
1912	62.598
1913	63.743
1914	58.559
1915	59.962
1916	85.590
1917	63.834
1918	52.938
1919	55.145

As importações e as exportações desse artigo industrial no periodo de 1911 a 1920 foram as seguintes:

Annos	Importações	Exportações
1911	9.618	359
1912	9.775	662
1913	13.836	43
1914	21.909	119
1915	2.562	55.842
1916	4.479	116
1917	170	900
1918	1	831
1919	4.178	1.509
1920	3.096	199

Tendo em conta, além da producção e do movimento commercial, do remanescente no principio e no fim de cada anno, o consumo da *chicorea* e dos outros succedaneos do café pode ser computado assim:

Consumo

1911	66.053
1912	71.081
1913	77.449
1914	79.538
1915	57.956
1916	77.583
1917	61.557
1918	53.051
1919	61.377

Estudando o commercio do café na Italia, não devo limitar-me a conhecer os algarismos relativos á importação para o consumo no paiz, mais

ainda, ás entradas das quantidades que seguem outros destinos, passando pelos portos italianos: as quantidades reexportadas.

E' ahi que convém lembrar a importancia do porto de Trieste, que, por si só, recebia em 1911, isto é, tres annos antes da guerra europeia, 386.021 quintaes, de procedencia brasileira sobre um total de 533.227 quintaes.

Seriam deficientes os dados aqui colligidos se não pudesse completar os algarismos expostos com os que constam das exportações brasileiras por conta dos mercados italianos, para o seu consumo interno e para as necessidades do commercio exterior com os paizes onde pode exercer sua influencia economica, por motivos de ordem geographica, ou politica.

Esses algarismos, porém, preferi colher nos quadros da estatistica publicada pela Directoria de Estatistica Commercial do Ministerio da Fazenda, e aqui os enquadrei, como um complemento á parte documental do presente relatorio, a qual se circumscreve, como convém, aos elementos estatisticos.

Estatistica brasileira das exportações do café para a Italia:

Annos	Quintaes.
1916	635.248
1917	429.690
1918	665.659
1919	120.852
1920	601.242

Os dados que acabo de colligir e as considerações que me suggeriram os mesmos, permitem-me concluir da fôrma seguinte:

a) — O consumo do café na Italia augmenta de anno para anno numa proporção muito superior ao accrescimento natural da população.

b) — O café brasileiro é o que fornece maior contingente nesse augmento. Assignalei com os dados estatisticos officiaes italianos, uma porcentagem de 99,5 sobre as entradas de outras procedencias.

Na Italia, apezar das mystificações dos typos de selecção "Porto Rico" e "Móca" e outros, e do *tradicional* preconceito, que, aliás, já vae desapparecendo, nocivo ao nome commercial do "Café do Brasil", o nosso artigo vae merecendo, dia a dia, a mais larga acceitação do consumidor: toda gente sabe, agora, que a quasi totalidade do café que aqui se bebe provém de S. Paulo e de outras praças brasileiras.

c) — Um dos factos que mais influem para esse incremento é que o café se introduz nos habitos da população, em parte como um substitutivo de outras bebidas, entre as quaes as alcoolicas.

d) — Essa affirmação é documentada pelos numerosos percentuaes do consumo *per capita* que passou, como se viu pelos quadros acima expostos, de 0,39 kilo em 1893 a 0,82 em 1913.

e) — Os "*surrogati*" manipulados com a *chicorea*, e outros, figuram no mercado numa proporção pouco relevante, quantidade essa que irá diminuindo á medida que se forem facilitando as condições economicas das importações do café, do estrangeiro.

A liberdade de commercio é condição primordial.

f) — Sem querer falar dos portos de Messina e Fiume, ao de Trieste, agora integrado no Reino, que é o emporio dos mercados compradores do oriente da Europa, incumbe regularizar uma intensa corrente commercial, anormalizada e paralisada pela guerra, e suas consequências.

g) — Dada a nova política de expansão commercial que lhe suggere, ao Reino, a sua actual situação geographica, os mercados italianos, principalmente o de Trieste, promettem multiplicar os negocios com os exportadores brasileiros, de café, e de outros productos.

A abolição dos monopolios commerciaes do Estado, que começa a produzir, já, as mais beneficas consequências na systematização do commercio italiano com o estrangeiro poz-me de novo em contacto com os documentos do meu archivo, no tocante ao estudo do intercambio italo-brasileiro, no qual representa o café um dos principaes elementos.

Colligi, pois, esses dados na presente contribuição para o estudo do intercambio italo-brasileiro, a divulgar no nosso paiz as possibilidades dos mercados italianos consumidores desse producto.

Roma, Outubro, 921.

DEOCLECIO DE CAMPOS

PARA O CENTENARIO

As grandes iniciativas da Sociedade Nacional de Agricultura

O 3.º Congresso Nacional de Agricultura e Pecuaria e a Conferencia Internacional Algodoeira, promovidos pela Sociedade Nacional de Agricultura, sob o alto patrocínio dos Exmos. Srs. Drs. Epitacio Pessoa, Presidente da Republica, e Simões Lopes, Ministro da Agricultura, a realizarem-se, respectivamente, nos mezes de Setembro e Outubro de 1922, na cidade do Rio de Janeiro, em commemoração do Centenario da Independencia Politica do Brasil.

Commissões organizadoras, Estatutos e Programmas.

3.º CONGRESSO NACIONAL DE AGRICULTURA E PECUARIA

COMMISSÃO ORGANIZADORA

Presidente: Augusto Ferreira Ramos.

Vive-presidentes: João Teixeira Soares, Augusto Carlos da Silva Telles, Hannibal Porto e Octavio Barbosa Carneiro.

Secretarios: Julio Cesar Lutterback, Justiniano Simões Lopes, José Rozendo da Silva e Alberto Viriato de Medeiros.

MEMBROS

Affonso Alves de Camargo.
Alberto Maranhão.
Alcides de Miranda.
Aleixo de Vasconcellos.
André Gustavo Paulo de Frontin.
Annibal Benício de Toledo.
Antonio Americano do Brasil.
Antonio Massa.
Antonio Pacheco Leão.
Antonio Padua de Rezende.
Antonio V. de Andrade Bezerra.
Armando Rocha.
Arthur Collares Moreira.
Aristides Rocha.

Bento José de Miranda.
Carlos Maria da Motta Rezende.
Celso Bayma.
Creso Braga.
Domingos Sergio de Carvalho.
Dulphe Pinheiro Machado.
Eloy de Souza.
Estacio Coimbra.
Fidelis Reis.
Francisco de Paula Rodrigues Alves.
Francisco Dias Martins.
Francisco Rocha.
Franklin de Almeida.
Geraldo Rocha.
Godofredo Maciel.
Gustavo Lebon Regis.
Heitor de Souza.
João Cabral.
João Baptista de Castro.
João Fulgencio de Lima.
Joaquim Luiz Osorio.
José S. de Bulhões Carvalho.
José Montciro Ribeiro Junqueira.
Juvenal Lamartine de Faria.
Leopoldo Teixeira Leite.
Léo de Affonseca.

Linneu de Paula Machado.
 Luiz Corrêa de Brito.
 Luiz R. Vieira Souto.
 Luiz Silveira.
 Mauricio Graccho Cardoso.
 Manoel Tavares Cavalcanti.
 Mauricio de Medeiros.
 Orlando Alves da Silveira.
 Paulo Parreiras Horta.
 Paschoal de Moraes.
 Phelippe Aristides Caire.
 Placido de Mello.
 Raphael de Abreu Sampaio Vidal.
 Raymundo de Magalhães.
 Sylvio Ferreira Rangel.
 Victor Leivas.

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

*Fundada em 16 de Janeiro de 1897 e reconhecida
 de utilidade publica pela Lei n. 3.549, de
 16 de Outubro de 1918*

ESTATUTOS DA COMISSÃO ORGANIZADORA DO 3º CONGRESSO NACIONAL DE AGRI- CULTURA E PECUARIA

Art. 1.º O 3º Congresso Nacional de Agricultura e Pecuaria, promovido pela Sociedade Nacional de Agricultura, sob os auspícios do Ministerio da Agricultura e da Comissão Executiva da Exposição Nacional, reunir-se-á na cidade do Rio de Janeiro, em dias previamente marcados, no mez de Setembro de 1922, em commemoração do primeiro Centenario da Independencia do Brasil.

Art. 2.º A Comissão Organizadora, eleita pela Sociedade Nacional de Agricultura, tomará desde já e com frequencia as providencias preliminares indispensaveis para a realização do Congresso de modo praticamente util ao paiz.

Art. 3.º Constitue objectivo principal do Congresso Nacional de Agricultura e Pecuaria o estudo dos assumptos de maior relevancia para a agricultura, pecuaria e industrias connexas, de accôrdo com o programma que fôr estabelecido pela Comissão Organizadora, e a indicação de providencias e soluções que a respeito lhe parecerem mais opportunas.

Art. 4.º A Comissão Organizadora terá como presidente de honra o Ministro da Agricultura, e, além do presidente indicado pela Sociedade Nacional de Agricultura, terá quatro vice-presidentes e quatro secretarios, por ella eleitos dentre os seus membros.

Art. 5.º Ao presidente da Comissão Organizadora compete a presidencia das reuniões, a direcção geral dos trabalhos e sua divisão por todos os membros da Comissão, e a organização dos serviços de expediente e outros preparatorios do Congresso.

Art. 6.º O presidente será substituido em seus impedimentos por um dos vice-presidentes.

Art. 7.º Aos secretarios cabe auxiliar directamente o presidente, cooperar para a regularidade de todos os trabalhos e fazer parte da mesa das reuniões, tomando as notas precisas para a respectiva acta, que será lavrada pelo que fôr designado pelo presidente. Em seus impedimentos, serão substituidos por outros membros da Comissão Organizadora, convidados pelo presidente.

Art. 8.º A todos os membros da Comissão Organizadora compete, além dos encargos especiaes que lhes forem commettidos, tomar parte activa nos trabalhos e collaborar de modo a garantir o maior exito do Congresso.

Art. 9.º A Comissão Organizadora, que se reunirá pelo menos uma vez por semana, terá como principaes funcções:

a) organizar o programma dos trabalhos do Congresso;

b) realizar estudos especiaes sobre assumptos do programma, para serem submettidos á apreciação do Congresso;

c) empregar os esforços necessarios para obter a adhesão, a collaboração e o comparecimento do maior numero possivel de agricultores, criadores e representantes das classes interessadas, residentes em todos os Estados da União;

d) promover a apresentação de monographias e memorias, que deverão terminar por conclusões precisas e serão recebidas pela Comissão com a conveniente antecedencia, até a ultima sessão preparatoria, se entregues impressas, ou até um mez antes da installação do Congresso, no caso contrario, para serem sujeitas ao estudo do Congresso;

e) preparar o Regimento Interno do Congresso, que será divulgado com antecedencia e submettido á discussão nas sessões preparatorias, para ser approved, com ou sem alterações, pela maioria de votos dos congressistas presentes á sessão que preceder á de installação solemne;

f) adoptar as providencias precisas para a maior ordem e utilidade dos trabalhos do Congresso.

Art. 10. Serão membros do Congresso:

a) os delegados dos governos federal, estaduais e municipais;

b) os membros da Sociedade Nacional de Agricultura e da Comissão Executiva da Exposição Nacional;

c) os representantes das sociedades, instituições e associações de agricultura e pecuaria;

d) os membros das Comissões de Agricultura, Obras Publicas, Impostos e de Finanças do Senado e da Camara dos Deputados;

e) os directores e chefes de serviço do Ministerio da Agricultura e das repartições de Agricultura dos Estados;

f) os representantes de associações commerciaes, industriaes e de estabelecimentos bancarios nacionaes, syndicatos, cooperativas e caixas rurais;

g) os agricultores, criadores e interessados na lavoura, pecuaria e industrias connexas, e os representantes das empresas de transporte, que se inscreverem desde já e até a vespera da installação do Congresso.

Art. 11. Logo que forem definitivamente fixados os dias do mez de Setembro de 1922 e escolhido o edificio em que o Congresso tiver de funcionar, a Comissão Organizadora dará a maior

publicidade a essa resolução, communicando-a tambem aos interessados.

Art. 12. Haverá quatro sessões preparatorias nas vespersas da installação do Congresso, presidiadas pela Commissão Organizadora, para o reconhecimento de poderes dos congressistas, trabalhos de expediente e discussão do Regimento Interno.

Art. 13. Concluido o reconhecimento de poderes, na ultima sessão preparatoria, será votado, por todos os congressistas presentes, o Regimento Interno e eleita a Mesa ou Commissão Directora dos trabalhos do Congresso e, bem assim, as primeiras commissões especiaes.

Art. 14. Antes de aberta a sessão inaugural do Congresso, a Commissão Organizadora entregará seus poderes á Commissão Directora, que preencherá dahi em diante suas funcções, passando a deliberar na conformidade das disposições do Regimento Interno que tiver sido aprovado.

PROGRAMMA GERAL

O 3º Congresso Nacional de Agricultura e Pecuaria, promovido pela Sociedade Nacional de Agricultura, sob os auspícios do Ministerio da Agricultura e da Commissão do Centenario da Independencia, reunir-se-á nesta cidade do Rio de Janeiro, no decurso do mez de Setembro de 1922, e tomará conhecimento de todos os trabalhos que forem, em tempo opportuno, apresentados á Commissão Organizadora, a respeito das questões abaixo enumeradas e de outras de relevancia para a agricultura, pecuaria e industrias, annexas no paiz, assim para o estudo do desenvolvimento desses ramos da economia nacional durante o primeiro seculo de Emancipação Politica do Brasil, como para a apreciação do seu estado actual e das necessidades a prover; occupando-se, especialmente, em relatar, de modo resumido, e de discutir, em fórmula de conclusões praticas, as theses propriamente ditas, constantes do seguinte programma geral:

TITULO I

AGRICULTURA, INDUSTRIA EXTRACTIVA E INDUSTRIAS CONNEXAS

1

Evolução da agricultura e sua importancia na vida economica do Brasil, nas tres phases de colonia, imperio e republica.

2

Estudos relativos a cada um dos principaes productos de exportação e, especialmente, sobre o café, o fumo, o cacau, o assucar, a borracha e a herva-matte:

a) Evolução da producção e do consumo no mundo durante os ultimos cem annos, em synthese e discriminadamente, de cada um desses generos, por paizes productores e consumidores. Cotações no mesmo periodo;

b) Situação actual da producção e do consumo no paiz e no estrangeiro. Perspectivas futuras. Producção em cada um dos Estados do Brasil;

c) Custo da producção em cada um dos Estados do Brasil e nos principaes paizes concorrentes;

d) Condições da mão de obra nos paizes e colonias que concorrem connosco na producção dos referidos generos;

e) Impostos que oneram a producção aqui e no estrangeiro;

f) Confronto entre as despesas de transporte dos centros productores aos mercados de consumo;

g) Mercados actuaes. Praxes commerciaes existentes;

h) Influencia das fluctuações do cambio entre nós sobre o custo de producção e sobre o preço de venda. Efeitos da valorização da prata sobre o custo de producção no Oriente;

i) Causas que influem nas cotações baixas dos nossos typos daquelles productos, em relação aos de outras procedencias, nos mercados consumidores;

j) Valorizações officiaes, seus efeitos e resultados obtidos.

k) Necessidades diversas a prover.

3

A cultura do café e do cacau:

a) Epocas do plantio, trato cultural e épocas da colheita em cada Estado productor. Natureza das terras, e padrões ou vegetação caracteristica das terras mais apropriadas a cada uma dessas culturas. Processos de cultura;

b) Variedades cultivadas, condições de productividade e rendimento cultural de cada variedade, observações sobre a sua resistencia ás pragas, ás doenças e aos accidentes climatericos. Selecção e introdução de variedades novas e condições a que devem obedecer. Molestias e inimigos, como são ou devem ser combatidos. A poda. Suas vantagens e inconvenientes. Regras que devem ser observadas. A enxertia. Caso em que convem applical-a. Resultados de ensaios feitos entre nós.

c) Processos de colheita de beneficiamento e de conservação, acondicionamento ou embalagem, e classificação dos productos. Medidas recommendaveis. Aperfeiçoamentos necessarios.

4

A cultura da canna e a industria assucareira:

1.) Historico: introdução da canna de assucar e installação dos primeiros engenhos de assucar em cada Estado do Brasil.

2.) Cultura, actualmente, em cada Estado e Municipio:

a) Area cultivada, variedades de canna predominantes, quaes as melhores condições de productividade para cada uma das variedades, observações sobre a sua resistencia ás pragas e ás doenças, rendimento cultural, natureza das terras e condições topographicas;

b) Selecção, producção de variedades novas e condições a que devem obedecer;

e) Epocas de plantio e de colheita, processos de cultura, melhoramentos recomendáveis para se obter maior rendimento cultural e maior riqueza saccharina; adubação; mechanocultura e especialmente motocultura; irrigação artificial;

d) Transporte de canna; relações entre o agricultor e o fabricante de assucar e alcool; methodo racional para o pagamento das cannas pelas usinas.

3.) Situação actual da industria assucareira nos diversos Estados productores:

a) Numero e capacidade das usinas e dos engenhos de assucar, e das distillarias;

b) Produção; qualidade e quantidade de assucar e de alcool; typos commerciaes para o consumo interno e para os mercados estrangeiros;

c) Sub-productos e o seu melhor aproveitamento;

d) Apparelhagem moderna e aperfeiçoada para o fabrico do assucar e melhoramentos a serem introduzidos nos processos de fabricação;

e) *Contrôle* chimico nas fabricas ou usinas de assucar;

f) O problema do combustivel nas usinas de assucar, aproveitamento efficiente do bagaço para esse fim, typos de fornalhas proprias e economicas, indicações sobre a economia do combustivel;

g) Centralização do fabrico;

h) Electrificação das usinas;

i) Preparação de technicos na parte mechanica e chimica da industria assucareira;

j) Fabricação do alcool e cooperativas para a sua produção.

5

A cultura da seringueira no paiz e no estrangeiro. Causas que têm impedido a sua expansão entre nós. Meios de removel-as. Confronto da cultura com a exploração dos seringaeos nativos. Exploração dos seringaeos nativos e meios de impedir o seu abandono. Resultados das plantações existentes. Custo da produção actual; meios de reduzi-lo nas plantações.

6

A cultura da herva-matte no paiz e no estrangeiro. Resultados obtidos. Methodos de exploração da herva-matte nativa. Estudos da vantagem da cultura.

7

Industria extractiva da borracha e da herva-matte:

a) Epocas da safra em cada Estado e região;

b) Processos de colheita, de beneficiamento, de preparo e de conservação, acondicionamento ou embalagem e classificação dos productos. Aperfeiçoamentos aconselháveis. Necessidades mais urgentes a prover.

8

Milho, arroz, centeio, cevada, sorgho, aveia e outros cereaes. Feijão, ervilha, guandu, soja e ou-

tros grãos legumiferos. Mandioca. Raizes tuberosas. Batatas. Outros tuberculos. Plantas de bulbos e rhizomas.

Estudo de cada produção e especialmente:

a) Safra por especie em cada Estado;

b) Epocas de plantio, trato cultural e épocas da colheita em cada Estado e região. Natureza das terras, e padrões ou vegetaes indigenas que caracterizam as melhores terras para cada uma dessas culturas. Processos de cultura;

c) Variedades cultivadas, melhores condições de productividade e rendimento cultural de cada uma; quaes as mais recomendáveis para cada Estado e região; resistencia ás pragas, ás doenças e aos accidentes climatericos. Selecção e introdução de novas variedades. Molestias e inimigos, como são ou devem ser combatidos;

d) Processos de colheita, beneficiamento e de conservação acondicionamento e classificação dos productos. Melhoria dos mesmos;

e) Estatísticas de produção e de consumo no paiz. Exportação para o estrangeiro.

9

Estudo minucioso sobre o trigo no Brasil. Historia da sua produção desde os tempos coloniaes e causas do seu abandono. Sua cultura nos diversos Estados, variedades mais adaptaveis a cada zona e indicação de medidas a adoptar para o augmento progressivo e methodico da produção no paiz. Defesa contra as doenças e pragas. Estatísticas de produção e de consumo no paiz. Medidas de influencia immediata sobre o desenvolvimento da produção. Preços minimos; protecção aduaneira.

10

A cultura do fumo no Brasil desde o periodo colonial. A sua importancia economica. Processos de cultura. Variedades cultivadas. Methodos de selecção e hybridação para obter novas variedades. Adubação. Doenças e pragas. Colheita. Typos de fumo. Seccagem e fermentação conforme a variedade e a qualidade do producto que se quer fornecer aos mercados consumidores. Escolha, beneficiamento e enfardamento. Systema de exploração das plantações do fumo no Brasil, na America do Norte, em Cuba e no Oriente. Processos de fornecimento de mudas para o plantio e de compra do producto verde ou fermentado. Medidas aconselháveis para o aperfeiçoamento da cultura e melhor beneficiamento do fumo entre nós.

11

Plantas productoras de sementes e fructos oleaginosos. Exploração e cultura das principaes, dentre as diversas variedades indigenas e exoticas existentes no Brasil.

12

A cultura do coqueiro (*Cocos nucifera*) no Brasil. Causas da sua relativa estagnação. Con-

veniência de promover a sua expansão. Inimigos do coqueiro e meios de combatel-os. O preparo do coprah para exportação. Fabricas de oleo e manteiga de côco nos centros productores. O aproveitamento industrial do caíro. O commercio do côco no paiz e no estrangeiro.

13

A castanheira do Pará (*Bertholetia excelsa*). Vantagens da sua cultura. Produção actual da castanha. Desenvolvimento do seu commercio no paiz e no estrangeiro. Meio de intensificar-o. O babassú. Seu grande valor economico. Melhores condições para a sua exploração.

14

Produção e commercio de fructas em cada um dos Estados do Brasil. Causas que têm impedido o seu desenvolvimento e meios de promovê-lo. Fructas silvestres e fructas cultivadas, nativas e exóticas aclimadas. Preparo e acondicionamento de fructas para a exportação. Industrias de conservas, de doces e de succos de fructas.

15

A cultura de hortaliças nas proximidades dos centros urbanos. Medidas capazes de desenvolver-a e de assegurar a collocação vantajosa dos productos em beneficio dos productores. A industria de conservas de productos hortícolas.

16

A floricultura e a organização do commercio de flores. O aproveitamento industrial das flores.

17

A viticultura no Brasil. Zonas mais apropriadas. Variedades de videiras mais recommendaveis para a produção de uvas para mesa e para vinho. Resultados obtidos. Medidas necessarias para aperfeiçoar e intensificar a produção e commercio de uvas e o fabrico de vinho.

18

Plantas tanníferas. Sua exploração e cultura entre nós. Causas do seu estado rudimentar.

19

Plantas medicinaes. Sua cultura e exploração no Brasil. Conselhos uteis para exploração e cultura das nativas, e introdução das exóticas, susceptiveis de facil aclimação. Estudos e observações sobre:

- a) A quina e a poaia ou ipecacuanha, sua exploração e motivos do abandono da sua cultura no Brasil. A industria do quinino;
- b) O guaraná, sua exploração, desenvolvimento da sua cultura e applicações;
- c) A herva de Santa Maria. O seu aproveitamento industrial. A produção do oleo de chenopodium;
- d) Outras plantas medicinaes e conveniencia da sua exploração e cultura.

20

A cultura do chá. Sua introdução no Brasil. Plantações existentes. Razões da falta de expansão dessa cultura no nosso paiz.

21

A castanheira do Pará (*Bertholetia excelsa*). e cêras. Sua importancia nas regiões aridas. Organização racional de sua exploração.

22

Culturas de plantas perennes nos paizes tropicaes. A importancia dessa pratica no Oriente e no Brasil. As arvores de sombra. A cultura de plantas perennes e a criação.

23

Classificação e nomenclatura das madeiras nacionaes. A exploração racional das florestas. Commercio de madeiras no Brasil, suas necessidades nas diversas zonas do paiz. A systematização e o desenvolvimento de tão importante ramo da actividade nacional. Aproveitamento das nossas madeiras na industria de pasta de papel.

24

Cultura de essencias florestaes. Resultados da cultura do eucalyptus no Brasil e as suas vantagens. Melhores variedades de accordo com as diversas zonas. Plantas nacionaes e estrangeiras, sobretudo leguminosas, mais aconselháveis para a silvicultura, pelo seu crescimento rapido e mais prompta exploração industrial.

25

As plantas fibrosas no Brasil:

- a) Plantas nativas, susceptiveis de exploração industrial;
- b) Causas da desvalorização do caroá e do paco-paco depois da terminação da guerra;
- c) A cultura do henequem ou sizal; vantagens dessa cultura nas regiões das secas;
- d) A piteira e a sua exploração no Brasil;
- e) A paineira e suas variedades. Vantagem da sua cultura;
- f) As possibilidades do plantio da juta no nosso paiz. Experiencias e resultados obtidos;
- g) A descortiçação e a maceração das plantas fibrosas. Condições mais favoráveis á obtenção de productos superiores. Processos chimicos de tratamento das fibras;
- h) Estudo das nossas fibras no fabrico do papel e sua utilização economica.

26

A cultura do linho no Brasil. Resultados obtidos e meios de incremental-a.

27

A mechanocultura. Causas do retardamento de suas applicações no paiz. Resultados dos ensaios de motocultura no Brasil. A cooperação e a mechanocultura. Concursos de tractores.

28

A lavoura secca. Seus resultados e vantagens. Conveniencia de sua adopção e generalização no Brasil.

29

A irrigação agricola no Brasil. Seu custo e vantagens. Instalações existentes. Estações de hydraulica agricola. Causas do pouco desenvolvimento da irrigação artificial no nosso paiz.

30

Estudo das seguintes questões especiaes sobre a irrigação:

a) Estabelecimento da irrigação, tendo em vista a permeabilidade dos terrenos a irrigar;

b) Efficiencia da irrigação no Nordeste, no ponto de vista economico;

c) Distribuição economica da agua na irrigação das culturas no Nordeste;

d) Se as taxas de irrigação para o Nordeste devem corresponder ao capital despendido em cada uma das obras construidas ou a uma taxa média proporcional ao capital no conjuncto de todas as obras em cada Estado;

e) Regimen administrativo a ser adoptado na amortização do capital empregado nas obras do Nordeste; taxas de irrigação ou imposto territorial sobre as terras irrigaveis;

f) Premios aos particulares, syndicatos agricolas e municipalidades que construirẽ açudes pequenos e médios. Determinação da capacidade de uns e outros; suas vantagens; proporção do premio a ser conferido para o total do orçamento de cada açude;

g) Construção de grandes açudes por syndicatos de agricultores interessados na irrigação de uma determinada zona; auxilio financeiro pela União, pelo Estado ou pelos dous conjunctamente, e garantias exigiveis para a amortização do capital por essa fórmula obtido;

h) Credito agricola para o Nordeste; regimen a ser adoptado de accôrdo com as condições peculiares ao meio;

i) Se a administração das obras do Nordeste pela União deve terminar com o reembolso total das importancias despendidas, e neste caso, quem deve passar a administral-as, se o Estado ou se os respectivos interessados;

j) Regimen administrativo a ser adoptado na colonização dos terrenos irrigados que estiverem sob a jurisdição do Governo Federal ou do Estado; qual a repartição que terá de dirigir esse serviço de colonização.

31

O saneamento e aproveitamento agricola da Baixada Fluminense e de outras zonas do paiz em identicas condições.

32

Importancia da adubação em geral, e a sua importancia para a nossa agricultura. Resultados das experiencias da adubação entre nós. Estudos especiaes sobre:

a) Substancias existentes no paiz e que possam ser utilizadas como adubos. Proviencias que convenha adoptar para animar a sua exploração e desenvolver o seu consumo dentro do paiz;

b) Producção de adubos azotados, phosphatados, calcicos e potassicos, e seu commercio no Brasil;

c) Jazidas mineraes de que dispomos no paiz, cujos productos possam ser explorados e applicados para a adubação das terras de cultura;

d) Barateamento de fretes para os adubos nas estradas de ferro e vias de navegação;

e) Conveniencia ou não de se prohibir a exportação de residuos vegetaes ou animaes, utilizaveis como adubos;

f) As estrumeiras. Regras e observações sobre a sua construcção de accôrdo com o clima de cada região. Condições para o seu melhor rendimento.

33

Estações experimentaes. Como devem ser organizadas para a sua maior efficiencia e utilidade. A coordenação dos seus trabalhos e pesquisas. A introduccção de novas culturas e de plantas uteis. A utilização das ilhas proximas dos principaes portos para nellas se installarem jardins economicos afim de experimentar as plantas e sementes de procedencia estrangeira que convenha introduzir no paiz. Os programmas de estudos e pesquisas. Meios mais convenientes de assegurar os recursos necessarios á sua execução.

34

A selecção das sementes. Obtenção de novas variedades por cruzamento e hybridação. Fazendas de sementes, sua organização e exploração.

35

Serviço meteorologico. Systematização das observações em proveito da agricultura.

36

Serviços de defesa contra as doenças e pragas que atacam as plantas. Meios de augmentar a sua efficiencia. Organização de um plano systematico de combate ás sauvas, á quemquem, aos gafanhotos, ás lagartas e á lagarta rosada em especial. Regulamentação da defesa agricola do paiz. Fornecimento de insecticidas e fungicidas garantidos pelo Governo.

37

Luta contra as geadas, inundações e outros acidentes climatericos.

TITULO II

PECUARIA, CRIAÇÃO EM GERAL E INDUSTRIAS CONNEXAS

38

Esboço historico da pecuaria no Brasil, desde o descobrimento até os presentes dias. Introdução das raças e sua distribuição geographica. Estado actual.

39

A pecuaria e o seu incremento. Melhoramento dos rebanhos e regeneração das raças creoulas, nos diversos Estados. A selecção, o cruzamento, o refinamento e a mestiçagem. Registros genealogicos. Marcas e signaes, e sua legislação.

40

Forragens indigenas e exoticas de maior valor nutritivo e economico, nas diversas situações geographicas do Brasil. Ensilagem e seus processos. Fenação.

41

Introdução e cultura de forragens exoticas de alto valor nutritivo e facilmente acclimaveis em determinadas regiões do paiz.

42

Bovinos:

a) Raças creoulas em cada Estado do Brasil. Resultados conseguidos com os processos de melhoramento e methodos a adoptar para sua selecção e fixação. Disseminação dos reproductores seleccionados;

b) O gado caracú. Resultados obtidos da sua selecção;

c) Raças nacionaes ou estrangeiras para carne, para leite e para trabalho, mais adaptaveis ás varias regiões do Brasil. Escolha das raças mais convenientes para cada Estado e região;

d) Introdução de reproductores de raças finas no Brasil. Resultados obtidos com a sua importação nos ultimos annos. Cuidados de que carecem. Immunização. A criação industrial de reproductores;

e) Influencia do cruzamento sobre os nossos rebanhos;

f) O gado zebú no Brasil. Observações e opiniões a respeito.

g) A produção do gado para corte, typo frigorifico. Necessidade de formar typos que satisfaçam as exigencias do consumo europeu;

h) Meios de systematizar a criação do gado a campo. Cercas, curraes ou mangueiras, poteiros, tapumes, aguadas, banheiros, abrigos e outras installações indispensaveis.

43

Equinos:

a) A criação do cavallo no Brasil, raças existentes e processos aconselháveis para o melhoramento das mesmas;

b) O cavallo puro sangue e resultados obtidos da sua criação entre nós;

c) Importação de reproductores. Raças mais convenientes ao cruzamento das nossas cavalhadas. Cavallos de tiro ligeiro, médio e pesado. Cavallos de sella;

d) Obtenção de um typo de cavallo que satisfaça ás necessidades do Exercito. Dificuldades existentes e meios de removel-as.

44

Muares e asininos:

a) Importancia dos muares na vida rural do Brasil, e como tractores no serviço do Exercito. A criação industrial dos muares;

b) Importação e criação dos jumentos. raças preferiveis.

45

Ovinos:

a) A criação do carneiro, como producto de lã, pelle e carne, nos Estados do sul, do centro e do norte;

b) Medidas a adoptar para desenvolver e melhorar a criação do carneiro;

c) Raças aconselháveis, tendo em attenção a zona e o destino industrial.

46

Caprinos:

a) A criação de caprinos, como productores de pelle, leite, lã e carne, nos Estados do norte, do centro e do sul;

b) A importancia da criação de caprinos nas zonas aridas;

c) Necessidade de desenvolver e melhorar a criação de caprinos. Providencias convenientes a respeito;

d) Escolha das raças, segundo a zona e o fim da criação;

e) Importação de reproductores das melhores raças.

47

Suinos:

a) A criação do porco no Brasil e o seu grande valor economico;

b) Raças nacionaes e raças importadas já acclimadas no paiz. Observações a respeito. Confronto com as raças mais apreciadas no estrangeiro;

c) Raças preferiveis, tendo em vista a sua utilização industrial e a zona em que se desenvolver a criação;

d) Meios de promover a larga expansão e o melhoramento da criação de suinos no Brasil.

48

A criação de aves domesticas sob o ponto de vista industrial. Raças nacionaes e exoticas já aclimadas, e melhoramento dos typos existentes. Introducção de novas raças. Meios de desenvolver essa criação no paiz e o seu commercio com o estrangeiro. Preparo de aves para o consumo interno e para exportação.

49

A criação do avestruz e de outras aves para a producção de plumas e pennas.

50

Apicultura, sob o ponto de vista economico. Abelhas nacionaes e abelhas estrangeiras. Estudo e observações a respeito. Molestias, parasitas e inimigos. Flora apicola brasileira; chronologia vegetal.

51

Sericultura. A criação do bicho da seda (*bom-bix mori*) no Brasil. Resultados adquiridos. Escolha da raça do bicho da seda, tendo em attenção o clima local e a especie de amoreira (*morus alba* ou *morus nigra*) cultivada. Processos sericicolas a adoptar e cuidados a recommendar. Causas da inefficacia dos esforços até agora empregados no Brasil em favor dessa industria e meios de removelas.

52

A producção do leite e organização do seu commercio:

- a) Estudo especial das raças de gado leiteiro nos diversos Estados do Brasil;
- b) Importancia das forragens na producção do leite. Apreciação das existentes e predominantes em cada Estado;
- c) Hygienização do leite. Suas vantagens;
- d) Vantagens da estabulação. Hygiene dos estabulos;
- e) Composição normal do leite dos animaes estabulados nos centros urbanos, comparada com a do leite importado dos centros ruraes. Bases para a fixação de um padrão nacional;
- f) Importancia da tuberculinisação das vaccas leiteiras;
- g) Como intensificar a producção do leite e derivados;
- h) Machinismos e utensilios empregados na industria de lacticinios. Variedades e sistemas preferidos;
- i) Expansão do commercio de leite e derivados. Necessidade de vagões frigorificos nas estradas de ferro e viaturas especiaes para os transportes urbanos. Sociedades cooperativas e de ensino profissional;
- j) Causas que difficultam o desenvolvimento da industria de lacticinios no Brasil;
- k) Conveniencia de organizar-se a Federação Nacional de Leitaria.

53

Commercio de carnes, banha, couros, pelles e sub-productos da industria pastoril. Causas da má classificação dos nossos productos animaes nos mercados estrangeiros. Melhoramentos e providencias a recommendar.

54

Impostos e despesas que oneram os productos da industria pastoril. Meios de reduzir o custo de producção. Necessidade de melhor systema tributario, para estimular o augmento e aperfeiçoamento da producção. Influencia do cambio sobre os preços dos productos animaes e sobre o custo de producção.

55

Investigações sobre a peste bovina, febre apthosa, e outras doenças devidas a virus filtraveis; o mal de cadeiras, o mal de chifre, peste das galinhas, piroplasmose ou batesiose, tinnas, sarnas e outras doenças dos animaes no Brasil e no estrangeiro. Prophylaxia e tratamento.

56

Policia sanitaria animal. Providencias necessarias para a organização de um plano systematico de combate ao carrapto, o berne e a outras pragas.

57

Immunização do gado importado. Alvitre praticos.

TITULO III

ENSINO AGRICOLA, ZOOTECHNICO E VETERINARIO

Associações — Credito

58

O ensino agricola, zootechnico e veterinario, e a sua diffusão no Brasil:

- a) Ensino agronomico e veterinario superior. Orientação conveniente á economia brasileira;
- b) Ensino agricola e zootechnico medio ou theorico-pratico. Sua direcção accorde com as conveniencias regionaes. Systematização de seus typos. Cursos de veterinaria;
- c) Ensino agricola e zootechnico pratico elemental. Meios de disseminação pelo paiz. Escolas domesticas de agricultura;
- d) Ensino agricola e zootechnico ambulante. Cursos abreviados. Meios de incentival-os;
- e) As escolas primarias das zonas ruraes e o incitamento ao amor das praticas agricolas e pecuarias. O ensino de noções de agricultura e zootechnia nas escolas normaes;
- f) Estações agronomicas e campos de demonstrações scientificas. Typos de umas e

outras mais convenientes ao Brasil, consoante ás modalidades agricolas do seu territorio;

g) Postos zootechnicos, sua directiva de accôrdo com as circumstancias da zona a que servem;

h) Institutos e laboratorios de pesquisas scientificas attinentes á agricultura e pecuaria. Orientação que se lhes deve dar para a sua maior efficiencia. Coordenação dos programmas de cada um dos problemas a estudar e resultados obtidos em todo o paiz.

59

Meios de despertar e fortalecer o espirito de associação das classes ruraes em todo o paiz:

a) Sindicatos agricolas, profissionais e mixtos. Associações, ligas, federações, ou uniões de lavradores e criadores. Confederação Rural Brasileira;

b) Cooperativas, suas modalidades para a lavoura e criação: de produção, de compra e venda e de credito;

c) Mutualidades: seguros contra a mortalidade do gado, contra o incendio, contra a geada, contra as pragas, contra os accidentes do trabalho;

d) Clubs agricolas.

60

Mobilização do capital em proveito da lavoura e criação:

a) A previdencia e o credito hypothecario e agricola. O decreto do Governo Provisorio e as causas da sua inefficacia. A lei de Ignacio Tosta de 1907 e as razões da sua inexecução;

b) O decreto n. 1.637, de 5 de Janeiro de 1907, e as conclusões do 2º Congresso Nacional de Agricultura;

c) Bancos populares como caixas economicas aperfeiçoadas;

d) O systema Raiffeisen; sua função no credito pessoal, no penhor agricola e na lettra hypothecaria;

e) Caixas ruraes e centraes de credito. Tentativas já realizadas no Brasil.

TITULO IV

DIVERSOS ASSUMPTOS DE INTERESSE DA AGRICULTURA, DA PECUARIA E DAS INDUSTRIAS CONNEXAS

61

A produção do alcool para fins industriaes:

a) Disseminação do fabrico do alcool desnaturado por todo o paiz. Melhor aproveitamento do mel e dos baixos productos da fabricação do assucar para a produção do alcool. O emprego da batata, da mandioca, dos cereaes e dos fructos como materia prima para o fabrico do alcool e importancia dos seus residuos para a criação;

b) Applicações industriaes do alcool á

luz, ao aquecimento e aos transportes. Outras applicações. Apparelhos e motores proprios para o consumo do alcool;

c) Processos de desnaturação e desnaturantes de produção nacional. Carburetantes nacionaes e estrangeiros;

d) Meios de desenvolver o emprego do alcool desnaturado. Favores necessarios. Regimen fiscal e tributario;

e) Cooperativa nacional e cooperativas estadaues de alcool. Estabilização dos preços de venda em grosso e a retalho. Propaganda e organização da venda a retalho em todo o paiz.

62

A industria do frio no Brasil. Necessidade de incremental-a em beneficio da agricultura, pecuaria e industrias connexas. Instalações existentes e necessidades a attender. Estudo das applicações do frio e especialmente:

a) Organizações frigorificas e a influencia que podem exercer no desenvolvimento dos varios ramos dessas industrias;

b) Vantagens das camaras frigorificas á margem das linhas ferreas, quanto á produção e ao barateamento dos productos respectivos nos mercados consumidores. Influencia economica de taes frigorificos;

c) Vantagens da exploração de certos transportes ferroviarios pelas empresas industriaes de frigorifico;

d) Viaturas frigorificas apropriadas aos transportes urbanos e de pequeno percurso;

e) Entrepostos frigorificos de consumo. Sua distribuição e meios de fiscalização;

f) Vantagens reciprocas para o commercio e para o consumidor, resultantes da distribuição ofrigorifica dos productos a domicilio;

g) Influencia economica e social exercida no paiz pelos matadouros e mais installações frigorificas;

h) Conveniencia de uma commissão permanente para tratar dos interesses da industria do frio em tudo que se relacione com o desenvolvimento das suas applicações actuaes e no futuro;

i) Modo de regular as concessões;

j) Regimen tributario e fiscal da União, dos Estados e dos Municipios;

k) Tarifas ferroviarias;

l) Representação do Brasil no Congresso Internacional do Frio.

63

A importancia do desenvolvimento da industria da fecula no Brasil. Aproveitamento das feculas para fins industriaes. A panificação da farinha de trigo de mistura com a de cereaes ou de raizes feculentas de abundante produção em todo o paiz.

64

As tarifas aduaneiras e a produção agricola, pecuaria e das industrias connexas. Convenios commerciaes.

65

Protecção ás aves uteis á criação e agricultura, e combate ás nocivas.

66

Organização do serviço de previsões de colheitas ou estimativa da produção agricola e pecuaria, e de informações uteis aos productores, sobre as safras, os *stocks* e os preços, ou sobre o apparecimento de pragas ou pestes, no paiz ou no estrangeiro.

67

Organização de exposições e feiras, grandes e pequenas. Sua utilidade e influencia nas praticas ruraes. Papel das associações de aggricultura e criação.

68

Pequenas propriedades agro-pecuarias e a sua exploração pelo systema intensivo. Conveniencia do estudo do typo mais adaptavel ás diversas regiões do Brasil.

69

Parcellamento das grandes propriedades territoriaes. Casos em que é recommendavel essa providencia.

70

Estudos subsidiarios para a organização do Governo Rural e do Codigo de Policia Sanitaria Animal.

71

Condições capazes de attrahir para o nosso paiz agricultores estrangeiros e de fixal-os como trabalhadores ruraes, pelo regimen de salario, parceria, arrendamento de terras, sub-divisão da propriedade ou outra convenção, ou como pequenos proprietarios a titulo inicial precario e final definitivo.

72

Estimulos para a fixação dos trabalhadores ruraes brasileiros nas fazendas de lavoura e criação ou como pequenos proprietarios de terras.

73

Importancia para certas culturas e industrias novas no paiz, da introduccão de colonos nellas especializados.

74

Pontes e estradas de rodagem. Meios de favorecer e generalizar a iniciativa das construcções. Actuação dos poderes publicos, das empresas e dos particulares.

75

A legislação social a ser adoptada em face das condições actuaes da vida rural no Brasil, em confronto com as dos paizes concurrentes da nossa produção.

Observações — As questões que interessam ao algodão não foram incluídas neste programma porque serão especialmente tratadas na Conferencia Internacional Algodoeira, que se realizará na mesma época, no Rio de Janeiro.

Conferencia Internacional Algodoeira

COMISSÃO ORGANIZADORA

Arno S. Pearse.
Ascendino Cunha.
Alfredo de Andrade.
Alcides Franco.
Carlos Julio Galliez.
Carlos de Miranda Jordão.
Domingos onçalves.
Fidelis Reis.
Gabriel Osorio de Almeida.
Geminiano de Lyra Castro.
Hannibal Porto.
Joaquim de Aguiar Costa Pinto.
Juvenal Lamartine de Faria.
Lourival Souto.
Miguel Calmon du Pin e Almeida.
Mario Spinola Teixeira.
Miguel Faustino do Monte.
Raphael de Abreu Sampaio Vidal.
Trajano Viriato de Medeiros.
William Wilson Coelho de Souza.

Art. 1º — A Conferencia Internacional Algodoeira, convocada pela Sociedade Nacional de Agricultura, sob os auspícios da Comissão Exe-

cutiva da Exposição Nacional e do Serviço do Algodão do Ministerio da Agricultura, reunir-se-á no decurso do mez de Outubro de 1922, na cidade do Rio de Janeiro.

Art. 2º — A Conferencia será organizada pela comissão para esse fim nomeada pela Sociedade Nacional de Agricultura.

Art. 3º — A Comissão Organizadora da Conferencia elegerá seu presidente, cinco vice-presidentes, um secretario geral e um sub-secretario.

Art. 4º — As reuniões da Comissão Organizadora se effectuarão, pelo menos, uma vez por semana.

Art. 5º — Os intuitos principaes da Conferencia são: o estudo de questões de interesse para o desenvolvimento da produção algodoeira no Brasil e no Estrangeiro; doenças e pragas do algodão; a selecção, o beneficiamento, a classificação, o enfardamento, o transporte, os direitos fiscaes e o commercio interestadual e internacional desse producto e dos seus derivados; a industria de fiação e tecelagem; cooperativas, caixas de credito e bolsas de algodão; finalmente, o exame de quaesquer assumptos que aproveitarem á produção e ao commercio do algodão, e indicação de conclusões a respeito.

Art. 6º — Serão membros da Conferencia:

a) — os delegados dos governos federal, estaduais e municipais;

b) — os representantes de associações e especialistas, nacionais ou estrangeiros, que se occupem da cultura, do commercio ou da industria do algodão;

c) — os membros da Comissão Executiva da Exposição Nacional;

d) — os directores e chefes de serviço do Ministerio da Agricultura, das Escolas Agricolas, e das repartições de agricultura dos Estados.

e) — os membros da Sociedade Nacional de Agricultura e os representantes das demais associações agricolas e industriaes;

f) — os membros das Comissões de Agricultura, Obras Publicas, Impostos e de Finanças do Senado e da Camara dos Deputados;

g) — os representantes do Centro Industrial do Brasil, do Centro de Fiação e Tecelagem de Algodão, das Associações Commerciaes, estabelecimentos bancarios, syndicatos, cooperativas e caixas rurais;

h) — os lavradores, industriaes e commerciantes de algodão e os representantes das empresas de transporte.

Art. 7º — A Comissão organizará o programma dos trabalhos da Conferencia, effectuará estudos especiaes sobre assumptos do programma para serem submettidos á apreciação da Conferencia e esforçar-se-á por conseguir a adhesão, a collaboração e o comparecimento á Conferencia do maior numero possível de interessados.

Art. 8º — Serão recebidos pela Comissão Organizadora, com a conveniente antecedencia e até um mez antes da instalação da Conferencia, as monographias, memorias e trabalhos originaes a serem sujeitos ao estudo da Conferencia.

Art. 9º — Os estrangeiros, membros da Conferencia, que, não sabendo o portuguez, quizerem apresentar estudos ou memorias sobre materia do programma, poderão fazel-o nas linguas hespanhola, italiana, franceza, ingleza ou allemã.

Art. 10º — Com a necessaria antecedencia, a Comissão Organizadora fixará os dias do mez de Outubro de 1922, em que a Conferencia tiver de se realizar, dando a maior publicidade a essa resolução e avisando os interessados.

Art. 11º — A Comissão Organizadora preparará o Regimento Interno para os trabalhos da Conferencia.

Art. 12º — Nas vespersas da instalação da Conferencia realizar-se-ão quatro sessões preparatorias, presididas pela Comissão Organizadora, para o reconhecimento de poderes dos conferencistas, trabalhos de expediente e discussão do Regimento Interno.

Art. 13º — Na ultima sessão preparatoria, e após o reconhecimento de poderes, será votado o Regimento Interno pelos conferencistas presentes, elegendo-se, em seguida, a Mesa ou Comissão Directora dos trabalhos da Conferencia.

Art. 14º — Antes de encerrar-se a ultima sessão preparatoria, a Comissão Organizadora transferirá os seus poderes á Comissão Directora da Conferencia, que passará a agir de accôrdo com as disposições do Regimento Interno, que tiver sido approvedo.

A Conferencia Internacional Algodoeira, convocada pela Sociedade Nacional de Agricultura, sob os auspícios da Comissão Executiva da Expo-

sição Nacional e do Serviço do Algodão do Ministerio da Agricultura, reunir-se-á no decurso do mez de Outubro de 1922, na cidade do Rio de Janeiro e occupar-se-á de qualquer assumpto de relevancia, que diga respeito ao algodão e aos seus sub-productos, e, especialmente, das theses constantes deste programma:

I — O ALGODÃO NO BRASIL. INQUERITO GERAL SOBRE A SUA CULTURA NOS DIVERSOS ESTADOS E NO ESTRANGEIRO

1) — Variedades de algodão existentes nos diversos Estados da União. Caracteres proprios dessas variedades, estudo das sementes e qualidades da fibra.

2) — Vantagens e inconvenientes da cultura dos algodoeiros annuaes e perennes, segundo as condições topographicas, agrologicas e climatericas da região. Inconvenientes da mistura de variedades numa mesma plantação. Importancia da systematização da cultura de uma só variedade para cada zona.

3) — Rendimento comprovado de cada variedade.

4) — Resistencia das diversas variedades ás intemperies e pragas, nas varias regiões.

5) — Precocidade e productividade das diversas variedades, em cada região.

6) — Terras mais adaptaveis a cada uma dessas variedades; situação topographica, exposição, formação geologica, composição chimica e extensão de cada região. Padrões das melhores terras. Condições climatericas locais.

7) — Meios de produção em cada região; condições da mão de obra; regimen do trabalho a jornal, parceria e empreitada; preços das terras; facilidades de transporte.

8) — Estudo retrospectivo do desenvolvimento da cultura mechanica (com animaes e tractores) em todo o paiz.

9) — Estudo retrospectivo da acção official e particular para o desenvolvimento da cultura do algodão no paiz.

10º — Estatistica da produção algodoeira em cada um dos Estados, sendo possível por municipios; consumo local; exportação para os Estados e para o estrangeiro.

11) — Estudo retrospectivo do desenvolvimento da cultura do algodão nos principaes paizes productores.

II APERFEIÇOAMENTO DA CULTURA DO ALGODÃO NO BRASIL

1) — Preparo do terreno, destocamento, trabalho do arado e da grade, emprego dos tractores e condições economicas dessas operações.

2) — Systemas de plantação mais economicos, machinas a empregar. Epocas e processos de plantio, segundo as variedades e a região. Replanteio. Desbaste. Capinas. Arrazamento.

3) — Adubação das terras pobres: applicação do farello do caroço de algodão, do estrume de curral, dos adubos chimicos e verdes.

4) — Rotação das culturas e necessidade de sua systematização como meio de equilibrar a fertilidade da terra e de defesa contra as pragas.

5) — Colheita, cuidados na apanha para ter um producto limpo. Armazenamento conveniente para evitar as impurezas e as pragas.

6) — Selecção das sementes, tendo em vista a variedade do algodão e as qualidades da fibra; praticas adoptadas nesta operação.

7) — Acclimação das variedades exóticas; vantagens e inconvenientes.

8) — Estudo comparativo entre a selecção das variedades nacionaes e a acclimação das exóticas; superioridade da primeira pratica sobre a segunda.

9) — Poda; estudo dos diversos methodos; suas vantagens e resultados economicos.

III -- DOENÇAS E PRAGAS DO ALGODÃO. SERVIÇO DE DEFESA

1) — Estudo das doenças e pragas que atacam o algodoeiro, nomeadamente da broca, lagarta rosada e o curuquerê. Importancia dos prejuizos materiaes causados por cada uma dellas, na qualidade do producto e no rendimento das colheitas. Beneficios auferidos pela acção exercida contra essas pragas pelos Estados que mantêm os serviços da defesa do algodão.

2) — Influencia das intemperies, da época do plantio e da colheita, da vegetação circumvizinha, da variedade e das praticas prophylacticas sobre a occurrencia das pragas e molestias.

3) — Meios de combate ás pragas. Insecticidas, fungicidas, sua applicação. Póda dos algodoeiros perennes como meio prophylactico.

4) — Expurgo das sementes e methodos para esse fim adoptados, seja pelo ar quente ou pela exposição ao sol, seja pelo sulfureto de carbono ou pelo gaz cyanhydrico. Estudo dosapparelhos applicaveis ás grandes e pequenas installações e ao serviço de exportação; necessidade da disseminação dos mesmos. Medidas a tomar sobre a importação de sementes de algodão do estrangeiro e installação de apparelhos de expurgo.

5) — Plano de coordenação da legislação federal, da dos Estados e dos municipios para que se tornem praticas e effectivas as medidas de prophylaxia e defesa do algodão; regras mais importantes a adoptar. Meios conducentes á acceitação e vulgarização dessas medidas, inclusive pelo ensino ambulante e pela propaganda entre os agricultores, proprietarios e machinas de descaroçar e compradores de algodão.

6) — Medidas que devem ser adoptadas, em acção conjuncta, pelos paizes productores, para evitar a disseminação das doenças e pragas que atacam o algodão.

IV -- O ALGODÃO NO NORDESTE

1) — Elementos de trabalho no Nordeste para augmento e melhoria da cultura do algodão, e indicações para o seu aproveitamento mais efficiente.

2) — Terras cultivadas e estudo sobre a ampliação das áreas de plantação, mediante a construção de grandes açudes. Estudo dos meios de melhorar e utilizar as terras de irrigação, as de vassantes e as terras altas dos açudes.

3) — Distribuição de agua para irrigação; regras a adoptar, methodos preferiveis. Consumo de agua nas differentes culturas e taxas a cobrar pelo seu uso. Como se deverá proceder para o rapido aproveitamento das terras irrigaveis.

4) — Conveniencia da cooperação de capitaes estrangeiros na utilização das terras de irrigação;

como obtel-a e melhor systema de trabalho a ser então adoptado ?

5) — Alcance economico das grandes obras de açudagem do Nordeste e do melhoramento planejado de seus portos e meios de transporte.

6) — Cultura nos terrenos servidos por pequenos, medios e grandes açudes. Estudo das bacias de irrigação dos grandes açudes. Possibilidades economicas do aproveitamento da agua para irrigação nos grandes açudes do Nordeste.

7) — Utilidade das estradas de rodagem em toda a região algodoeira; necessidade da sua disseminação.

V — BENEFICIAMENTO DO ALGODÃO E DOS SEUS SUB-PRODUCTOS

1) — Tratamento do algodão, desde a colheita até ao enfardamento da pluma. Separação preliminar, por qualidade, e typos de fibra; manipulação; descaroçamento; prensagem, enfardamento e armazenagem. Melhoramentos a introduzir.

2) — Machinas de descaroçar; typo de serras e typo de rolos e facão, com indicação de suas modalidades e aperfeçoamentos. Estudo da applicação desses typos de machinas ás nossas diversas variedades de algodão; vantagens e inconvenientes.

3) — Uzinas centraes de beneficiamento, segundo o typo de algodão, o comprimento da fibra e a importancia da região; condições que devem regular a escolha das sédes das uzinas.

4) — Typos de prensas de algodão e sua applicação em cada caso. Prensas para alta densidade nos portos de embarque e apparelhos de limpeza da pluma. Entrepostos de algodão nos portos de embarque. Typos de fardos para a exportação e para o consumo interno.

5) — Entardamento do algodão e acondicionamento dos seus sub-productos. Fraudes que occasionam esses serviços e meios de cohibil-as.

6) — Sementes de algodão e sua manipulação. Condições a que devem satisfazer os depositos de sementes, quanto á recepção, conservação e consumo, para uso local ou para a exportação.

7) — Fabricas de oleo; estudo das machinas de beneficiamento das sementes com o aproveitamento completo dos seus elementos: oleo, torta, farello, *linter* e cascas. Condições para a boa localização das fabricas de oleo, tendo em vista a materia prima, as condições de transporte e o melhor meio de utilizar os sub-productos. Seu valor industrial e economico.

8) — Refinação do oleo sob o ponto de vista chimico. Refinarias de oleo, tendo em vista a fabricação de productos alimentares, como a banha, o oleo de salada e o de cosinha. A importancia commercial desses sub-productos para a economia do paiz.

9) — Utilização das hastes do algodoeiro e do *linter* na industria da cellulose para a fabricação do papel. Favoros ás fabricas que se montarem no paiz.

VI — INTENSIFICAÇÃO DA CULTURA DO ALGODÃO. SERVIÇO FEDERAL DO ALGODÃO

1) — Propaganda da cultura do algodão pelo ensino primario, pelos campos de cooperação, pelo ensino ambulante, pelas estações experimentaes, pelas fazendas de sementes e pelo concurso dos

poderes publicos em tudo quanto possa interessar á expansão e á defesa dessa lavoura

2) — Disseminação das machinas agricolas e meios de facilitar a sua aquisição, pela importação livre de direitos e pela venda ao preço do custo. Extensão desses favores ás machinas de beneficiamento dos productos do algodoeiro, ás bombas, moinhos de vento, canalizações, machinas motrizes, adubos e insecticidas empregados na lavoura.

3) — Concessão de auxilios para o beneficiamento do algodão e seus sub-productos.

4) — Fazendas experimentaes annexas ás installações de beneficiamento, seu aparelhamento e fins; selecção e expurgo das sementes, destinadas ao plantio, pelos processos mais efficazes.

5) — Serviço Federal do Algodão, seu aparelhamento mais conveniente para a propaganda da cultura racional, defesa das plantações, distribuição de sementes seleccionadas e expurgadas, applicação de machinas agricolas, e para a organização da estatística de produção do algodão.

6) — Auxilio dos poderes publicos e particulares na propaganda da lavoura racional e combate as pragas do algodoeiro. Necessidade da regulamentação, por parte dos Governos estaduais e municipaes, de medidas prophylacticas e de defesa do algodão. Fraudes no beneficiamento do algodão, no fabrico e embalagem do óleo; decretação de multas para os infractores.

7) — Necessidade da disseminação de pequenas fabricas de óleo pelo interior dos Estados produtores de algodão. Favores para a montagem das mesmas.

8) — Estudo da exportação da *torta* do caroço do algodão. Conveniencia de ser prohibida a sua exportação. A *torta* na alimentação do gado. Premio aos lavradores que applicarem a *torta* como adubo das terras.

VII — CLASSIFICAÇÃO DO ALGODÃO E FORMAÇÃO DOS TYPOS COMMERCIAES DA FIBRA E DOS SEUS SUB-PRODUCTOS. COMMERCIO DO ALGODÃO

1) — Necessidade da classificação da fibra do algodão para facilitar as transacções de compra e venda, e da criação de typos para regular essas operações. Critérios para a classificação: a) o grão de limpeza e as melhores condições da fibra, segundo a classificação americana; b) procedencia do algodão e distincção das variedades, tendo em vista o comprimento, a resistencia e a finura da fibra.

2) — Creação de typos padrões do algodão brasileiro, subordinado ás variedades bem caracterizadas, ao apuro do beneficiamento e ao estado da fibra. Necessidade da cooperação dos peritos nacionaes com especialistas estrangeiros, para a formação desses padrões e importancia commercial dessa organização.

3) — Feiras e mercados regionaes; como devem ser creados, dirigidos e regulados em beneficio da produção, tendo em vista a informação do preço do algodão aos interessados pela publicação dos boletins de cotação nas principaes praças do paiz. A venda do algodão em pluma e em caroço pelo peso; aferição dos pesos e balanças.

4) — Cooperativas para a produção e venda do algodão. Caixas de credito.

5) — Bolsas de algodão, sua necessidade nas principaes praças exportadoras e condições de

organização para bem regularem as transacções de compra e venda do algodão e dos seus sub-productos. Acção official junto ás mesmas para evitar a classificação prejudicial ao productor. Commercio do algodão e inquerito sobre seus agentes e intermediarios. Warrantagem do algodão e dos seus sub-productos.

6) — Formação de typos para os sub-productos do algodão e sua regulamentação, tendo em vista os seus usos alimenticios e industriaes.

7) — Cooperação internacional para o melhoramento e augmento da produção algodoeira; regras uniformes para regular os dissidios commerciaes.

VIII — AS FABRICAS DE FIAÇÃO E TECELAGEM E O CONSUMO INTERNO DE ALGODÃO EXPORTAÇÃO DE TECIDOS

1) — Estudo sobre as fabricas de fiação e tecelagem nacionaes. Seu consumo de materia prima e sua importancia na economia nacional. Medidas praticas para promover, por meio de propaganda intensa no estrangeiro, a venda de tecidos nacionaes. Queixas relativas á qualidade e ao acondicionamento do algodão. Alvitres para sanar as falhas observadas. Estatística das fabricas de fiação e tecelagem. Uniformização com as estatísticas internacionaes.

2) — Historico do desenvolvimento da industria de fiação e tecelagem no Brasil e das fluctuações dos *stocks* e do preço da materia prima. Estudo dos meios de estabilizar as condições da vida industrial; influencia das tarifas de importação e do cambio. Necessidade da exportação de tecidos para a estabilidade commercial.

3) — Collaboração dos industriaes de algodão com o Governo Federal e dos Estados para o desenvolvimento da produção, combate ás pragas e melhor beneficiamento do algodão. Retrospecto da acção dos industriaes inglezes, especialmente nos protectorados e nas colonias britannicas.

IX — DEFESA ECONOMICA DO ALGODÃO

1) — Intervenção da União e dos Estados algodoeiros na defesa economica do algodão, impedindo as variações rapidas de preço.

2) — As fluctuações do cambio e sua influencia sobre os preços do algodão e dos sub-productos. Meios de assegurar a regularidade dos preços internos.

3) — Creação do preço minimo por meio de lei especial. Suas vantagens e necessidade no Brasil. Retrospecto das colonias inglezas em que o mesmo foi adoptado.

4) — Reserva internacional do algodão. Estabilidade das cotações nos mercados estrangeiros.

X — EXPORTAÇÃO DO ALGODÃO E DOS SEUS SUB-PRODUCTOS. IMPOSTOS E FRETES

1) — Conveniencia de uniformizar e reduzir os impostos de exportação do algodão e seus sub-productos para melhorar o intercambio e estimular a produção. Impostos differenciaes de accordo com o beneficiamento e grão de limpeza do producto. Estudo sobre a substituição dos impostos de exportação por outros mais equitativos e que favoreçam a applicação de capitaes na cultu-

ra e beneficiamento do algodão. Extinção dos impostos de barreira ou similares.

2) — Reducção do imposto de exportação para os algodões limpos, prensados e classificados em typos commerciaes. Estabelecimento de multas para os algodões carregados de impurezas e com fraudes.

3) — Impostos municipaes sobre o algodão; como substituí-los sem gravar a produção directamente, com eficiencia e cobrança economica?

4) — Estudo das vantagens directas e indirectas da intervenção da União para o augmento da exportação do algodão. Alcance economico da exportação do algodão e dos seus sub-productos para a balança internacional.

5) — A exportação do algodão e de seus sub-productos para o consumo mundial e os meios de assegurar-lhe o crescimento progressivo. Especialização na exportação de algodões de fibra longa, como menor meio de obter preços elevados e estaveis.

6) — Creação de novos mercados de algodão no estrangeiro, pela propaganda das nossas variedades de algodão de fibra longa e com o concurso das camaras de commercio e bolsas de algodão. Necessidade de basear a propaganda no melhoramento e augmento da produção feita economicamente e na organização da exportação em larga escala, de conformidade com as regras adoptadas no commercio internacional.

7) — Transporte do algodão e seus sub-productos nas estradas de rodagem, nas estradas de ferro e por vias fluviaes e maritimas. Estudo dos meios de reduzir e uniformizar os fretes respectivos, e trabalho de cooperação necessario para se alcançarem esses resultados. Tarifas differenciaes segundo a prensagem do algodão e as distancias do centro de exportação.

8) — Seguro terrestre e marítimo do algodão e dos sub-productos desde a usina de descaroçamento até a entrega aos consumidores.

Novas usinas para alcool

Foram installadas este anno, em Campos, mais tres novas distillarias para alcool, sendo uma na Usina de Barcellos, do Sr. Pallaride Mortari, com a capacidade de 5.000 litros por dia, e as outras duas, nas usinas de São José e Limão, ambas do Sr. Francisco Ribeiro de Vasconcellos, com capacidade diaria de 8.030 litros, cada uma.

Duas das installações mencionadas apresentam os aparelhos mais modernos para a fabricação de levedos puros e para fermentação, com dornas de aço de refrigeração externa, esterilizadores, etc.

Numa das nossas paginas de annuncios publicamos duas photographias destas installações.

Desinfecção dos estabulos

Queimam-se 50 grammas de enxofre, por metro cubico, nos logares contaminados, onde se juntarão todos os aparelhos e utensilios de que se serve habitualmente. Abrem-se os armarios e caixas, cobrindo cuidadosamente todas as peças metallicas, com sebo, ou graxa; calafetam-se, com papel todas as juntas de portas e janellas.

Uma vez collocado o enxofre nos recipientes de ferro, queima-se-o e deixa-se o recinto, fechando hermeticamente todas as aberturas. A acção do enxofre deve durar vinte e quatro horas. Pintam-se, em seguida, os tectos e paredes com leite de cal e rega-se o solo com agua sodada fervente. Lavam-se os utensilios com soda, ou agua de cal, passando-os em vapor, si possivel, e deixando-os secar ao ar livre.

T. C. F.

MECHANO-CULTURA

MOTOCULTURA

Em dias do mez de outubro ultimo, na antiga e historica fazenda imperial de Santa Cruz, realisaram-se experiencias officiaes de motocultura, tendo funcionado nada menos de sete aparelhos queimando kerozene, gazolina e alcool. E' o segundo concurso official de motocultura que faz o Governo Federal, porquanto o primeiro se deu no mesmo local em 1920.

E' curioso relembrar que o primeiro concurso de lavra mechanica levando a effeito por deliberação official occorreu em 1906 na capital paulista, governando então o Estado de S. Paulo o Sr. Dr. Jorge Tibiriçá e gerindo a pasta da Agricultura o Sr. Dr. Carlos Botelho.

O "Concurso de aradores" realisado na Varzea do Carmo, onde hoje se admira o bello parque D. Pedro II, constituiu verdadeiro acontecimento social, porquanto todas as manhãs, em dias de Maio esplendido, de temperatura fria e sol radiante, á Varzea compareciam as pessoas mais graduadas do Estado, muitas senhoras e o povo em massa. Verdadeira festa do trabalho. O Dr. Carlos Botelho, radiante, preleccionava a cada instante; o Dr. Jorge Tibiriçá sorria contente do ardor agricola do seu secretario. Dirigiam os trabalhos aratorios, os Srs. Henrique Pereira Ri-

beiro, E. Pyles e o modesto rabiscador destas linhas, a quem, além dos trabalhos de campo, coube o encargo de dirigir os de imprensa, que sem esta o Sr. Dr. Carlos Botelho não sabia operar. Infelizmente, porém, quando maior era o nosso entusiasmo, um muar, indigno do papel que desempenhava no historico certamente, com certo coice partiu uma perna ao Sr. Henrique Ribeiro.

Tornou-se celebre o "Concurso de aradores"; as casas de machinas aratorias que então eram tres ou quatro no maximo, esvaziaram os seus depositos; por toda parte intenso fervor operativo, rememorando-se ainda hoje em S. Paulo aquelle periodo de vivo labor agricola em que Carlos Botelho actuou como Secretario de Estado.

Naquella epocha, não se conheciam ainda, entre nós, os tractores agricolas; porquanto os primeiros ensaios de motocultura se estavam precisamente realisando na Escocia.

Das experiencias realisadas na Escocia e em seguida na Belgica, deu noticia a "Lavoura" em trabalho illustrado. Leu-o o Dr. Theophilo Ribeiro, então director de uma companhia americana com grandes culturas de piteira em Sete Lagoas The Impire Fiber Co.

Impressionado com o que se dizia em favor da motocultura, fez o Sr. Dr. Theophilo Ribeiro importar o primeiro tractor que girou sobre chão brasileiro — um *Ivel Motor*. Levado esse aparelho para Marechal Jardim, alli o vi em plena faina. Queimava kerozene; prestava varios serviços: lavrava, movia uma cerra, elevava agua. Creio que ainda a esta hora existe o historico *Ivel*, provavelmente já gasto, remendado e atirado para um lado, como bom pioneiro que foi do automobilismo no Brasil. Facto digno de nota: si o primeiro tractor que veio ao Brasil foi para Minas, tambem para alli foi o primeiro caminhão, o celebre auto-caminhão adquirido pelo saudoso Dr. João Pinheiro para transportar os productos de sua fabrica de Caeté a Sabará, e que teve



Tractor «Titan» em serviço de aração

de ser abandonado por falta de estrada transitável.

Assim, pois, não é a motocultura uma novidade para a lavoura brasileira: esta a conheceu e ensaiou desde o seu apparecimento.

Em seguida, durante e depois da guerra, varios, sinão mesmo muitos tractores, têm sido uti-

lizados pelos nossos agricultores em quasi todos os Estados da União; todavia essesapparelhos não se popularisam e continuam a figurar como objecto de curiosidade, o que, allás, não é de admirar, porquanto na propria Europa a motocultura ainda não conseguiu passar da phase de ensaios e propaganda.

Varias são as causas: 1.^a a rotina, que, na ordem social, tem a mesma infallibilidade que a força da inercia em mechanica; 2.^a o custo do aparelho ou despeza inicial, o que faz com que só os ricos possam applicar o tractor; 3.^a as despesas de reparação e concertos devidos aos accidentes; 4.^a falta de pessoal habilitado; 5.^a a natureza dos terrenos, porquanto os montuosos ou cheios de tócos, raizes e pedras, difficilmente se prestam ao bom funcionamento de taes machinas; 6.^a o preço do combustivel.

Bem consideradas, das seis causas aqui numeradas, só duas são realmente serias e embaraçantes, porquanto as demais, com o tempo, com a pratica mesma da motocultura, se desfazem por si mesmas. Só o custo do aparelho e o preço do combustivel é que constituem embaraço a popularisação dos tractores.

A rotina ante os factos, de encontro à propaganda, acaba por se render, convertendo-se muitas vezes em força opposta à que antes representava; as despesas de reparação, desde que as terras se amansam e que os tócos e raizes se extinguem, reduzem-se, quasi desaparecem, com o desaparecimento das causas dos accidentes, que são em synthese os proprios tócos e raizes; o pessoal destinado a lidar com os tractores forma-se rapidamente, á medida que os automoveis penetram pelo interior, pois, onde quer que estes se implantem, logo surgem garagens, officinas de reparo, mechanicos, e motoristas como por encanto se improvisam.

No nosso longinquo Goyaz, no Matto Grosso,



Tractor «Titan» rebocando carros

lisados pelos nossos agricultores em quasi todos os Estados da União; todavia essesapparelhos não se popularisam e continuam a figurar como objecto de curiosidade, o que, allás, não é de admirar, porquanto na propria Europa a motocultura ainda não conseguiu passar da phase de ensaios e propaganda.

O proprio professor Malpeaux, sabidamente entusiasta da motocultura, constata este facto nos seguintes termos: "Nombre de cultivateurs qui ont acheté des tracteurs ne s'en servent pas, les laissent sous les hargars, où ils se détériorent".

Qual a razão de tal facto? Si é certo que os tractores prestam optimos serviços, porque se não popularisam?

até nos mais ermos sertões, jamais faltam mechanicos e motoristas!

Quanto ao custo, ás despesas iniciaes, como os tractores se destinam ás grandes culturas e não ás pequenas, as despesas iniciaes jamais poderão constituir motivo de embaraço serio, que a importancia de uma dezena de contos nada pôde significar para um lavrador abastado ou para empresa rural.

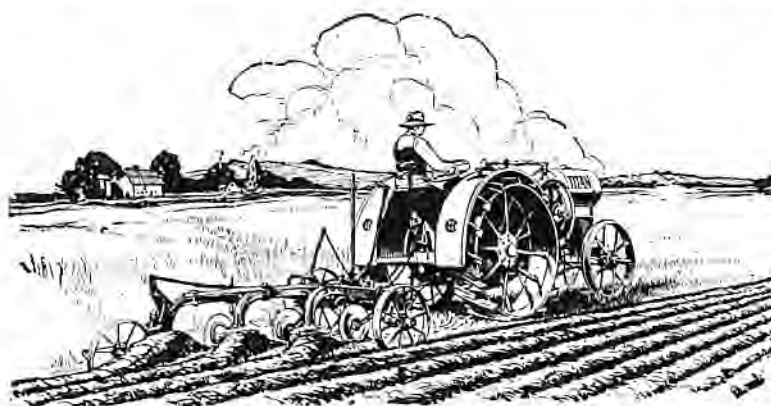
Fica somente de pé a questão do preço do combustivel, e esta sim é para nós a mais seria das causas que difficultam a popularisação da motocultura; pois não será com gazolina e kerozene pagos a peso de ouro, em phase de crise cambial e com o dollar guindado a alturas inacces-

síveis, que se poderá praticar a motocultura em condições economicas, o que é em synthese o supremo escopo de quem agricultura. Todavia os tractores, quando em terrenos adequados ao seu funcionamento, fazem prodigios, produzindo trabalho completo, barato, rapido e opportuno, no momento preciso, como as estações o requerem.

São instrumentos para (quando preciso) acção continua durante o dia e a noite, o que jamais se consegue com os motores animados.

e com tendencia a sel-o sempre e cada vez mais, por isso que a procura é crescente e os poços de oleos mineraes se esgotam com rapidez inesperada, não estando mesmo longe o dia em que os poços de petroleo se estanquem, como as minas de metaes, como todo producto extractil.

Felizmente, porém, para apagar o golpe, para a solução do problema, já se começa a pensar seriamente na utilização do alcool industrial, combustivel liquido que se vai tornando de uso cor-



Tractor «Titan» em serviço de aração

Com um bom tractor, não se dando accidentes, lavra um homem em dez horas 2,5 a 3 hectares, emquanto que, para area igual, seriam necessarios 6,5 a 7,5 dias de trabalho de um arador e tres muares ou tres juntas de bois adestrados e o competente guia.

Para as grandes culturas constituem, pois, os

rente em varios paizes tropicaes, em cujo numero: Cuba, Havahí, ilha Mauricio.

E neste particular não estamos desattentos, aqui no Brasil, porquanto, retomando antiga propaganda, está a Sociedade Nacional de Agricultura ensaiando o alcool em um auto-caminhão para tal fim por ella adquirido; organisou uma



Tractor «Titan» puxando um carregador de feno

tractores a machina ideal, a machina de quantidade e opportunidadade.

O tractor é a machina ideal destinada a transformar os nossos chapadões e cerrados inuteis em pastagens ubertosas de positivo valor, tal qual já se faz em Guataparã, em S. Martinho e alhures, no progressista Estado de S. Paulo. Ninguem mais põe em duvida a efficiencia do tractor, as suas vantagens operativas; mas todos os seus predicados, todos os seus meritos se annullam, quando encarados pelo prisma economico do custo de produccão com o combustivel estrangeiro caro

commissão de homens versados sobre o assumpto e trabalhã confiante na solução collimada.

Visando identico fim, qual o de demonstrar a praticabilidade do emprego do alcool como combustivel liquido, vamos reproduzir aqui os resultados das experiencias de motocultura realizadas ha pouco na fazenda de Santa Cruz, destacando dentre todos os tractores alli ensaiados o triumphador «Titan» da *Internacional Harvester Co.* por isso, que construido para queimar alcool.

Ilustrando este artigo com gravuras que nos

foram graciosamente fornecidas pelos Srs. Hasenclever & Cia., enfeixamol-o, transcrevendo os dados que abaixo se têm, por onde se vê que o alcool industrial não é mais longinqua promessa, porém sim *actual e positiva realidade*.

Queimem, pois, todos os nosso autos, alcool e só alcool!

"Gastemos o nosso alcool, enquanto esperamos a nossa gasolina". Epitacio Pessoa.

W. DE V.

TRABALHO COM ARADO SYSTEMA AIVECA

<i>Tractores</i>	<i>Tempo gasto para aração de um hectare (10000 m. q.)</i>	<i>Despesas para o preparo de um hectare</i>
1° Titan a kerozene	2 horas 18 min.	18\$222
2° " a alcool	2 " 51 "	17\$196
3° Fordson	4 " 12 "	22\$580
4° Internacional	3 " 36 "	26\$014
5° W D de Rodas	3 " 54 "	42\$771
6° W D Tank	9 " 12 "	51\$244
7° Twin City	não trabalhou	-----

TRABALHO COM ARADO SYSTEMA DISCO

1° Titan	2 horas 54 min.	21\$837
2° Internacional	4 " 36 "	30\$250
3° Fordson	6 " 27 "	32\$643
4° Twin City	7 " "	45\$270
5° W D Tank	8 " 18 "	57\$585
6° W D Rodas	não trabalhou	-----

LAVOURA DO ALGODÃO

A conferencia do Sr. Arno Pearse na Bahia

Tendo já publicado as conferencias realizadas pelo Sr. Arno Pearse na Sociedade Nacional de Agricultura e na capital de S. Paulo, inserimos na presente edição d'A LAVOURA, a seguir, a importante conferencia que fez no Centro Industrial do Algodão da Bahia, em 10 de Junho d'este anno, o chefe da Missão Algodoeira Britannica.

Eis o que disse o Sr. Pearse:

"Sr. Presidente, meus Senhores: — Tenho o grande prazer de encontrar-me entre vós, e agradeço sinceramente a oportunidade, que se me offerece de vos apresentar alguns esclarecimentos sobre o fim e objecto da Federação Internacional de Fiação e Tecelagem, da qual tenho a honra de ser o Secretario Geral, e dar as minhas impressões sobre a viagem que acabamos de fazer.

A nossa organização foi estabelecida em 1904 com o fim de proteger os interesses geraes da industria algodoeira do mundo. Reconheceu-se que havia muitos interesses communs, e nem tudo era concorrente. Em primeiro lugar, os fabricantes encontravam-se com escassez de materia prima e esta continha em épocas normaes. E' verdade que presentemente nos achamos num periodo anormal, em consequencia da crise financeira mundial, que forçou as industrias de fiação tanto na America do Norte, como na Europa, a reduzir de mais de 50 % a sua producção. Mas voltando aos tempos normaes, certamente o algodão que o mundo produz não será sufficiente para supprir de materia prima todos os fuzos e teares dos paizes industriaes.

Esta é a opinião por vezes repetida nos Congressos internacionaes de algodão.

Por isso, o abastecimento de materia prima fórma um problema principal, do qual se occupa a nossa Federação; e sem distincção de naciona-

lidade, estimulamos o seu desenvolvimento onde elle possa se dar economicamente. Por este motivo, aqui nos achamos para estudar a situação algodoeira do vosso paiz, tão rico, e talvez fazer recommendações para o bem da cultura do algodão, usando das experiencias colhidas nas Indias, no Egypto e nos Estados Unidos.

Caso nos seja permitido concorrer para o desenvolvimento da cultura do algodão no Brasil, com isto ganharão directamente os agricultores, em segundo lugar os industriaes brasileiros e, finalmente, as industrias textis do mundo inteiro, por assim ter-se um abastecimento mais amplo de materia prima.

Além do problema da materia prima, occupamo-nos de seu melhor acondicionamento, dos contractos, da regulamentação das fabricas, das estatisticas e das questões operarias, limitando-nos neste ponto a intercambiar as lições obtidas nos paizes diversos.

Com excepção dos Estados Unidos, todos os mais paizes onde se encontra desenvolvida a industria de Fiação e Tecelagem, acham-se filiados a nós e se pôde affirmar que a nossa organização é uma Camara de Commercio especialisada na industria algodoeira, sob uma base internacional.

A sede se acha em Manchester e este escriptorio communica a todas as Associações filiadas os acontecimentos importantes occorridos no mundo algodoeiro.

A direcção se encontra nas mãos de um Comité, que se constitue de um representante ou delegado de cada paiz que tenha pelo menos 750.000 fuzos, como membro da organização.

Este Comité se reune geralmente duas vezes ao anno, num ponto central da Europa, e além disso celebramos Congressos Internacionaes algodoeiros, cada dous annos, congressos esses que offe-

recem uma oportunidade excellente para o intercambio de informações geraes.

Publicamos relatorios detalhados destes Congressos, que são distribuidos gratuitamente a cada uma das fabricas associadas.

A nossa organização, sendo mundial, está na melhor situação possível, para colher com precisão dados estatísticos algodoeiros e neste sentido já temos systematisado as estatísticas semestrais sobre o consumo e stock existente de materia prima nas fabricas, reconhecidas em todo o mundo como as mais fieis.

A contribuição annual para os membros é insignificante. Paga-se somente um centesimo (1/100) de penny por cada fuço e um quarto (1/4) de penny por cada tear, accrescidos de 50 %. Tomando-se por base o tamanho de uma fabrica brasileira com 10.000 fuços e trezentos teares, a contribuição seria apenas de 1 libra sterlina.

Como a joia, a contribuição no primeiro anno é calculada pelo dobro.

A nossa Federação é uma organização de associações e não de individuos. Confio que o Centro Industrial do Algodão da Bahia tomará hoje a deliberação de filiar-se a nós, reconhecendo que os fins de nossa organização são identicos aos vossos, e é para mim uma honra poder informar-vos que o CENTRO DE FIAÇÃO E TECELAGEM do Rio e o Centro dos Industriaes de Fiação e Tecelagem de São Paulo já se acham filiados e o Centro Industrial do Brasil toma em consideração o mesmo appello.

Agora passo a tratar do assumpto, de que acabo de me occupar na excursão realisada na parte alta do valle do rio de S. Francisco e trecho ferroviario entre o Joazeiro e esta Capital.

Como já fiz notar, os nossos interesses não se chocam de modo algum com os interesses dos industriaes brasileiros; ao contrario, o meu Comité affirma que, augmentando o abastecimento de materia prima do Estado da Bahia, augmentará o lucro dos industriaes desta região pela economia de despesas inuteis de transporte, evitando os impostos de exportação dos outros Estados, além de terem maior quantidade de algodão a seu dispor. Os industriaes da Europa por sua vez reconhecem que cada fardo addicionado á produção bahiana libertará um fardo em qualquer outra parte do mundo e neste caso provavelmente o algodão do nordeste do Brasil.

O nosso itinerario no Estado da Bahia começou em Malhada, Carinhanha, Barreiro Grande, Lapa, Rio Barra, Chique-Chique, Pilão Arcado, Remanso, Casa Nova e Joazeiro, (estes portos sobre o rio S. Francisco, como sabeis) Bomfim, Queimadas, Santa Luzia e Serrinha.

Não nos contentamos apenas em examinar o algodão produzido nestes logares; levamos o nosso exame aos productos que affluem áquelles portos e o que vamos citar se refere á produção de todas aquellas zonas.

Em todos os portos visitados cultivam-se principalmente, quatro variedades de algodão, e temos o pezar de constatar que não encontramos plantação alguma em que esteja isolada uma dessas variedades. Ellas estão por toda a parte lamentavelmente misturadas: — O HERBACEO (que é de origem Norte Americana e que se encontra com diversas denominações); O INTEIRO (ora denominado MARANHÃO, o CREOULO, chamado em certos pontos QUEBRADINHO e em outros MEUDO, etc.) e, finalmente, o VERDÃO que foi introduzido neste Estado ha quatro annos.

Parece-nos que, sobretudo, esta variedade possui uma semente coberta de pennugem verde, que facilmente se distingue das mais. Sua fibra é muito sedosa, comprida, resistente e alva, na maioria dos casos medindo mais de 30 millimetros, resistindo melhor do que as outras varia-

des ao ataque das pragas, segundo as informações dos lavradores.

O INTEIRO dessa zona é geralmente de fibra fraca; o HERBACEO, embora dando colheita mais abundante que as outras variedades, soffre mais do que qualquer outra da perseguição das formigas, e apresenta fibra menos sedosa e muitas vezes mais curta.

O INTEIRO tem a desvantagem de apresentar 20 % menos de lã do que as outras variedades, sendo, porém, compensado esse prejuizo pela economia que resulta do aproveitamento das sócas e resócas, que os herbaceos não permitem.

Parece-nos que as irregularidades e confusões prejudiciaes da nomenclatura dos algodões podiam ser corrigidas pela installação de diversos campos de demonstrações, estudando as variedades nos diversos trechos dessas zonas e uniformizando entre ellas a nomenclatura, pois é evidente que cada um desses trechos possui terreno e clima differentes.

A mistura dessas variedades em cada plantação, tem dado logar a uma serie de hibridações quasi sempre infelizes pois, dão como resultado fibras inferiores aos typos originaes. Dêvemos constatar, entretanto, que alguns hibridos têm adquirido boas qualidades, mesmo superiores aos seus originaes.

E' de absoluta necessidade separar os typos originaes e seleccionar os bons hibridos.

Será esta para o futuro a tarefa de um botânico e para isso torna-se indispensavel estabelecer em cada zona fazendas de sementes seleccionadas.

Estas fazendas deverão effectuar a separação dos differentes typos, fornecer sementes por ocasião do plantio aos lavradores da zona respectiva, e bem assim servirem para demonstração a esses lavradores, da conveniencia e oportunidade dos modernos processos de cultura.

Taes estabelecimentos devem ser organisados sob bases seguras, quer quanto ao ponto de vista agronomico, quer economico, devendo manter-se com o rendimento da venda de seus productos. O Estado não deve, não pôde ter nelles prejuizo algum, e a commum direcção poderia caber a um mesmo agronomo encarregado de administrá-los como si fosse o caso de uma empresa industrial.

E' bem de ver que, para servir de modelo aos lavradores da região, deveria todo o trabalho agrícola desses estabelecimentos ser executado com aparelhos modernos, bem como a extracção da semente ser feita com descaroçadores, não só de serras, como também de rôlos.

Vamos dizer porque: — Visitamos em nossa viagem quasi todas as usinas de descaroçamento da região percorrida; e é verdadeiramente triste verificar como são sacrificadas e cortadas as fibras compridas que o campo fornece ao beneficiador, que é muitas vezes, como já tivemos occasião de dizer em São Paulo, com motivo, aliás, menos grave, um verdadeiro "maleficiador". As serras do descaroçamento prejudicam a fibra; e não é caso para surpresa, porquanto encontramos descaroçadores cujas serras não se afiam de dezeseis annos para cá, ao passo que é sabido que depois de seis ou no maximo dez semanas de trabalho constante, uma serra se acha em tal estado, que não pôde continuar a servir, sem arrebentar a fibra e produzir embolamentos.

Tomamos no Estado da Bahia uma amostra de algodão com caroço que mandamos passar em uma machina de serra com dous annos de uso, remetendo outra amostra igual a um descaroçador primitivo a rôlos, accionado a mão, e verificamos que a amostra descaroçada neste ultimo aparelho mediu sete millimetros mais de comprimento do que a outra, representando assim

para qualquer mercado da Europa uma differença de preço de 25 % pelo menos.

Apresento-vos o original dos dous casos.

Para dar remedio a este grande mal, será, talvez, conveniente que o Estado adquira algum aparelho de afiar serras e que o pônha por preço modico ao alcance dos industriaes.

Infelizmente, os productores do algodão não sabem sem que consiste a superioridade ou inferioridade do seu producto. Alguns delles, na occasião em que lhes falamos, não sabiam mesmo que o comprimento da fibra tem importancia para o valor do producto.

Os mercados que existem construidos nas localidades de certa importancia podem ser, entretanto, a base fundamental da educação dos lavradores deste Estado estimulando, pela classificação, colheitas limpas, que assegurem para a qualidade superior do producto que prepararem um preço mais alto. Estes mercados deveriam usar para a pesagem do algodão enfardado no districto respectivo balanças convenientemente aferidas e não como agora, que se usam por contra peso pedras e ferraduras.

Todos os dias cada um destes mercados receberia por telegramma os preços correntes dos mercados vizinhos, devendo a municipalidade respectiva estabelecer multas para os que apresentassem o algodão molhado, como verificamos em Queimadas e Serrinha, com mistura de areia, e de outras substancias estranhas ou com o peso falsificado; exigindo além disso que cada fardo trouxesse claramente escripta a sua procedencia.

Taes mercados funcionam na India e no Egypto; e como já existem construidos na maior parte da região que percorremos, nenhuma despesa importante poderão trazer.

Quando o lavrador verificar que o seu vizinho recebe mais dinheiro por ter apanhado mais limpamente o algodão ou por ter empregado na plantação sementes escolhidas com cuidado, seguirá naturalmente o seu exemplo: — vê-se, portanto, que estes mercados servirão de grande estimulo.

Os lavradores trarão os seus productos ao mercado, realisando as suas vendas quer directamente, quer mediante leilão, obtendo assim os productos preços mais proporcionaes ás qualidades diversas do algodão que se apresentar a vender, e o comprador estará garantido contra as fraudes pela fiscalização municipal e de boa vontade se prestará a estabelecer a differença de preços.

Até agora existe somente um preço para todas as qualidades de algodão, em caroço, quer limpo, quer sujo; a maior parte do algodão vem ao mercado tão sujo e tão misturado, que o comprador só pôde estabelecer o preço na base do algodão sujo e curto.

Apreciamos a classificação empregada pelos industriaes da Bahia, apenas achamos que esta deve ser um pouco mais rigorosa, pois fomos informados que as fibras mortas não são levadas em conta sufficientemente pelos classificadores.

Terminando o assumpto dos mercados, diremos que elles servirão excellentemente para a distribuição e a venda das sementes das fazendas do governo de que já falamos, pois ali se reúnem os lavradores de toda a zona.

O Centro Industrial do Algodão da Bahia pôde também contribuir com grande efficacia para o melhoramento da cultura algodoeira, enviando circulares aos proprietarios de descarogadores e a quem adquirir o algodão para seu uso.

Depois da colheita recommenda-se a queima das plantas annuaes; o HERBACEO propriamente dito deveria ser plantado todos os annos de novo, sem aproveitamento da sóca.

Temos visto uma plantação de HERBACEOS em que a colheita foi maior que já não era HERBA-

CEO legitimo pois se tornára por hibridação em arboria.

Do mesmo modo que o seleccionamento das sementes não se realiza, o seleccionamento das plantas não se faz tão pouco. Os lavradores deveriam escolher os capulhos que abrem mais cedo, de preferencia os que se acham nos galhos inferiores, pois é natural que as sementes de taes capulhos formem por sua vez arvores que comecem a dar capulhos perto do sólo e além disso precoces. E' força reconhecer que uma arvore que comece a dar capulhos rente ao chão, produz mais que outra cujos galhos productivos adquirem grande desenvolvimento antes de produzir qualquer capulho.

O melhor modo de aproveitar esses capulhos é fazendo-se descarogar por descarogador a mão, pois este pequeno aparelho muito barato, allás, não prejudica a germinação da semente.

O resultado do aproveitamento dessa semente será a precocidade das plantas que ella produzir; e, com esta precocidade serão evitadas as pragas que costumam apparecer primeiro, taes como a ALABAMA ARGILLACEA ou "CUREQUE-RE".

Quanto á LAGARTA ROSADA, o meio mais pratico e simples para destrui-la, segundo a experiencia recente feita com bom exito, consiste na exposição da semente durante 3 horas, mais ou menos, ao calor do sol, (atingindo temperatura de cerca de 65°) sendo sempre conveniente a mistura com areia para melhor conservar o calor. Estamos informados de varios casos onde esse processo deu os melhores resultados.

Outro erro lamentavel por nós observado em todas as plantações visitadas, é a collocação de quantidade demasiada de sementes em cada cova. Temos encontrado até doze plantas sabindo de uma mesma cova, resultando dahi rachitismo de todas ellas.

Não se devem deixar mais de tres sementes numa cova para obter mais tarde pela retirada da amenos desenvolvida das tres, o fortalecimento das restantes e o preparo consequente de uma boa colheita.

A selecção das sementes para evitar a mistura, nenhuma difficuldade pôde apresentar, pois o aspecto differente das quatro variedades cultivadas na Bahia é patente, mesmo para as pessoas estranhas á cultura do algodão. O HERBACEO, por exemplo, tem uma semente coberta de penugem, ora verde, ora branca, conforme a sua proveniencia. O QUEBRADINHO, por sua vez, tem a semente nua e preta; ao passo que o MARRANHÃO ou INTEIRO, tem a semente em cacho, fazendo lembrar um guizo de cascavel. Uma creanga, portanto, balsa para executar a separação que deve proceder o plantio, pois é absolutamente necessario que uma semente uniforme seja somente plantada em cada campo, sob pena de ficarmos trabalhando para a ruina progressiva das sementeiras.

Plantar milho no meio do algodão é também grandemente prejudicial, porque o seu rapido crescimento vem sombrear o campo não deixando desenvolver os pés de algodão que ficam sem a luz e o ar necessarios.

Outra questão, Sr. Presidente, a que devo referir-me antes de terminar é a questão dos transportes a que têm direito os habitantes operosos e productivos da bella zona que percorremos.

Toda a agricultura, todo o progresso, depende por completo das communicações e do transporte a taxas razoaveis.

Maiores e mais frequentes relações com o litoral trariam para essas zonas de tamanha fertilidade e habitadas por populações tão operosas, um affluxo de novos moradores produzindo-se desse modo a valorização geral das terras uberrimas dessa encantadora região.

Qualquer estímulo que assim partisse dos poderes publicos, viria, não só melhorar a situação commercial de muitos productos especialmente do Rio de São Francisco inexploraveis hoje e sem cotação compensadora nos mercados da Bahia e de Minas, como attrahir para a futura Joazeiro e para a Capital da Bahia uma grande riqueza.

As difficuldades de transporte poderão ser melhoradas montando-se prensas de alta densidade nas zonas principaes. Sem duvida as taxas de transporte ferro-viario aqui acham-se excessivas; convem mencionar, que antes da guerra era possível enviar algodão dos Estados Unidos da America á Inglaterra, pagando fretes inferiores aos que está sujeito actualmente o algodão procedente de Bomfim á Bahia.

Provavelmente o capital empregado na instalação de prensas de alta densidade ficaria amor-

tizado dentro de um a dois annos. Fui portador de alguns catalogos de taes prensas, que entreguei a Superintendencia do Serviço do Algodão no Rio.

O muito digno Secretario da Agricultura, Exmo. Sr. Dr. José Barbosa de Souza, informou-nos, hontem, que sua Secretaria reconhece bem o valor da polycultura; embora tendo o Estado da Bahia se tornado celebre pela exportação do cacau, fumo, assucar, etc.; a cultura do algodão poderá tomar um grande desenvolvimento, desde que é uma cultura pouco exigente e de predilecção dos pequenos lavradores.

Em conclusão, posso affirmar que as reformas suggeridas são praticas e de facil execução, exigindo diminuto capital, o qual em curto prazo será reembolsado ao Governo, proporcionando juros de azurario."

A Sociedade Nacional de Agricultura e a produção nacional

"TARIFAS AMERICANAS. -- Exmo. Sr. Dr. Epitácio Pessoa, DD. Presidente da Republica:

Temos a honra de levar ao conhecimento de V. Ex. que em a ultima sessão desta Directoria foi unanimemente approved um voto de congratulações ao Governo da União pela sua intelligente acção diplomatica conseguindo, com reaes vantagens para o paiz, que nas novas tarifas americanas, que taxam os productos agricolas estrangeiros, tres dos nossos mais importantes productos — o café, o cacau e a borracha — não houvessem soffrido taxação alguma.

Apresentando a V. Ex. esse voto da Sociedade Nacional de Agricultura, confiamos em que V. Ex. proseguirá nessa patriotica politica, procurando obter, noutros mercados estrangeiros, favores identicos aos que conseguiu junto á grande nação americana.

Queira V. Ex. aceitar os protestos de nossa muí subida consideração."

"Exmo. Sr. Edwin Morgan, DD. Embaixador dos Estados Unidos da America do Norte:

Temos a honra de levar ao conhecimento de V. Ex. que em a ultima sessão desta Directoria foi unanimemente approved um voto de congratulações a V. Ex. pela prova de amizade manifestada ao nosso paiz, por parte do Governo dos Estados Unidos da America do Norte, que V. Ex. representa com raro brilho entre nós, não incluindo, merecê da prestimosa intervenção de V. Ex., o café, o cacau e a borracha, nas novas tarifas americanas, que taxam os productos agricolas procedentes do estrangeiro.

Transmittindo a V. Ex. esse voto, confiamos em que proseguirá nessa excellente politica, promovendo cada vez mais o estreitamento das relações entre as duas nações e fomentando efficientemente o intercambio commercial entre as mesmas.

Queira V. Ex. aceitar os protestos de nossa muí subida consideração."

"ALCOOL DESNATURADO. -- Exmo. Sr. Deputado Estacio Coimbra:

A Sociedade Nacional de Agricultura que, com grande empenho, está trabalhando com o intuito de promover a maior expansão do consumo do alcool desnaturado para fins industriaes, vem, pelo presente e em obediencia ao voto unanime de sua Directoria, apresentar a V. Ex. as suas

effusivas congratulações pela excellente collaboração que V. Ex. lhe prestou, e que tanto beneficiará á economia nacional, submettendo á Camara, que felizmente a approvou, a sabia emenda reduzindo de 20% os fretes nas empresas ferro-viarias e de navegação para o transporte desse producto.

Valemo-nos da oportunidade para apresentar a V. Ex. os protestos de elevada estima e consideração."

"ESTRADA DE RODAGEM NA BAHIA. -- Exmo. Sr. Dr. José Pires do Rio, DD. Ministro da Viação e Obras Publicas:

O appello dirigido a V. Ex. pelo Conselho Municipal de Guanamby antigo municipio de Bella Flor, no Estado da Bahia, para a construcção de uma estrada de rodagem, ligando a cidade de Caeteté ao porto da Malhada, á margem direita do rio S. Francisco, merece todo o apoio da Sociedade Nacional de Agricultura.

Essa estrada já foi estudada pela Inspectoria de Obras Contra as Seccas e trará incalculaveis beneficios á numerosa população que ali se dedica á agricultura, á pecuaria, ás pequenas industrias e ao commercio.

Em occasião de prolongadas secças, que periodicamente assolam aquella região, as communicações, que normalmente se fazem em procura da Estrada de Ferro Central da Bahia, cuja ultima estação dista, pouco mais ou menos, 50 leguas de Caeteté, tornam-se difficeis, custosas e raras. Essa difficuldade provém da falta da agua nas estradas para matar a sede dos muares carregados de mercadorias e da ausencia, quasi completa, de pastagens, muito pouco attenuada pela reserva de milho a muito custo guardado e conduzido.

Pelo transporte de um volume de 50 kilos, naquella distancia de 50 leguas, os productores e negociantes chegam a pagar, durante as épocas de demorada estigagem, 50\$000 e mais de frete, até que o transito cessa á falta de meios.

Todos os transportes são feitos, então, pelo Rio S. Francisco distantes cerca de 25 e 30 leguas, com grande prejuizo para os interessados.

O grande rio, com a sua navegação mais ou menos regular, torna-se o principal e, não raro, o unico recurso em taes occasiões, para a sahida de productos e entrada de mercadorias, transportando-se, por elle, quantidades consideraveis de

algodão, gado, couros, pelles e cereaes, principalmente, além de generos de exportação, provenientes dos centros industriaes até, quando a secca é prolongada, mantimentos para a alimentação do povo.

A estrada de rodagem projectada de Caeteté á Malhada beneficiará os municipios de Caeteté, Guanamby, Monte Alto e de Carinhanha, cujas sedes liga, e os municipios visinhos como Cacule, Umburanas, Bom Jesus dos Meiras, Jacaracy e Riacho de Sant'Anna. E', portanto, de grande utilidade para nove municipios de produção differente e variavel, susceptiveis de muito maior desenvolvimento, logo que haja facilidade de communicações.

A Sociedade Nacional de Agricultura interessa-se vivamente para que se torne realidade essa antiga aspiração dos productores de tão vasta região. E agora que o Ministerio de Viação e Obras Publicas, sob a esclarecida orientação de V. Ex. está enfrentando, systematicamente, o problema das secas do Nordeste, esta Sociedade faz seu o appello que a V. Ex. foi feito pelo Conselho Municipal de Guanamby, no sentido de ser construida a estrada de rodagem já estudada de Caeteté á Malhada.

Queira V. Ex. aceitar, Sr. Ministro, os meus protestos de alta estima e distincta consideração. (ass.) MIGUEL CALMON."

"E. F. CENTRAL DO BRASIL. — Exmo. Sr. Dr. Joaquim de Assis Ribeiro, DD. Director da Estrada de Ferro Central do Brasil:

A Sociedade Nacional de Agricultura, reconhecendo quanto V. Ex. se tem esforcado pela regularidade e pelo melhoramento dos servicos sob sua competente direcção e certa de que as reclamações justas dos freguezes da Estrada são por V. Ex. attendidas, solicita a sua preciosa attenção para o que passa a expor:

Lavradores do Estado do Rio de Janeiro pedem a intervenção desta Sociedade junto a V. Ex., para que cessem algumas anomalias que sobremodo os vêm prejudicando, e entre as quaes tres principalmente carecem de detido exame por parte de V. Ex., tal o prejuizo que acarretam ás partes, sem beneficio real para a Estrada: a exigencia das declarações, em notas de expedição, "genero nacional" e "segue em trem de carga"; o exiguu praso de 24 horas para a retirada das mercadorias das estações do interior; e o praso tambem deficiente para o carregamento dos vagões quando feito pelas partes nos pateos das estações.

A exigencia dessas declarações tem causado sérios prejuizos ás partes.

Junto encontrará V. Ex. uma "Nota de expedição de mercadorias de frete pago", n. 12.059, de 12 de Julho do corrente anno, relativa a 50 caixas vazias, despachadas de "Alfredo Maia" para "Werneck", em que, pelo facto de ter quem fez o despacho declarado "caixas de madeira vazias usadas estrangeiras", foi o frete cobrado no total de 15\$200, quando sem a declaração "estrangeiras", teria sido paga apenas a importancia de 2\$800.

Neste caso trata-se de caixas de kerozene vazias, em retorno, para o transporte de generos da pequena lavoura. O encarregado do despacho, ignorando tal exigencia da Estrada, não teve duvida em declarar "estrangeiras" caixas velhas, já usadas algumas em diversas viagens, porque de facto o eram, visto que primitivamente serviram para kerozene, que, como V. Ex. sabe, é todo importado em nosso paiz.

Ha ainda a notar: não é preciso que a parte declare "estrangeira" em a nota do despacho, para que os empregados da Estrada assim classifiquem os generos apresentados para o transporte; é bastante que se omita a declaração "genero nacional", para ter este a qualidade de "estrangeiro" e ser assim classificado, embora seja despachado

do interior do paiz; será, sem duvida, o facto devido a uma interpretação dada por empregados aos dispositivos em vigor.

Releva assignalar, todavia, que as proprias tarifas da Estrada distinguem aquelles que devem como tal, ser classificados, v. g. cordas de embira, correias preparadas, estopa, ferragens, fumo em corda, ladrilhos de ardósia, manteiga salgada, massas alimenticias, toucinho salgado e poucos outros, para os quaes estabelece tarifas differentes, conforme são de produção nacional ou estrangeira. Por este motivo, não sabemos em que artigos do regulamento ou disposição tariffaria se baseiam os funcionarios da Estrada para fazerem tão generica classificação.

Tão evidentes são os prejuizos causados por essa exigencia que muitas casas commissarias desta praça quando remetem para o interior suas tabellas de pregos correntes, nellas pedem aos committentes para não deixarem de declarar nos despachos — "genero nacional" e "de centro produtor", como se fosse possivel a um produtor do interior remetter para aqui milho, feijão ou batatas estrangeiras!

Outra exigencia que dá motivos a reclamações é a da declaração — "segue em trem de carga"; se a parte assim não o fizer está sujeita a ter a sua mercadoria taxada como se fosse transportada em trens expressos e, portanto, acrescida de 25% a mais sobre o total de frete.

Como o transporte de mercadorias é feito somente por excepção em expressos, parece que apenas neste caso é que seria razoavel exigir a declaração.

PRASO DE ESTADIA LIVRE. Pelo art. 108 do decreto n. 10.286, de 23 de Junho de 1913, ora em vigor, o praso de estadia livre para as mercadorias descarregadas nos armazens é de 48 horas, e como esse mesmo art. concede a faculdade de restringir esse praso para 24 horas, a Estrada ultimamente prevaleceu-se dessa restricção, o que acarreta prejuizos aos seus freguezes do interior.

De accordo com o art. 106 do citado regulamento, os agentes das estações são obrigados a avisar os consignatarios da chegada das mercadorias, por pessoal da estação, até 2 kilometros de distancia (§ 1º) ou em envelope fechado, entregue ao correio, quando se trate de pessoas desconhecidas, ou que residam a mais de 2 kilometros da estação (§ 2º), correndo o praso da estadia livre da data e hora da remessa do aviso (§ 3º).

Esta Sociedade está informada que este dispositivo não é devidamente applicado, sendo que, no interior, os agentes, em sua maioria, deixam de observá-lo, não fazendo os avisos por carta como preceitua o § 2º, ou porque ignoram essa determinação regulamentar, ou por falta de tempo ou, finalmente, porque a julgam inutil.

Seria, portanto, de grande vantagem para as partes que V. Ex. se dignasse providenciar, chamando a attenção dos Srs. agentes para a necessidade desses avisos.

Solicitam com empenho os lavradores a dilação do praso de estadia livre. Realmente parece-nos que o praso actual de 24 horas pode ser concedido ás estações de grande movimento e situadas em centros urbanos, de facéis meios de transporte, onde se podem casar os interesses da Estrada e das partes, visto como impede por um lado o congestionamento dos armazens e por outro não sacrificia as partes que dispõem de elementos para a immediata retirada das mercadorias.

Exactamente o inverso succede nas estações do interior: nem ha affluencia de cargas que abarrotem os armazens, nem são facéis os meios de transportes.

Os destinatarios das mercadorias são, neste caso, lavradores e negociantes que residem a umas, duas e mais leguas da estação e dispõem, quasi sempre, para o transporte de suas cargas, de um,

dois ou raramente tres vehiculos da lotação de 1.500 kilos cada um.

Para estes, portanto, a retirada de grande numero de volumes no curto praso de 24 horas, mesmo na hypothese de receber o aviso de chegada em devido tempo, o que aliás nunca acontece, é de todo impossivel; dahi a constante contribuição de armazenagem, que ao envez de constituir uma pena para os desidiosos, peza como uma taxa forçada, indifferentemente applicada.

Essa exigencia tambem impede os negociantes de fazerem aquisições em maior escala, pela impossibilidade da retirada de todos os volumes no curto praso de 24 horas.

Para que cessem esses inconvenientes, esta Sociedade toma a liberdade de lembrar a V. Ex. o seguinte alvitre: manter o praso actual para as estações de grande movimento — Maritima, São Diogo, Alfredo Maia, Juiz de Fóra, Norte, etc., e nas estações do interior em que, como vimos, nada justifica essa medida, ser concedido o praso minimo de tres dias para que os consignatarios retirem suas mercadorias, sendo os agentes obrigados a executar com precisão o dispositivo do art. 106.

CARREGAMENTO DOS VAGONS PELAS PARTES. O regulamento da Estrada, em seu art. 85, concede ás partes a faculdade de carregar e descarregar vagões, dentro do praso que lhes fôr fixado; acontece, porém, que esse praso é muitas vezes por demais exiguo, prejudicando os interessados. Um exemplo illustra melhor que considerações.

Para a remessa de lenha do interior para esta capital a Estrada concede ás partes a faculdade de carregar e descarregar os vagões. Na Linha Auxiliar, por exemplo, pedido um vagão para a estação de Werneck, é este remettido quasi sempre pelo trem MA 1 do Deposito de Portella e chega áquella estação pouco antes das 15 horas; deve a

parte entregal-o prompto para seguir no dia immediato á passagem do MA 2 antes das 12 horas. Assim, o praso concedido é apenas de 21 horas, mais ou menos, a maior parte do qual decorre á noite, o que sobremodo difficulta o serviço.

Ora, o proprio regulamento, em seu art. 116, estabelece o praso de 24 horas para o carregamento de vagões postos em desvios, onde esse serviço é feito sem as perturbações constantemente observadas nas estações, pela passagem de trens de carga e de passageiros, pela execução de manobras, etc. Parece, portanto, justo que esse praso seja dilatado.

O que deixamos exposto, a pedido de muitos lavradores, nossos consocios, basta certamente para que V. Ex. possa providenciar no sentido de sedem elles attendidos com a merecida justiça.

Queira acceitar nossos protestos de subida estima e muita consideração. — (a) MIGUEL CALMON, Presidente".

TELEGRAPHO NACIONAL. — Exmo. Sr. Dr. Antonio Nogueira Penido, DD. Director Geral dos Telegraphos:

A Sociedade Nacional de Agricultura, correspondendo ao appello, que lhe foi feito pelos seus prezados consocios Srs. Drs. Pedro Bittencourt e Pedro Mariani, no sentido de solicitar os bons officios de V. Ex. para que seja autorizada a construção da linha telegraphica de Barra a Carinhanha que se destina a fechar o circuito de Joazeiro a Pirapóra, favorecendo o serviço de navegação do rio São Francisco e servindo a importante zona productora, vem, patrocinando a referida solicitação, pedir a V. Ex. que se digne attender a tão justa aspiração.

Certos da melhor acolhida de V. Ex., agradecemos antecipadamente e reiteramos a V. Ex. os protestos de nossa mui distincta consideração. (Ass.) MIGUEL CALMON".

Consultas e informações

Pulverização das batatas

Os Srs. Telles, Irmão & C., desta praça, consultam-nos, para attender a um cliente seu, sobre a melhor pulverização para as batatas.

Esse cliente, entretanto, não especifica o caso particular de molestia que deseja impedir ou combater.

Ha a considerar as molestias produzidas por insectos e as de natureza cryptogamica, isto é, causadas por bacterias ou fungos.

Para umas e outras, ha tratamentos especiaes, por meio de insecticidas e fungicidas.

Todavia, é de presumir que o consulente se refira ás doenças fungicas da batata, como a ferrugem, e deseje evital-as pelo emprego duma pulverização conveniente.

Neste caso, o fungicida ideal é a "calda-bordaleza", que responde á seguinte formula:

Sulphato de cobre (vitriolo azul)	1	kilo
Cal recentemente extincta	335	grammas
Agua	100	litros

MODO DE PREPARAR. — 1º: a solução de sulphato de cobre. Deitam-se 50 litros dagua, perfeitamente limpa, num vaso de madeira ou cobre (não empregar nunca vasilhame de ferro). Faz-se uma bonéca de aniagem com o sulphato

de cobre e prende-se-a á tona dagua, no vaso, afim de que os crystaes se dissolvam melhor e mais depressa. Agita-se, de quando em quando, o liquido, que aos poucos se tinge dum azul muito claro.

2º: o leite de cal. Num outro vaso, tambem de madeira, (cortando-se um barril servido, bem limpo e rebatido, ao meio, obtém-se dois bons recipientes), contendo os restantes 50 litros dagua da formula acima, dissolve-se a cal, que deve ter sido extincta o mais recentemente possivel, da mesma maneira indicada para o sulphato de cobre, isto é, numa bonéca de panno. Assim, evita-se, na solução, uma grande parte das impurezas da cal.

Depois do sulphato de cobre completamente dissolvido, deita-se-lhe o leite de cal de pouco em pouco, agitando-se sempre o liquido, até neutralizal-o de todo, por isso que o sulphato de cobre é de natureza acida.

Para obter-se uma solução perfeitamente neutra, mergulha-se o papel azul de *tournesol*, — que se encontra em qualquer pharmacia, — na solução de sulphato de cobre, á medida que se lhe vae derramando o leite de cal. Enquanto o papel corar-se de vermelho, é signal que a solução está ainda acida, e continua-se a addicionar mais leite, agitando-se sempre. Logo, porém, que o papel azul, quando molhado no liquido, não

se altere absolutamente, isto é, e se conserve azul, cessa-se de deitar o leite de cal. Agita-se, então, muito bem, todo o liquido e nelle se mergulha o papel vermelho de *tournesol*, que se compra juntamente com o azul. Si o papel vermelho apresentar-se azulado, a solução está alcalina por um excesso de cal. Neste caso, prepara-se, á parte, mais um pouco de solução de sulphato de cobre e addiciona-se aos poucos, cuidadosamente, ao liquido até que o papel vermelho não fique mais azulado.

A solução está completamente neutra — e esta é a unica fôrma em que deve ser empregada para não causar damno ás plantas — quando, ao mergulharem-se os papeis azul e vermelho, estes não mudarem em absoluto de cor.

Preparada a calda pela maneira indicada, cõa-se toda ella muito bem, antes de applical-a. Isto tem por fim evitar que as impurezas que sempre existem suspensas ou em deposito na calda, passem ao aparelho pulverizador e obstruam as valvulas e orificios deste.

E' preciso não esquecer que se não deve nunca derramar a solução de sulphato de cobre no leite de cal, mas, sempre o inverso, conforme as nossas instrucções acima. A razão é que, nesse caso, pôde formar-se um precipitado de cor preta, absolutamente inactivo.

Deve empregar-se a calda logo depois de preparada e em dia secco.

E' preferivel preparar-se só a quantidade de calda sufficiente para as applicações do dia, ao fim das quaes limpam-se, cuidadosamente, as valvulas e orificios do pulverizador, afim de o ter sempre em bom estado de funcionamento.

Preços de adubos chimicos

A Sociedade Maranhense de Agricultura solicita os preços correntes de adubos chimicos, e, em particular, os calcareos sob fôrma de carbonato de calcio.

Eis os preços que nos foram gentilmente fornecidos pelo representante, nesta praça, de Fernando Hackrat & Cia., de S. Paulo, especialistas em adubos chimicos e organicos:

Chlorureto de potassio,			
80 — 85 %	50 %	—	450\$000
Sulphato de potassio,			
90 %	48 %	—	500\$000
Kainito, 12 — 14 %	12,5 %	—	200\$000
Phosphato de 21 %	—	21 %	220\$000
(8 a 10 % são soluveis			
no acido citrico a			
2 %)			
Phosphato de 30 %	—	30 %	275\$000
(12 a 15 % soluveis			
no acido citrico a			
2 %)			
Mistura Potassa-Phos-			
phatada	15 % 15 % ..		300\$000

Salitre do Chile, Sulphato de Ammonio, Bagaço de Mamona, Farello de Algodão (adubos azotados), aos preços do mercado.

Quanto aos adubos calcareos, sob fôrma de carbonato de calcio, segundo o referido representante, o custo do frête torna mais vantajoso adquirir-os em qualquer caieira naquelle Estado, ou em outro mais proximo.

Farinha de mandioca

Um cliente do Estado de Minas Geraes deseja saber:

a) Quantos kilos de mandioca, em media, pôde dar um hectare de terra bem cultivada;

b) Quantos kilos de farinha pôde produzir uma tonelada de raizes de mandioca.

Pelas experiencias do Sr. Zehnter, na Bahia, podemos concluir, em resposta aos quesitos supra:

a) Um hectare de boas terras e bem cultivadas pôde produzir, em media, 25.000 (vinte e cinco mil) kilos de raizes de mandioca, ou 5.500 (cinco mil e quinhentos) kilos, ou, ainda, 10.500 (dez mil e quinhentos) litros de farinha. Estes numeros não são absolutos, dependendo, é claro, da variedade das plantas cultivadas, da natureza e estado de amanho do sólo, e do clima, sendo que os aipins produzem, em geral, mais do que as mandiocas.

b) Uma tonelada de raizes de mandioca pôde produzir, em media, 230 (duzentos e trinta) kilos, ou 420 (quatrocentos e vinte) litros de farinha.

O beneficiamento do algodão

Desejando a Sociedade Nacional de Agricultura responder a varias consultas dirigidas por varios associados sobre os typos de descaroçadores de algodão, a serem empregados, com vantagem, pelos mesmos, resolveu solicitar taes informações da Superintendencia do Serviço do Algodão, sem duvida a mais autorizada a fazel-o.

O Serviço do Algodão attendeu promptamente ao pedido da Sociedade, dirigindo-lhe o seguinte officio:

"Sr. Secretario da Sociedade Nacional de Agricultura. — Respondendo ao vosso officio de 9 do corrente, perguntando quaes as marcas mais aconselháveis de descaroçadores de algodão, tenho o prazer de vos informar o seguinte: O typo de descaroçadores a ser empregado em determinada região deve ser escolhido de accordo com a qualidade do algodão nella cultivado. Por exemplo: na região do Nordeste, especialmente em Rio Grande do Norte e Parahyba, zona produtora de algodão de fibra longa (0m,29 a 0m,050 e mais — Seridó, etc.) devem ser empregados os desfibradores de rôlo. Na zona onde se cultive o algodão de fibra curta, cujo comprimento não exceda de 0m,028 (algodões americanos), podem ser usados os descaroçadores de serras. A impropriedade do emprego das machinas de serras nos algodões de fibras longas é devida ao facto dessas machinas cortarem e arrebitarem as fibras, reduzindo o seu comprimento de 0m,005 a 0m,007. As melhores machinas de rôlo são as "Roler Gin", muito usadas no Egypto e na India e mesmo nos Estados Unidos. No Egypto é tambem muito usada a marca "Mercarthy", da casa Platt Brothers, de Oldham. Essa machina produz um fardo de algodão por dia, havendo de rôlo simples e rôlo de dupla acção; o seu preço era, antes da guerra, de 20 libras, custando agora, devido ao augmento de tudo, de 150 a 200 % mais.

Sirvo-me do ensejo para apresentar-vos os meus protestos de elevada estima e consideração. (Assinado) Alcides Franco, Superintendente Interino."

T. C. F.

Revista das Revistas

"O Criador Paulista", nº 10, anno XVI, Outubro 1921, traz os seguintes artigos:

A pecuária e a Exposição do Centenario: — Neste artigo conceita o Sr. Virgílio Penna os criadores do Estado de S. Paulo a concorrerem ao futuro certamente do nosso Centenario, lembrando-lhes a acção de Carlos Botelho e Pereira Barretto nos certamens anteriores.

"Quando, lê-se no "Criador Paulista", a exposição for levada a effeito, lembremo-nos todos da intelligencia heroica de Carlos Botelho, que calçou linhas visiveis, lançando em todos os rumos o lema: "Avante S. Paulo", que se lia na fachada central da Escola Agricola Luiz de Queiroz, no dia solemne de sua inauguração; lembremo-nos dos triumphos e feitos de Pereira Barretto, que jamais se cançou nos trabalhos insanos em prol da nossa pecuária".

Traz mais o "Criador Paulista" uma carta datada da California sobre a grande fazenda de criação de gallinhas, denominada "Pataluma". Para dar uma idéa, diz o auctor da carta, Sr. Sylvio Cunha Echenique, do desenvolvimento da avicultura na região de Pataluma, basta dizer que em uma zona de tres milhas de raio existe uma população de *seis milhões de aves*! Esse exercito de gallinaes representa um capital de *vinte milhões de dollars*, ou seja em nossa moeda, mesmo a 48000 o dollar (saudosos tempos) a fabulosa importancia de *oitenta mil contos de réis*!

No anno passado (1920) a exportação montou a 23 milhões de duzias de ovos e 3 milhões de aves, importando tudo em 11.800.000 dollars ou 63.200 contos!.."

A paginas 175 da mesma revista, estuda o Sr. Charles Vicent, director do Posto Zootechnico de Lages, a "Conservação das Forragens verdes por Ensilagem Subterranea", relatando as suas experiencias a tal respeito.

"Lavoura e Criação" — Rio, Outubro de 1921, anno 6º, n. 10.

Numero muito interessante, illustrado com bons artigos, dentre os quaes — "O valor da canna de Milho como forragem", trabalho este da lavra do professor Lindsey, vertido para o vernaculo por A. Gomes Carmo; "Construções Rurais" — Aprisco rustico, artigo illustrado, firmado pelo professor Armando Ledent.

Estatutos da "Sociedade Brasileira de Medicina e Veterinaria"; "Estatistica do Algodão"; "Horticultura"; "Cacau"; "Economia Domestica".

"A Estrada de Rodagem" — Outubro 121 — São Paulo — Anno I, nº 6. Bastante attrahente. Trata das estradas de rodagens do Estado, nº de automoveis registrados; "O Littoral do Norte", etc., etc., acompanhando o texto nitidas gravuras.

"O Economista" — Rio, anno I, ns. 14, 15 e 16. correspondentes aos mezes de Outubro e Novembro de 921. Materia abundante e bem escolhida, em cujo numero: "A Borracha Sylvestre"; "O Carvão Nacional e a nossa Siderurgia"; "Pragas do algodoeiro"; "Quinzena Commercial" e grande copia de dados estatísticos.

"Revista Coloniale" — S. Paulo, Outubro 921 — Anno XII, fasciculo 26.

Transcreve o contracto datado de Ouchy e firmado entre o Conselheiro Antonio Prado e representantes de colonos e governo italiano e bem assim o tratado accordado entre o Brasil e a Italia para facilitar a emigração de colonos italianos para o Brasil.

Boletim da "Associação Commercial da Bahia" — Outubro 1921 — Anno XII, n. 10.

Traz pauta e cotações commerciaes.

"Revista da Associação Commercial de S. Paulo" — Outubro de 1921, n. 5.

Muito interessante, trazendo entre varios outros: "O Ferro em São Paulo", por Paulo R. Pestana.

"Auto Propulsão" — Rio, Novembro 921, numero 87, anno VII.

Trata do automobilismo, da aviação no Brasil, estradas de rodagens, tudo nitidamente illustrado.

"Brasil Ferro-Carril" — Rio, n. 247, anno XII, Novembro 921.

Materia abundante e variada, utilissimos annuncios. Traz ponderosos artigos sobre "A Conferencia Algodoeira" promovida pela Sociedade Nacional de Agricultura, applaudindo-lhe a acção e lembrando-lhe a conveniencia de convidar industrias inglezes e americanos a tomarem parte nella. Trata tambem do "Carvão do Rio Grande", etc., etc.

"Progredior" — S. Paulo, anno V, revista da Companhia Martins Barros Limitada.

Como sempre, interessante e util.

"Boletim da Associação Commercial" de Santos. — Novembro 921, anno XVIII.

"A Gazeta da Bolsa" — Rio, Novembro 921, anno IV, n. 162. Materia abundante e variada.

"West Indian Bulletin" — Volume XIX, numero I — Barbados 921.

Revista do Imperial Departamento de Agricultura das Antilhas Inglezas.

Como sempre muito interessante e mesmo indispensavel a quem trata de agricultura em paiz tropical.

"Experiment Station Record" — Volume 41, n. 3, Outubro 921, Washington. Dá succintas noticias dos principaes trabalhos referentes á agricultura realizados em todo o mundo.

"The Review of the Applied Entomology" — Vol. IX, part. 10, serie A (Agricultura), Outubro 921 — Londres.

Passa em revista tudo que se tem publicado ultimamente sobre entomologia.

"Boletim da União Pan-Americana" — Novembro 921, Washington, numero especial, tratando exclusivamente de lacticinios.

"Monthly Crop Reporter" — Vol. 7, n. 10, Outubro 921, Washington.

"O Exportador Americano" — Nova York, Novembro 921. Como sempre, muito interessante.

"Report of the Agricultural Experiment Stations", Allahabad — (India), 921.

"The Louisiana Planter and Sugar Manufacturer" — Vol. LXVII, n. 19, N. Orleans, Novembro 921. Publicação indispensavel a quem trata da canna de assucar.

"A America" — Revista industrial — N. 4, Outubro 921, Nova York.

"Journal of the College of Agriculture" — Sapporo, Japão, 921.

"Bulletin Mensal des Renseignements Agricoles et des Maladies des Plantes" — I. I. d'Agriculture, Roma, n. 10, anno XII, Outubro 1921.

"B. M. des Institutions Economiques et Sociales", idem, idem, idem.

"B. de Statistique Agricole et Commerciale", idem, idem, idem.

"Agricultura Coloniale" — Anno XV, n. 10, Outubro 921, Florença.

"Vie Agricole et Rurale" — Anno 10, n. 43, Outubro 921, Paris.

"Anales de la Sociedad Rural Argentina" — Anno LVI, vol. LV, n. 21, Novembro 921, B. Aires.

"Revista Ganadera" — Anno II, n. 36, Outubro 921, B. Aires.

"Revista de la Bolsa de Cereales" — Anno 10, n. 502, B. Aires.

"Revista Agricola" — Tomo VI, n. VI, Outubro 921, San Jacinto, Mexico.

Boletim da "Directoria de Estatistica Commercial" (Ministerio da Fazenda).

A bibliotheca da Sociedade Nacional de Agricultura, continu'a a receber regularmente as utilissimas publicações da Estatística Commercial, possuindo todos os numeros desde 1908 a 1921.

"Chacaras e Quintaes" — S. Paulo, Dezembro 921, vol XXIV, n. 6.

Como sempre, interesantissima, trazendo artigos importantes, como, entre outros: "Rações praticas para porcos"; "A Phalaris bulbosa"; "O Aspidiotus perniciosus"; "Ceroplastes ou uma cachonilha de herva matte".

"Lavoura e Criação" — Rio, Dezembro de 921, anno 6º, n. 12. Traz materia variada e de interesse para os senhores agricultores.

"Auto Propulsão" — Ns. 88 e 89, anno VII. Rio. Materia abundante, interessante e variada, em cujo numero: "A Propulsão pela electricidade de sem fio"; "Alcool versus gazolina".

"Revista dos Fazendeiros" — N. 50, anno V, gens e pastagens"; discurso do Prof. E. Berta-gens e pastagens"; discurso do Prof. E. Barta-relli na Sociedade Paulista"; "Café e Chá"; "Cultura da Juta na India"; "Adubos chimicos".

"Bolletim Mensuel de la Chambre Française de Rio Janeiro" — Novembro 921, n. 248.

"Vida Domestica" — Dezembro 921, n. 22, anno II, traz artigos sobre: "Vida dos campos"; "Criação de porcos"; "Escola Agricola de Piracicaba"; "Criação de coelhos"; "Avicultura".

"Boletim Mensal da Camara Portuguesa de Comercio e Industria" — Rio, anno IX, n. VII. Entre outros artigos traz um sobre "Os tratamentos contra o Mildio".

"Boletim da Associação Commercial da Bahia" — Anno XIII, n. XI, Novembro 1921.

"Revista Commercial do Brasil" — Rio, n. 10, anno XIX, Novembro 921. Traz artigos sobre: "A Synthese Agricola"; "A industria assucareira na Argentina"; "Os couros do Brasil nos Estados Unidos".

"Brasil-Indicador" — Rio, anno I, n. 3. Novembro 1921, trata, além de outros assumptos, de: "A Formiga Saúva".

"Syndicatos Agricolas e Cooperativas de produção" por E. Bartholomeu Reis.

"O Criador Paulista" — S. Paulo, anno XVII, n. 11, Novembro de 1921. Traz bons estudos de palpitante interesse, em cujo numero: "A Pecuaria no Brasil em 1920"; "A matança de suínos-femeas"; "Echos da peste bovina".

"O Economista" — Rio, Dezembro 921, anno I, n. 19, estuda: "A defeza permanente do café"; "As pragas das arvores de ornamentação do Rio"; "A exportação do assucar" um projecto do deputado Miguel Calmon.

"Memorias do Instituto Oswaldo Cruz" — Rio, anno 921, tomo XIII, fasciulo I. Alli se lê: "Contribuição para o conhecimento da fauna helmintologica brasileira", pelo Dr. Lauro Travassos; "Observações sobre o genero Urogonimus", pelo Dr. Adolpho Lutz.

"Relatorio do Centro Industrial do Algodão na Bahia" — Agosto 1921.

"Relatorio do Centro de Fiação e Tecelagem de Algodão" — Rio, Março 1921.

"Relatorio da Associação Commercial do Rio de Janeiro" — Maio 1921.

"Brasil Ferro-Carril" — Rio, anno XII, volume XXI. Trata da "A situação do café"; "A Defeza da Produção"; "Notas economicas".

"Chambre de Commerce Belge au Brésil" — Rio, n. 52, anno 921. Dentre varios artigos: "Les possibilités de la production Agricole au Brésil"; "Exposition Universelle de Rio de Janeiro 1922".

"Cultura da Alfafa"; "Plantação do Fumo"; publicação do Kalisyndicat, 117, Avenida Rio Branco, Rio.

"As tarifas da Viagem Ferrea" — Porto Alegre, 921. Off. graph. da Federação.

"O Succo Cellular" por José Maria H. Condu-rú, Belém, 921.

"Revista Trimestral do Instituto do Ceará" — Fortaleza, 921.

Relatorio apresentado ao Dr. J. J. Seabra, pelo Eng. José Barboza de Souza, Bahia, 921.

"Relatorio do Centro do Commercio de Café" — Rio, Setembro 1921.

"Anuario Estatístico de S. Paulo" — 1918 — População e Estatística Economica.

"Relatorio da Repartição de Estatística" — Porto Alegre, 1921. E' este um dos melhores trabalhos que se fazem no paiz, com dados abundantes sobre a economia geral do Estado.

"A Informação Goyana" — Rio, Outubro 921, vol. V, n.3. Traz este numero interessantes artigos da lavra do nosso consocio, Major Henrique Silva, em cujo numero: "Tapirides e Cervides do Brasil Central"; "A rainha das leguminosas brasileiras"; "Commentario sobre o Codigo Sanitario animal", pelo Coronel D. Riet.

"Anuario Estatístico Commercial do Brasil em 1920", por B. Borghini. Bellissimo volume em papel assetinado, com nitidas gravuras e abundantes dados estatísticos e uteis informações.

"Boletim do Departamento Estadual do Trabalho" — São Paulo, anno X, n. 39, 1921. Como sempre, interessantissimo.

"Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro" — Volume XXIII, 921. Traz este volume ponderosos estudos sobre: "Os Anophelinos do Brasil", por A. G. Peryassu; "Especies novas Civitatis Minas Geraes", por Alvaro A. da Silveira; "Actividade Scientifica dos professores Gorceix e Costa Senna", por A. Betim Pais Leme. "Boletim da União Pan-Americana" — Traz bellissimo artigo, assignado por P. K. Reynolds, auxiliar da United Fruit Company, sobre a banana e o commercio da banana. Digno de divulgação.

"Boletim de la Comision Nacional de Fomento Rural" — Montevideo, 921, n. 27. Traz artigos interessantissimos.

"Circular n. 8 — Notas sobre la grama de Rhodes" — Tucuman, 921. Excelente trabalho assignado pelo prof. E. F. Schultz.

"Projecto de ley sobre Escuelas Praticas de Agricultura", pelo deputado F. Beiro, Buenos Aires, 921.

"Revista del Ministerio de Industrias" — Montevideo, anno IX, n. 61, 921. Materias variadas e interessantes.

"Anales de la Sociedad Cientifica Argentina" — B. Aires, 921, tomo XCI. Traz materia abundante, destacando-se: "Nuevos Curculionideos de la Argentina", pelo prof. Heller; "Proctotrypides hôtes des fourmis en Argentine", por J. J. Kieffer.

"Revista Zootechnica" — B. Aires, Anno VIII, n. 98, Novembro 921. Muito intercessante, tratando d'"El tratamiento de la esterilidad en las vacas"; "Situacion de la ganaderia europea"; "Exportacion de productos de la Ganaderia".

"Memoria del Ministerio de Industrias al Congreso Nacional em 1921" — Santiago del Chile, 1921.

"Museo Agricola de la Sociedad Rural Argentina". E' uma succinta noticia sobre aquelle rico museu assignada pelo Dr. Carlos Girola, seu director.

"Herb. Book Argentino de la raza Shorthorn Perfeccionada" — Publicação de la Sociedad Rural Argentina. B. Aires, 921.

"Anales del Museo Nacional de Historia Natural" — B. Aires, tomo XXX. Este ponderoso volume de 100 paginas trata especialmente das formigas da Republica Argentina, assignando as memorias os professores Kuhn, Callardo, Marcelli, Dabbene, etc., etc.

"Comptes Rendus des Séances de l'Académie d'Agriculture de France" — Tomo VII, anno 1921. Paris.

"Bulletin de la Société des Agriculteurs de France" — Paris, Novembro 1921. Traz: "Le rapport de Mr. Sarraut sur l'alcool industriel"; Arrêté du Ministre de la Guerre sur les primes propriétaires d'automobiles"; "Le travail agricole au Bureau International du Travail".

"La Vie Agricole" — X année, tome 19, Paris, n. 47 spécial pour engrais; n. 48 motoculture.

"Journal de la Société Nationale d'Horticulture, Paris, série 4, Tome XXII, 1921.

"Bulletin Agricole del Institut Scientifique de Saigon" — 3^a année, Novembre 1921. Interessante.

tissimo sob o ponto de vista de agricultura tropical.

"Bulletin de Statistique Agricole, XII année, 1921.

"L'Ingénieur Industriel" — Tome V, 1921, Londres. Muito util e interessante.

"Journal of the Department of Agriculture" — Pretoria, Novembro 1921, volume III. Materia variada e interessante.

"Report of the Government Horticultura Gardens — Luck now.

Report on the Department of Agriculture" — Barbados 1920-921. Interessante.

"The Chemical Age" — Vol. V, 1921.

Os doze mandamentos da agricultura racional

A Agricultura é a mais antiga das ocupações do homem.

Muito antes de apparecerem os commerciantes, os industriaes, os advogados e os professores, já este tirava do solo os meios de subsistencia.

E muito antes de se comporem os livros, a humanidade amanhava o solo e colhia os seus productos.

Além da mais remota, é, ainda, a mais importante de todas as profissões. E' na terra — magnanima mãe commum de todos nós — que vamos buscar os nossos alimentos. Não é só o lavrador que depende do campo para viver; a gente das villas e cidades, muito mais ainda, delle tudo pede e precisa.

Sem agricultura, não poderiam existir os centros de grande população, como todas as suas bellezas architectonicas.

Sem o alimento que nos vem da terra, não seriam possiveis nem a industria nem o commercio.

O homem de maior valor no mundo inteiro é o lavrador que roteia os campos e delles recolhe as safras. E' elle o rei, entre os reis.

As grandes celebridades sempre reconheceram que o bem estar da humanidade depende da cultura intelligente do solo, e os poetas de todos os tempos têm cantado a natureza e os frutos da terra.

*
*
*

OS PRINCIPIOS DA AGRICULTURA LUCRATIVA — As necessidades das plantas são as mesmas em todo lugar, e os mesmos são, também, em qualquer paiz, os principios que governam a exploração rendosa do solo. O agricultor deve, portanto, observar os doze mandamentos seguintes se quer que o seu trabalho seja bem remunerado.

1 — O agricultor deve controlar a quantidade de agua no solo, por meio de drenagem, de irrigação e do uso dos "palheiros" e "colhões de terra fofa". Isto é necessario porque as plantas devem ter um supprimento de agua adequado para o seu perfeito desenvolvimento.

2 — O agricultor deve preparar uma sementeira de solo profunda e completamente pulverizado, de maneira que as raizes das plantas possam penetrar bem fundo, na sua procura de agua e alimento.

3 — Deve plantar só as sementes que tenham sido cuidadosamente seleccionadas das melhores

variedades, visto que as plantas são como os individuos humanos: uns melhores do que outros.

4 — Deve espaçar, devidamente, as suas plantas no terreno, isto é, deve proporcionar a cada planta, monte ou carreira a area necessaria. Este é um ponto muito importante, porquanto, se as plantas estão apinhadas ellas não podem medrar por falta de luz solar e se demasiado afastadas umas das outras, ha desperdício de terreno.

5 — Deve conservar o solo constantemente revolvido durante o periodo de crescimento das plantas, o que concorre não só para destruir as hervas daminhas como para afofar a superficie da terra, evitando, assim, perda dagua.

6 — Deve juntar ao solo uma quantidade sufficiente de materia vegetal.

7 — Deve trocar as suas culturas de lugar, de quando em vez, porque uma planta não proauz bem quando plantada repetidamente no mesmo terreno.

8 — Deve preferir as culturas perfeitamente adaptaveis ás suas terras.

9 — Deve produzir na sua propriedade todos ou quasi todos os alimentos para as pessoas e os animaes que nella habitam. Se elle comprar esses alimentos, está dando a ganhar a quem os produziu, a quem os transportou e a quem lh'os vendeu. Além de pagal-os, perde, ainda, um tempo precioso em retiral-os dos armazens e mercados; ao passo que se elle produz o seu proprio alimento, é dinheiro e tempo que economisa.

10 — Deve crear o numero sufficiente de animaes para aproveitar as sobras na sua propriedade e as terras em abandono. Tudo que se despreza numa fazenda é prejuizo que se torna em lucro quando é destinado ao sustento de um animal.

11 — Deve empregar animaes fortes e os melhores instrumentos agricolas, com que realisa maior somma de trabalho num dia. Os labores pesados exigem resistencia e o agricultor intelligente se utiliza, tanto quanto possivel da boa energia dos animaes.

12 — Finalmente, os agricultores acabam quasi sempre concordando que, para obter os melhores preços para os seus productos é necessario contratar os serviços de um agente para vendel-os por meio da cooperação entre elles, no seu districto.

A sociedade cooperativa pôde estabelecer um deposito no ponto de embarque. E' pelo estreito cooperativismo na venda de seus productos que os agricultores de certas partes dos Estados Unidos tiram hoje lucros muito maiores que seriam possiveis de outra forma.

T. C. F.

Segunda Exposição de Milho na Bahia



Dr. Gervásio Mello, ao lado da taça Sociedade Nacional de Agricultura, conferida na Segunda Exposição de Milho realizada na Bahia em 1921

Secção commercial

RIO, 30—11—921

CAFFÉ

Ao findar o mez de Novembro era esta a situação do café na praça do Rio:

	Saccas
Entradas do mez.....	324.826
Embarques desde 1 de Julho.....	1.261.150
Embarque do mez.....	279.118
Embarque desde 1 de Julho.....	1.261.150
"Stock" a 30 de Novembro.....	1.703.558

A 30 de Novembro o mercado esteve levemente vacillante, cotando-se o typo 4 a 20\$500 e o 7 a 19\$100 a arroba.

SANTOS, 30—11—921

O mercado de Santos fechou o mez em alta, accusando o seguinte movimento:

	Saccas
Entradas desde 1 do mez.....	703.447
Entradas desde 1 de Julho.....	3.784.075
Embarques desde 1 do mez.....	698.348
Embarques desde 1 de Julho.....	3.807.857
"Stock" a 30 de Novembro.....	2.803.043

Cotava-se o typo 4 a 15\$700 e o 7 a 14\$000, os dez kilos. Os ultimos dias do mez foram assignalados por boatos desencontrados de que o Sr. Conde Alexandre Siciliano iria deixar a direcção da valorização do café, o que concorreu para levar certa vacillação ao mercado. Por outro lado insistia-se em affirmar que as lavouras de café estavam sendo prejudicadas pela secca, o que parecia justificado diante da excepcional escassez de chuvas durante a primavera.

Quanto aos mercados estrangeiros, fecharam a 30 de Novembro com pequena baixa, cotando Nova York a libra a 8.55 cents., Havre a 168 1/4 e Londres a 48/9.

ALGODÃO

O mercado do Rio esteve firme, cotando o algodão nestes preços:

	Por 10 kilos
Sertões.....	25\$000 a 26\$000
Primeiras sortes.....	24\$000 a 25\$000
	Fardos
Entradas do mez.....	18.048
Sabidas desde 1 do mez.....	17.455
"Stock" a 30 do mez.....	18.942

Em S. Paulo fechou-se o mercado em alta, cotando-se a arroba em rama a 33\$500 e 33\$800; algodão em caroço a 10\$500; caroço de algodão, 3\$300, com sacco.

Em Pernambuco cotava-se a 32\$000 a arroba. Entradas desde 1 de Setembro, 61.800 saccos (de 4 arrobas); "stock", 22.700 saccos.

Os mercados estrangeiros cotaram: Liverpool, a 11.30 d. por libra; Nova York, a 17.46 cents. por libra. A tendencia era para a baixa.

ASSUCAR

Rio — Ao findar o mez, o mercado estava em baixa, cotando-se o crystal branco a \$520 e a \$560; 2º jacto, a \$420 e \$460; mascavinho, a \$360 e \$420.

	Saccos
Entradas do mez.....	152.034
Sabidas do mez.....	117.001
"Stock" a 30 de Novembro.....	190.732

Em S. Paulo cotava-se: o crystal, a 32\$ e 32\$500;

somenos bom, a 30\$000 e 31\$000; mascavo, a 23\$000 e 23\$500 o sacco de 60 kilos.

Em Pernambuco cotava-se a arroba: somenos, a 4\$200 e 4\$800; usina de 1ª, a 7\$200 e 7\$700; Demerara, a 3\$900.

	Saccos
Entradas desde 1 de Setembro.....	1.164.200
"Stock" a 30 de Novembro.....	225.000

O QUE O RIO CONSUME

Damos a seguir os interessantissimos quadros que illustram esta secção, os quaes foram organizados expressamente para figurarem em "A Lavoura" por ordem pressurosa do operoso e zeloso director da Superintendencia do Abastecimento, a quem hypothecamos desde aqui os nossos agradecimentos.

São deveras utilissimos quanto interessantes os quadros que abaixo se seguem:

Superintendencia do Abastecimento — Preços médios, nas feiras livres do Districto Federal, durante os mezes de Setembro a Novembro de 1921:

Alface de dois a quatro pés.....	\$100
Arroz, kilo.....	\$500 a \$700
Assucar branco, kilo.....	\$650 a \$700
Assucar de 3ª, kilo.....	\$600 a \$650
Aboboras, segundo o tamanho.....	\$300 a 1\$600
Agrião, dois a tres molhos.....	\$100
Azeite doce, lata.....	5\$600 a 5\$800
Batata ingleza, kilo.....	\$400 a \$600
Batata doce, porção, desde.....	\$100
Bananas, quatro a oito.....	\$100
Bananas da terra, tres.....	\$200
Côco da Bahia, um.....	\$300 a \$600
Camarão fresco, kilo.....	1\$600 a 8\$000
Canna de assucar, uma.....	\$100 a \$300
Carne secca ou xarque, kilo.....	2\$000 a 2\$200
Cebolas, kilo.....	\$400 a \$600
Café moído, kilo.....	1\$300 a 1\$500
Carne de porco salgada, kilo.....	1\$900 a 2\$300
Ervilhas, porção, desde.....	\$100
Feijão preto, kilo.....	\$600
Feijão manteiga, kilo.....	\$800
Feijão amendoim, kilo.....	\$700
Feijão branco, kilo.....	\$500 a \$600
Feijão mulatinho, kilo.....	\$500 a \$600
Farinha de mandioca, kilo.....	\$350
Farinha de trigo, kilo.....	\$750
Fubá de milho, kilo.....	\$350 a \$400
Gallinhas regulares, uma.....	2\$900 a 3\$000
Gallinhas grandes, uma.....	3\$500 a 3\$800
Goiabada, lata.....	1\$600 a 1\$800
Limas, duzia.....	\$300 a \$500
Linguigas, kilo.....	1\$800 a 3\$500
Lombo de porco salgado, kilo.....	2\$200 a 2\$300
Laranja lima, duzia.....	\$600 a 1\$200
Laranja selecta, duzia.....	\$400 a \$800
Manteiga fresca, kilo.....	4\$400 a 8\$000
Milho, kilo.....	\$250 a \$300
Macarrão, kilo.....	1\$200 a 1\$300
Ovos frescos, duzia.....	1\$200 a 1\$400
Pão, kilo.....	1\$000 a 1\$100
Peixe fresco, kilo.....	\$800 a 4\$000
Peixe salgado, kilo.....	1\$000 a 2\$000
Phosphoros, pacote.....	\$500 a \$600
Queijo de Minas, um.....	1\$600 a 3\$500
Queijo, typo estrangeiro, kilo.....	1\$000 a 6\$000
Queijo Parmezon, kilo.....	5\$000 a 8\$000
Quiabos, porção, desde.....	\$100
Salame, kilo.....	1\$800 a 3\$500
Toicinho salgado, kilo.....	1\$600 a 1\$800
Tomates, porção, desde.....	\$100
Vagem, porção, desde.....	\$100
Xuxu, dois.....	\$100

Estimativa do consumo diario e mensal de diversos generos alimenticios de primeira necessidade, no Districto Federal, de accôrdo com as respectivas entradas e sahidas:

GENEROS	Unidade	Por unidade commercial		Por kilogramma	
		Consumo		Consumo	
		Diario	Mensal	Diario	Mensal
Arroz	Sacco	1.000	30.000	60.000	1.800.000
Assucar	Sacco	2.000	60.000	120.000	3.600.000
Azeite de oliveira	Caixa	20	600	800	24.000
Bacalhão	Caixa	70	2.000	4.000	120.000
Banha	Caixa	300	9.000	18.000	540.000
Batata	Kilog.	50.000	1.500.000	50.000	1.500.000
Carne fresca de vacca	Cabeça	545	16.350	115.000	3.450.000
Carne fresca de porco	Cabeça	114	3.420	8.000	240.000
Carne de porco salgada	Kilog.	13.000	400.000	13.000	400.000
Carne secca ou xarque	Fardo	400	12.000	32.000	900.000
Cebolas	Kilog.	15.000	450.000	15.000	450.000
Farinha de mandioca	Sacco	670	20.000	30.000	900.000
Farinha de trigo	Sacco	5.000	150.000	220.000	6.600.000
Feijão	Sacco	1.200	36.000	72.000	2.160.000
Gazolina	Caixa	1.330	40.000	40.000	1.200.000
Kerozene	Caixa	600	18.000	16.800	504.000
Leite condensado	Caixa	27	800	640	19.200
Manteiga	Kilog.	3.000	90.000	3.000	90.000
Milho	Sacco	2.000	60.000	120.000	3.600.000
Sal	Kilog.	60.000	1.800.000	60.000	1.800.000
Toicinho Salgado	Kilog.	7.000	210.000	7.000	210.000

NOTA — Este quadro está sujeito a rectificações.

Superintendencia do Abastecimento — Entradas e sahidas dos principaes generos de primeira necessidade, no Districto Federal, no anno de 1920, e respectivas médias mensaes:

MERCADORIAS — UNIDADE	Total das entradas	Média mensal das entradas	Total das sahidas	Média mensal das sahidas	Média mensal do saldo para consumo ou "stock"
Algodão em pluma — Fardo	189.750	15.812	15.983	1.332	14.480
Arroz — Sacco	620.074	51.673	206.147	17.179	34.495
Assucar — Sacco	1.526.526	127.210	664.663	55.388	71.822
Azeite de oliveira — Caixa	50.767	4.230	5.556	463	3.767
Bacalhão — Kilo	8.082.487	673.540	1.429.983	119.165	554.375
Banha — Kilo	18.209.159	1.517.430	4.415.646	367.970	1.149.460
Batatas — Kilo	24.651.074	2.054.256	868.723	72.393	1.981.863
Carnes congeladas — Kilo	21.303.500	1.775.292	7.137.497	594.791	1.180.501
Carne secca ou xarque — Fardo	283.059	23.588	122.683	10.223	13.365
Carne de porco salgada — Kilo	3.298.780	274.898	22.915	1.909	272.989
Cebolas — Kilo	5.187.021	432.252	471.387	39.282	392.970
Farinha de mandioca — Sacco	623.954	51.996	184.858	15.405	36.591
Farinha de milho — Kilo	166.541	13.878	163.960	13.663	215
Farinha de trigo — Sacco	360.782	30.065	1.696.226	141.352	111.287
Feijão — Sacco	999.890	83.324	159.550	38.296	45.028
Gazolina — Caixa	697.846	58.154	58.385	4.865	53.289
Kerozene — Caixa	421.485	35.124	204.562	17.047	18.077
Leite condensado — Caixa	16.988	1.416	1.373	114	1.302
Manteiga — Kilo	3.331.342	277.612	2.281.875	190.156	87.456
Milho — Sacco	712.137	59.345	5.525	460	58.885
Polvilho — Kilo	2.265.447	188.787	198.774	16.564	172.223
Sabão — Kilo	237.238	19.770	3.252.391	271.032	
Sal — Kilo	101.440.855	8.453.404	58.541.208	4.878.434	3.574.970
Tapioca — Sacco	727	60	11.751	979	919
Toicinho — Kilo	2.962.486	246.874	313.264	26.105	220.769
Trigo em grão — Kilo	173.207.315	14.433.943	993.660	82.805	14.351.138

Superintendencia do Abastecimento

Entradas no Districto Federal no mez de Outubro de 1921:

Algodão em pluma — Fardos.....	16.604
Arroz — Saccos.....	67.422
Assucar — Saccos.....	175.798
Azeite de oliveira — Caixas.....	586
Bacalhão — Kilos.....	483.342
Banha — Kilos.....	1.738.918
Batatas — Kilos.....	1.463.041
Carnes congeladas — Kilos.....	952.000
Carne de porco salgada — Kilos.....	364.780
Carne secca ou xarque — Fardos.....	3.390.314
Carvão vegetal — Kilos.....	3.390.314
Cebolas — Kilos.....	721.791
Farinha de mandioca — Saccos.....	56.009
Farinha de milho — Kilos.....	490.307
Farinha de trigo — Saccos.....	6.900
Feijão — Saccos.....	38.472
Gazolina — Caixas.....	65.629
Kerozene — Caixas.....	40.000
Leite condensado — Caixas.....	392
Lenha — Kilos.....	2.155.906
Manteiga — Kilos.....	133.130
Milho — Saccos.....	86.592
Peixes conservados — Kilos.....	93.542
Polvilho — Kilos.....	141.499
Sabão — Kilos.....	13.100
Sal — Kilos.....	13.501.573
Sêbo — Kilos.....	339.717
Tapioca — Saccos.....	527
Toucinho — Kilos.....	273.962
Trigo em grão — Kilos.....	17.461.226

— Entradas no Districto Federal no mez de Novembro de 1921:

Algodão em pluma — Fardos.....	12.583
Arroz — Saccos.....	52.035
Assucar — Saccos.....	132.779
Azeite de oliveira — Caixas.....	412
Bacalhão — Kilos.....	455.608
Banha — Kilos.....	1.574.084
Batatas — Kilos.....	1.938.985
Carnes congeladas — Kilos.....	714.000
Carne de porco salgada — Kilos.....	233.669
Carne secca ou xarque — Fardos.....	2.748.579
Carne secca e xarque — Fardos.....	30.859
Carvão vegetal — Kilos.....	2.748.579
Cebolas — Kilos.....	649.698
Farinha de mandioca — Saccos.....	80.588
Farinha de milho — Kilos.....	48.003
Farinha de trigo — Saccos.....	16.000
Feijão — Saccos.....	42.617
Gazolina — Caixas.....	1.001
Kerozene — Caixas.....	46.200
Leite condensado — Caixas.....	827
Lenha — Kilos.....	1.178.000
Manteiga — Kilos.....	247.651
Milho — Saccos.....	51.820
Peixes conservados — Kilos.....	141.849
Polvilho — Kilos.....	62.560
Sabão — Kilos.....	77.632
Sal — Kilos.....	1.141.822
Sêbo — Kilos.....	280.211
Tapioca — Saccos.....	45
Toucinho — Kilos.....	178.776
Trigo em grão — Kilos.....	12.610.543

Superintendencia do abastecimento

— “Stocks” existentes nos trapiches do Rio de Janeiro nas manhãs de 3 de Dezembro e 26 de Novembro de 1921 e 3 de Dezembro de 1920:

Mercadorias	Quantidade		
	Em 3-12-21	Em 26-11-21	Em 3-12-20
Arroz — Sacco...	47.903	34.829	38.353
Feijão — Sacco...	21.789	14.464	20.340
Farinha de mandioca — Sacco...	52.212	39.126	39.031
Assucar — Sacco...	190.850	183.291	305.333
Banha — Caixa..	12.596	12.385	11.042
Algodão — Fardo..	19.549	17.039	32.401
Xarque — Fardo..	18.500	17.000	5.500

RIO, 31—12—921

CAFE'

	Saccas
Entradas do mez.....	350.485
Entradas desde 1 de Julho.....	2.262.356
Embarques do mez.....	330.654
Embarques desde 1 de Julho.....	1.616.849
“Stock” a 31 de Dezembro de 1921....	1.711.021

Os negocios de café faziam-se calmamente, cotando-se o tipo 4 a 22\$200 e o tipo 7 a 20\$100 por arroba.

Os negocios a termo para Janeiro faziam-se a 19\$000 e 19\$100; para entregar em Maio a 19\$500 a 19\$650.

SANTOS, 31—12—921

	Saccas
Entradas do mez.....	795.617
Entradas desde 1 de Julho.....	4.540.717
Embarques do mez.....	683.619
Embarques desde 1 de Julho.....	4.491.476
“Stock” a 31 de Dezembro de 1921....	2.884.493

O mercado de Santos fechou calmo, pagando-se o tipo 4 a 17\$300, os dez kilos. Falava-se em grandes damnos causados aos cafesaes pela secca, o que certamente influuiu para a alta.

Os negocios a term regulavam: entregas em Janeiro, 17\$450; entregas em Maio, 17\$120 por dez kilos.

HAVRE, 31—12—921

	Saccas
Café do Brasil.....	299.000
Café de outras procedencias.....	241.000
	540.000

Cotava-se café em Santos — 172 francos por 50 ks.

RIO, 31—12—921

ALGODÃO

	Fardos
Entradas do mez.....	14.366
Sahidas do mez.....	12.804
“Stock” a 31 de Dezembro de 1921....	22.059
Cotava-se, 10 kilos:	
Sertões.....	28\$000 a 29\$000
Primeiras sortes.....	27\$000 a 28\$000
Medianos.....	23\$000 a 24\$000

S. PAULO

	Por arroba
Cotava-se algodão em caroco.....	11\$200 a 11\$500
Algodão em rama do Estado.....	37\$000 a 37\$500

PERNAMBUCO

	Saccos
"Stock"	25.000
Entradas desde 1 de Setembro.....	81.300
Os saccos são de 4 arrobas.	
Cotava-se de 34\$000 a 35\$000 a arroba.	
Nos mercados nacionaes o algodão estava em alta, havendo animação geral.	

LIVERPOOL

Cotava-se a 11,76 d. por libra os algodões brasileiros.

RIO, 31-12-921

ASSUCAR

	Saccos
Entradas do mez.....	153.960
Sahidas do mez.....	95.253
"Stock"	247.846
Cotava-se:	
Branco crystal	\$470 a \$500
2º jacto	\$400 a \$420
Mascavo	\$330 a \$360

S. PAULO

Refinado	48\$000
Crystal	32\$000
Mascavo	22\$500

PERNAMBUCO

Entradas desde 1 de Setembro.....	1.788.500
"Stock"	298.000
Cotava-se, por 15 kilos:	
Usina, 1ª	5\$800 a 6\$300
Usina, 2ª	4\$900 a 5\$300
Demerara	3\$600

Os mercados nacionaes regularam frouxos nos ultimos dias do anno.

31-12-921

MERCADO DO RIO

Preços correntes de generos diversos:

Arroz brilhado de 1ª — 60 kilos	44\$000 a 46\$000
Arroz especial — 60 kilos....	38\$000 a 40\$000
Banha de Porto Alegre de 1ª — 60 kilos.....	111\$000 a 112\$000
Idem idem de 3ª — 60 kilos....	110\$000 a 111\$000
Idem mineira e paulista — 60 kilos.....	108\$000 a 109\$000
Batatas de Minas e S. Paulo — Kilo.....	\$500 a \$550
Batatas do Rio Grande—Kilo....	\$400 a \$440
Farinha de mandioca de Porto Alegre — Sacco de 45 kilos...	12\$500 a 13\$000
Idem idem de Laguna — Sacco de 45 kilos.....	8\$000 a 9\$000
Tapioca — Kilo.....	\$200 a \$500
Feijão de Minas especial — 60 kilos.....	34\$000 a 35\$000
Feijão de Porto Alegre — 60 kilos	32\$000 a 33\$000
Feijão mulatinho superior — 60 kilos.....	32\$000 a 33\$000
Milho amarello — 62 kilos.....	18\$000 a 19\$000
Milho branco — 62 kilos.....	17\$000 a 18\$000
Aguardente sem sello, paraty — 480 litros.....	170\$000 a 180\$000
Aguardente sem sello de Campos — 480 litros.....	120\$000 a 140\$000
Alcool de 40° — 480 litros.....	210\$000 a 220\$000
Alcool de 38° — 480 litros.....	180\$000 a 190\$000
Alfafa nacional — Kilo.....	\$450 a \$470
Café moido — Kilo.....	1\$600 a 2\$000
Cimento — Barrica.....	35\$000 a 37\$000
Presunto nacional — Kilo.....	5\$000 a 6\$000
Presunto estrangeiro — Kilo....	9\$000 a 9\$500
Queijo de Minas.....	1\$300 a 3\$200
Queijo Palmyra Caixa.....	85\$000 a 90\$000
Sal nacional — 60 kilos.....	7\$400 a 7\$900
Sal estrangeiro — 60 kilos....	13\$000 a 14\$000
Sêbo Kilo.....	\$960 a 1\$000
Toucinho Kilo.....	1\$500 a 1\$800
Carnes salgadas — Kilo.....	1\$500 a 2\$300

Farinha de trigo.....	29\$500 a 32\$200
Fubá mimoso — 50 kilos.....	23\$000 a 24\$000
Fubá fino — 50 kilos.....	18\$500 a 19\$000
Cangica — 60 kilos.....	33\$000 a 36\$000
Polvilho — Kilo.....	\$800 a \$860
Xaraué — Kilo.....	1\$000, 1\$500 a 2\$000

"Stock" no mercado do Rio, 18.000 fardos do peso de 1.440.000 kilos.

Kerozene — Caixa.....	21\$500 a 22\$000
Gazolina — Caixa.....	31\$500 a 32\$000
Manteiga de Minas — Kilo.....	5\$500 a 6\$000
Idem de Santa Catharina — Kilo	3\$500 a 4\$000
Pinho americano — Pé.....	\$700 a \$800
Idem do Paraná de 1ª — Pé....	\$900

Entradas no Districto Federal, no mez de Dezembro de 1921:

Algodão em pluma -- Fardos.....	16.903
Arroz — Saccos.....	69.192
Assucar — Saccos.....	173.263
Azeite de oliveira — Caixas.....	410
Bacalhão — Kilos.....	442.176
Banha — Kilos.....	1.782.711
Batatas — Kilos.....	2.122.160
Carnes congeladas — Kilos.....	749.000
Carne de porco salgada — Kilos.....	231.587
Carne secca e xarque — Fardos.....	22.227
Cebolas — Kilos.....	848.038
Farinha de mandioca — Saccos.....	66.620
Farinha de milho — Kilos.....	47.849
Farinha de trigo — Saccos.....	32.310
Feijão — Saccos.....	58.803
Gazolina — Caixas.....	4.219
Kerozene — Caixas.....	67.925
Leite condensado — Caixas.....	1.942
Manteiga — Kilos.....	324.107
Milho — Saccos.....	89.458
Peixes conservados — Kilos.....	181.081
Polvilho — Kilos.....	117.510
Sabão — Kilos.....	37.435
Sal — Kilos.....	10.930.735
Sêbo — Kilos.....	213.025
Tapioca — Saccos.....	227
Toucinho — Kilos.....	392.186
Trigo em grão — Kilos.....	10.528.943

"Stocks" existentes nos trapiches do Rio de Janeiro nas manhãs de 7 de Janeiro de 1922, 31 de Dezembro de 1921 e 7 de Janeiro de 1921:

Mercadorias	Quantidade		
	Em 7-1-22	Em 31-12-21	Em 7-1-21
Arroz — Sacco...	60.807	53.057	41.660
Feijão — Sacco...	30.110	30.546	24.515
Farinha de trigo — Sacco.....	(1) 7.647	6.677	25.090
Farinha de man- dioca — Sacco...	54.983	51.789	45.213
Assucar — Sacco.....	(2) 260.531	248.486	240.515
Banha — Caixa...	11.738	8.944	12.089
Algodão — Fardo...	18.958	20.624	36.680
Xarque — Fardo...	17.000	18.000	5.500

(1) Além dessa farinha existiam mais 52.426 saccos depositados nos moinhos.

(2) Sendo 214.065 saccos de assucar branco, 19.287 ditos de mascavinho, 11.226 ditos de mascavo e 15.953 de não especificado.

**PAUTA DOS PREÇOS DOS PRINCIPAES GENEROS
NO PORTO DA BAHIA A 31—12—921**

Aguardente — Kilo.....	\$500
Algodão em rama — Kilo.....	2\$200
Arroz em casca — Kilo.....	\$100
Idem descascado — Kilo.....	\$270
Assucar mascavo — Kilo.....	\$230
Idem refinado — Kilo.....	\$380
Azeite — Kilo.....	1\$300
Banha — Kilo.....	2\$000
Cacáo — Kilo.....	1\$080
Café — Kilo.....	1\$200
Carne de vacca — Kilo.....	\$700
Cêra preparada — Kilo.....	3\$000
Côco — Cento.....	12\$000
Couros secos — Kilo.....	1\$350
Idem verdes — Kilo.....	\$800
Farinha de mandioca — Kilo.....	\$350
Tapioca — Kilo.....	\$700
Mel de abelha — Kilo.....	1\$000
Pelles de cabra — Kilo.....	6\$500
Piassava — Kilo.....	\$360

A carne fresca vendia em varias cidades do Rio Grande de \$800 a 1\$200 o kilo.

A Casa de Correção de Porto Alegre recebeu proposta para carne fresca a \$550 o kilo.

O Sr. Eleutherio Brum vendeu sua estancia situada em Dom Pedrito por 1.100.000\$000 ao Sr. Augusto Silveira, do mesmo municipio.

MANAOS. 30—11—921

Em 30 de Novembro vigoravam os seguintes preços, segundo a pauta publicada no "Diario Official" do Amazonas.

Gomma elastica fina — Kilo.....	2\$880
Gomma Sernamby — Kilo.....	1\$400
Gomma Caucho — Kilo.....	\$700
Balata em laminas — Kilo.....	7\$500
Manteiga de tartaruga — Kilo.....	2\$000
Castanha — Hectolitro.....	52\$500
Idem de Sapucaia — Hectolitro.....	70\$000
Cumarú — Kilo.....	\$700
Couros secos, vaccuns — Kilo.....	1\$000
Grude de peixe — Kilo.....	1\$000
Pirarucu — Kilo.....	\$500
Piassava em corda — Kilo.....	1\$400
Tucum em fio — Kilo.....	3\$000
Guaraná — Kilo.....	9\$000
Ipêca — Kilo.....	15\$000
Madeira em bruto — metro,3.....	5\$000

PORTO ALEGRE, 31—12—921

Feijão preto especial -- Sacco de 60 kilos.....	25\$000
Idem idepy velho — Sacco de 60 kilos.....	12\$000
Idem branco especial — Sacco de 60 kilos.....	14\$000
Idem amarello especial — Sacco de 60 kilos.....	25\$000
Idem mulatinho — Sacco de 60 kilos.....	16\$000
Farinha de mandioca especial, 1ª — 50 kilos.....	9\$200
Idem idem idem, 2ª — 50 kilos.....	8\$200
Banha — Kilo.....	1\$540
Batatas inglesas novas.....	6\$000
Alfafa prensada — Kilo.....	\$200
Milho amarello especial — 60 kilos.....	11\$500
Idem branco — 60 kilos.....	10\$000
Manteiga commum — Kilo.....	2\$000
Idem nota doce — Kilo.....	3\$000
Ovos — Duzia.....	1\$000
Aves.....	1\$700 a 2\$000
Lentilhas — 60 kilos.....	1\$800
Carne de porco — Kilo.....	1\$300
Cabello — Kilo.....	1\$800
Couro limpo — Kilo.....	2\$000
Couro refugo — Kilo.....	1\$400
Toucinho.....	1\$100
Queijo.....	10\$000
Queijo Serrano.....	18\$000
Cêra — Kilo.....	2\$400

Cangica especial — 60 kilos.....	21\$000
Centeio — 60 kilos.....	18\$000
Cevada — 60 kilos.....	8\$000
Trigo novo — 60 kilos.....	22\$000
Amendoim commum — 25 kilos.....	6\$300
Arroz em casca — 50 kilos.....	12\$000
Arroz preparado.....	26\$000 a 32\$000

As colheitas de trigo, dizia-se, muito adiantadas e abundantes, muito mais mesmo do que nos annos anteriores. Os poveiros ostentavam grandes cargas.

Em Livramento e Uruguayana os compradores de lâ vindos do Uruguay pagavam as lâs merinos a 41\$000 a arroba, as cruzas a 31\$000.

Em Uruguayana venderam-se varios reproductores por preços muito animadores. O Sr. F. Carvalho Junior vendeu Geroncins XXII, Hereford puro sangue, por 12:000\$, e Geroncins XXIV por 8:000\$. O mesmo criador vendeu ao Sr. Tito Pacheco, tropeiro de S. Paulo, 26 novilhas Hereford, puras por cruzas.

Em Uruguayana, o Sr. Alipio Delgado vendeu dous carneiros merinos por 2:800\$000.

A feira organizada pela Sociedade Agricola Pastoral de Uruguayana, que se realizou em seus galpões, esteve muito animada.

Os negocios de animaes puro sangue cada dia tomam maior importancia em toda a campanha rio-grandense.

Esta resenha refere-se ao mez de Dezembro de 1921.

Segundo o "Correio do Povo", de Porto Alegre, a firma Freitas Mercio & Irmãos vendeu uma partida de lâs de 10.000 kilos a 38\$000 a arroba.

Na feira de Sant'Anna do Livramento os frigorificos Armour compraram um lote de novilhas a 320\$000 e outro de vaccas a 260\$000.

MERCADO DE PORTO ALEGRE, A 30 DE NOVEMBRO DE 1921
Generos de consumo

Alfafa solta.....	\$200
Alfafa emprensada.....	\$260
Amendoim commum.....	7\$000
Amendoim paraguay.....	8\$000
Banha.....	1\$480
Batatas graudas novas.....	8\$000
Batatas graudas velhas.....	5\$000
Carne de porco.....	\$600
Cêra.....	2\$350
Cevada.....	8\$000
Centeio.....	24\$000
Favas.....	10\$000
Farinha especial.....	8\$500
Farinha de 2ª.....	7\$500
Farinha peneirada.....	7\$000
Farinha commum.....	6\$500
Feijão preto especial, a varejo, novo.....	30\$000
Feijão preto, velho.....	18\$000
Feijão de côr. graudo, novo.....	30\$000
Feijão de côr. miudo, novo.....	20\$000
Feijão branco, novo.....	18\$000
Lentilhas graudas, nova.....	22\$000
Lentilhas miudas, nova.....	18\$000
Milho amarello.....	10\$000
Milho branco.....	9\$000
Manteiga commum.....	2\$000
Ovos.....	8\$000
Trigo especial.....	23\$000

Gado abatido, para o consumo de Porto Alegre —
Durante o mez de Outubro findo foram abatidos no municipio, para exportação:

1.158 bevinos, no valor de 202:100\$000, 445 suínos, no de 28:630\$000, 203 ovinos, no de 4:465\$000.

Para o consumo do municipio:

500 bovinos, no valor de 99:884\$000, 449 suínos, no de 29:604\$607.

Em resumo: o valor da exportação: 235:195\$000; valor do gado abatido no municipio: 128:488\$000. Total: 364:683\$600.

O RIO GRANDE AGRICOLA E PASTORIL

Produção agricola e horticola — Na safra de 1920-1921 a produção agricola e horticola do Rio Grande do Sul foi a seguinte:

Productos	Produção em toneladas	Valor médio em contos
Milho	1.636.800	196.416
Hortalças	462.000	64.680
Herva-matte	180.000	54.000
Mandioca	195.000	39.000
Arroz	148.950	35.748
Trigo	128.100	32.025
Feijão	122.080	29.299
Alfafa	198.000	23.760
Vinho	56.000	19.600
Canna	36.000	18.000
Batata ingleza	112.710	15.779
Aboberas	80.000	12.000
Batata doce	240.000	9.600
Fumo	16.000	6.400
Cebola	30.000	4.800
Amendoim	30.000	3.600
Centeio	6.120	2.448
Fava	7.000	1.400
Cevada	7.500	1.350
Aveia	7.800	1.170
Alho	4.250	1.062
Lentilha	7.200	1.008
Alpiste	2.970	772
Ervilha	2.200	660
Tremoços	650	130
Somma	3.717.330	574.708
Fructas	400.000	100.000
Total	4.117.330	674.708

Quanto as safras, assim se dividem:

1919—1920	3.808.700	660.718
1918—1919	3.227.860	529.596
1917—1918	2.673.455	482.035
1916—1917	3.576.223	541.156
1915—1916	3.466.068	520.341

PECUARIA RIOGRANDENSE

Gado existente no Estado, em Dezembro de 1920, comparado com o do anno anterior:

Gado maior

Especie	Numero	Em 1919
		Valor em contos
Bovinos	8.929.500	924.260
Equinos	1.524.000	89.760
Muares	388.000	42.433
Somma	10.841.500	1.056.453

Especie	Numero	Em 1920
		Valor em contos
Bovinos	9.171.700	950.178
Equinos	1.548.800	91.295
Muares	394.400	43.298
Somma	11.114.900	1.084.671

Gado menor

Especie	Numero	Em 1919
		Valor em contos
Suinos	4.907.000	243.992
Ovinos	4.823.600	94.091
Caprinos	145.500	1.446
Somma	9.876.100	243.992

Especie	Numero	Em 1920
		Valor em contos
Suinos	5.757.100	179.114
Caprinos	153.100	1.516
Ovinos	5.059.700	97.663
Somma	10.969.900	278.294

Gado maior	22.084.800	1.362.965
Gado menor	20.717.600	1.300.445

Reunido o valor venal das terras e o valor médio do gado geral, temos os seguintes algarismos no ultimo decennio:

Annos	Valor em contos de réis	
	Pecuaria	Territorial
1911	399.641	612.196
1912	487.887	635.205
1913	565.163	975.239
1914	709.865	1.103.287
1915	763.800	1.086.423
1916	834.189	1.184.058
1917	1.151.229	1.209.264
1918	1.190.663	1.246.467
1919	1.300.445	1.281.454
1920	1.362.965	1.518.836

LUIZ SICA

AVENIDA RIO BRANCO, 117 - 2º andar - RIO DE JANEIRO

TELEPHONE: N. 6599

CAIXA POSTAL 2.035 — END. TELEGR.: "LUISICA" - Rio

Importação — Exportação — Consignação

Comprador e Exportador de PEDRAS PRECIOSAS E SEMI-PRECIOSAS, MINERAES, CAFE', ASSUCAR, CACAO, COUROS, E DE QUALQUER OUTRO PRODUCTO DO PAIZ

As semanas da Sociedade

DISCUSSÕES E DELIBERAÇÕES

SESSÃO DE DIRECTORIA EM 2 DE AGOSTO DE 1921

Presidencia do Sr. Lyra Castro.

O ZEBU' E A PESTE BOVINA — Abertos os trabalhos, o Sr. presidente transfere, por conveniencia, a ordem dos mesmos, pondo em discussão o parecer da Comissão incumbida de dizer sobre o gado zebu', accusado de ser o vehiculador da peste bovina no Brasil, e, neste caso, da possibilidade de sua importação, sem constituir ameaça aos rebanhos nacionaes.

A discussão teve inicio na sessão anterior, tendo sido adiada a votação por proposta do Sr. Osorio de Almeida.

Continuando, informa o Sr. presidente haver sobre a mesa duas cartas, uma do Sr. Augusto Ramos, outra do Coronel Carlos Lyra, sobre a momentosa questão. Na sua carta o Sr. Carlos Lyra pede escusas por não comparecer á sessão, e declara, a proposito do projecto Nabuco de Gouvêa (proibição de importação do gado zebu'), que "sendo mais ou menos conciliador o luminoso parecer do Dr. Lyra Castro, que, afinal, permite a entrada do gado indiano, o unico que pelas suas qualidades de robustez, immunitade aos insectos e parasitas, adaptação a todos os climas, tem concorrido positivamente para a prosperidade e pujança de algumas regiões do paiz, a industria pastoril não se desenvolverá sem o cruzamento do zebu' e, considerando que a minha proposta, apresentada na reunião de terça-feira, em desacôrdo com o parecer acima referido, vem retardando a solução do projecto, autorizo a sua retirada, podendo o assumpto ser resolvido na sessão de hoje."

(Quanto á carta do Sr. Augusto Ramos, já é ella do conhecimento dos leitores).

Lidos o parecer e as cartas em questão, o Sr. presidente abre a discussão da materia, sustentando o parecer da comissão de que fôra relator.

Falla, então, o Sr. Augusto Ramos, que justifica demoradamente os seus alvites, principalmente o relativo á fundação de um lazareto nas proximidades de Recife. Trava-se interessante discussão em que tomam parte os Srs. Lyra Castro, Augusto Ramos, Osorio de Almeida, Sylvio Penteado, Victor Leivas e Arruda Camara, sahindo vencedor o alvite da comissão referente á construção do lazareto no porto do Rio de Janeiro.

Terminada a discussão da materia, o Sr. presidente submete a votação o parecer, que é approvedo unanimemente.

Quanto ás suggestões do Sr. Augusto Ramos, fica resolvido que a comissão estude as de caracter permanente e sobre ellas se pronuncie, resolução que satisfaz ao Sr. Augusto Ramos.

Encerrada essa parte da ordem do dia, o Sr. presidente concede a palavra ao Sr. Sylvio Penteado, que se insere para tratar, perante a Sociedade dos meios de reacção contra a baixa cambial.

A BAIXA DO CAMBIO — Após interessantes considerações preliminares, diz o Sr. Sylvio Penteado o seguinte:

"Para melhor intelligencia da presente exposição, vou apresental-a sob tres topicos: 1º) o cambio e os bancos; 2º) insufficiencia do actual methodo de reacção contra a baixa cambial; 3º) reacção integral.

I — O cambio e os bancos — Eliminadas as possibilidades de avultados emprestimos externos e dado o diminuto vulto dos realizados; mui sabiamente afastado o inconcebivel alvite de se exportarem os fundos ouro garantidores do papel-moeda circulante — resta-nos tão somente o nosso

"ouro verde", como elemento de primeira grandeza, utilisavel na campanha de reacção contra a baixa cambial. Já hoje, aliás, ninguem, por pouco que possua vulgar intuição economica, põe isto em duvida. Mas, o que por minha parte ousou contestar, é que se tenha applicado o aureo producto que é o café, com toda a "efficiencia" de que é magistralmente susceptivel.

Examinemos succintamente a situação cambiar, e vejamos quaes os elementos que estão a retardar a franca reacção das taxas. Vejo dous principios: a enorme procura de cambias pelo commercio importador — e a não renuncia pelo Governo á politica emissionista.

Sem dados positivos, guiando-me pelo que se tem publicado, conjecturo que existem saques vendidos a serem pagos no exterior, por importancia superior a 30 milhões de dollars. Qual o effeito deste enorme desconto, desta divida vencida, a cargo de nosso commercio importador?

E' notorio o regimen de moratoria "officiosa", por assim dizer, em que temos vivido ha varios mezes. Ora, este regimen inevitavel não está isento dos mais graves inconvenientes de ordem financeira. Essa moratoria officiosa vem acarretando a immobilização de crescentes massas de numerario, como traduzem os formidaveis encaixes dos bancos — sabido, como é, que estes naturalmente exigem, como condção para o adiamento da cobrança dos saques, um "deposito em dinheiro", a cambio convencionalmente baixo, porém nunca inferior a 68000 o dollar.

Para dar uma idéa da crescente immobilização de numerario nas caixas bancarias, exhibo as estatisticas seguintes, dos Bancos da Capital Federal, nos quatro ultimos annos:

		Caixas em contos Indices do augmento	
Annos	Mezes		
1917	— Junho	110.359	100
1917	— Dezembro	134.225	121
1918	— Junho	170.999	135
1918	— Dezembro	160.140	145
1919	— Junho	208.779	182
1919	— Dezembro	233.357	211
1920	— Junho	268.490	243
1920	— Dezembro	375.946	340
1921	— Março	411.654	375

Tomei os mezes de Junho e Dezembro de cada anno, por serem os mais significativos para o caso — e o mez de Março deste anno, por ser o ultimo cujas estatisticas foram publicadas pela repartição competente. Sinto não poder argumentar com as estatisticas de Abril, Maio e Junho ultimos, porquanto tenho idéa de que estas registrarão ainda mais avultadas immobilizações de numerario nas caixas bancarias.

Não pôde deixar de impressionar mesmo os pouco familiarizados com o assumpto, o confronto dos algarismos deste quadro, confronto que se torna facil, graças á columna dos indices de augmento. Partindo de Junho de 1917, nota-se que em 3 annos e 9 mezes, o total dos encaixes quasi "quadruplicou!". Nos 9 mezes, entre Junho de 1920 e Março deste anno, observa-se um acrescimo de 143.164 contos! Ora, em qualquer dos periodos semestraes anteriores, os contrastes medeiem entre 30.000 e 40.000 contos. Muito instructiva tambem parece-me ser a seguinte statistica comparativa dos encaixes ban-

carios no primeiro trimestre do anno corrente e do passado:

	1920	1921	Diferença
Janeiro	242.060	389.916	147.856
Fevereiro	249.659	411.562	161.903
Março	260.756	411.645	150.889

Finalmente, constatamos que as taxas cambiais vigentes no primeiro trimestre de 1920, variaram entre 17 d. e 18 d., e que no corrente anno oscillaram entre 9—12 d. e 10 d. — para concluirmos que existem mais de 150.000 contos de numerario litteralmente estagnado nas caixas bancarias, sómente na Capital Federal! E para concluirmos tambem que tamanha immobilização de numerario só é imputavel á baixa cambial, isto é, á exigencia que vêm fazendo os bancos, de avultados “depósitos em dinheiro, como condição para o adiamento da cobrança de muitos milhões de dollars devidos no exterior pelo nosso commercio importador”.

Resta agora examinar se a fôrma mais racional de “mobilizar” estes formidaveis encaixes anormais, que tanto deprimem o cambio, consiste em a politica emisscionista, embora habilmente fantasiada em Carteira de Redescoto — ou se em outro methodo, rigorosamente financeiro.

II — Insufficiencia do actual methodo de reacção contra a baixa cambial.

Nosso clarividente Governo Federal mui avidamente iniciou essa magistral campanha de defesa economico-financeira da nação, adoptando o café como arma de combate. E' que nenhum outro producto nacional encerra os incomparaveis attributos economicos que fazem de nosso “ouro verde” um monopolio quasi completo do Brasil.

A campanha começou magnificamente. Embora originalmente especulativo, o methodo de defesa se vem methamorphoseando em systema positivo. Após o alteamento paulatino das cotações, se estabeleceram estas nas immediações dos dous “preços basicos”, de 12\$ ou 10 kilos para o typo Rio, e de 15\$ para os typos finos de Santos.

Deu-se, portanto, um facto imprevisito: a proporção que se foram elevando as cotações do café em nossos mercados, as taxas cambiais tomaram direcção opposta... Resultado: o preço do café “em ouro”, permanece na casa dos “6 cents.”, no qual se achava no começo de Março, em Nova York — muito embora tenha desde então ascendido de 8\$ para 12\$, quando expresso em nosso aviltado papel-moeda.

E' absolutamente certo que o actual methodo, defensivo da economia nacional e das finanças federaes, já produziu um resultado magnifico; tenho, porém, a mais nítida impressão de que já despendeu o melhor da propria efficiencia. Já agora se impõe outro methodo mais energico de reacção principalmente contra a baixa cambial.

Mas, como e por que perdeu o vigente methodo o melhor de sua efficiencia? E' natural que se pergunte, e é o que passo a responder.

Já se escreveu, e começa a dar na vista, que a Carteira de Redescoto parece ser de facto *pivot da valorização*. Nem é facil conceber-se outra interpretação dos factos. Avultados empréstimos, externos ou internos, não se effectuaram; warrantagem de café no estrangeiro — tão pouco. E o Governo não cessa de comprar, nem de receber e armazenar café... já possuindo para mais de tres milhões de saccas.

Outrosim, é notorio que as vendas destes cafés no estrangeiro não começaram, *nem podem* racionalmente começar neste momento, em plena entrada de safra. Finalmente, a Carteira de Redescoto acaba de ser habilitada com o decreto para emissão de mais 100.000 contos de papel-moeda.

Pelas estatisticas acima exhibidas, constatamos a crescente immobilização de numerario nas caixas bancarias — o congestionamento, portanto, da circulação monetaria. Disto resulta que apesar de enormemente accrescido nosso meio circulante, não ha dinheiro que chegue para a defesa do café, que assim tem que recorrer a novas emissões através da Carteira de Redescoto.

Aos commerciantes estrangeiros, principalmente aos banqueiros que financiam a importação do café nos Estados Unidos, não podem escapar indefinidamente taes factos, que começam a surgir á tona. A persuasão dessa excellente gente é que a “holha ha de arrebentar”, como observa um articulista do conceituado semanario “The Tea and Coffee Trad Journal”, de Nova York. (Numero de Junho, pag. 735). Esse mesmo conceito nos é communicado pelo nosso distincto Addido Commercial Dr. Sebastião Sampaio, que de Washington escreve para o *Jornal do Commercio*, numero de 12 de Julho:

“Encontrei o mercado de Nova York com a anomalia, em parte explicavel, de vendas a preços inferiores aos de Santos. Este facto era até certo ponto natural, porque a repercussão das cotações de Santos e Rio nos mercados consumidores se tem verificado muitas vezes com alguma lentidão. Mas o que não era natural, o facto grave que encontrei, foi uma falta absoluta do conhecimento da extensão real da presente valorização. Essa falta chegava a determinar nos mais competentes homens de negocios a convicção de que a alta de Santos e do Rio não se manteria, nem os mercados consumidores responderiam á ascensão dos preços, que assim seriam obrigados a descer de novo no Brasil.”

Não nos illudamos, pois. A persuasão dos commerciantes e banqueiros estrangeiros, interessados na importação do nosso café, é de que não possuímos dinheiro — do “bom dinheiro”, se entende — em quantidade sufficiente para a operação financeira de enorme envergadura que consiste em defender um “stock” de tres milhões de saccas de café, e ainda a safra presente. Commerciantes e banqueiros estrangeiros provavelmente vão até ao ponto de admitir que consigamos estabilizar os actuaes preços quando exprossos em desvalorizado papel-moeda — mas, evidentemente não admitem a “alta sensível” do cambio por muito tempo ainda, e assim contam locupletar-se com o melhor de nosso “stock” e de nossa safra presente, antes que nossa moeda se valorize.

Eis porque dizia que o actual methodo defensivo do café, comquanto já tenha produzido magnifico resultado, vê declinar sua efficiencia; eis porque reputo imprescindivel reforçar a campanha com outro methodo mais energico de reacção, que vise especialmente accelerar a alta cambial. Manter os actuaes bons preços internos do café é por certo grande cousa para o productor; consequil-o, porém, a custa da diluição continua e da inflação do meio circulante, ousa afirmar seja processo anti-cientifico e insufficiente para attender ás exigencias das finanças federaes.

III — *Reacção integral* — Das considerações que precedem, resta-nos concluir que a condição essencial para o successo definitivo da politica defensiva do café, consiste em a renuncia a politica emisscionista, inclusive, sob a capa da Carteira de Redescoto. Para isto, necessario será utilizar, “modificar” o numerario estagnado nas caixas bancarias! Como mobilizar o meio circulante existente, como applical-o com o maximo de efficiencia, não são cousas facéis de imaginar, mas são perfeitamente concebíveis e realizaveis — eis a conclusão de minhas locubrações sobre o caso.

Verificamos que nas caixas dos bancos, sómente da Capital Federal, existem mais de “150.000

contos", do excesso de numerario immobilizado; verificamos tambem que tão anormaes encaixes só se explicam pela existencia de cerca de 30 milhões de dollars de saques vencidos, e devidos pelo nosso commercio importador, que se vê exigir pelos bancos avultados depositos em dinheiro, como condição para o adiamento das cobranças.

Nestes termos, consistiria a arte financeira governamental em ir adquirindo mensalmente algumas dezenas de milhares de contos destes depositos paralyzados, applicando-os á defeza do café — como sendo este o meio racional de "systematizar" tal defeza, tornando-a independente de novas emissões de papel-moeda. "Adquirir" taes depositos paralyzados, só se concebe por meio de uma "substituição", e por titulos de tal natureza, que tanto os depositantes como os bancos, se satisfaçam com a dita substituição.

Vou apresentar meu promettido novo methodo de applicação dos "bonus" da defeza do café.

Segundo os tenho definido, constituem uma synthese feliz do producto, da moeda e da cambial — sendo que da cambial possuem a fórma "embryonaria". E vai ver-se quão fiel é esta caracterização.

Consoante o "Systema de defeza permanente do café" submettido á consideração da Associação Commercial do Rio de Janeiro, e mais recentemente, á Sociedade Nacional de Agricultura — a emissão dos "bonus" só teria logar simultaneamente com os supprimentos de café aos dous grandes entrepostos de exportação do Rio e Santos. Porquanto, seriam os "bonus" essencialmente destinados á retirada das offertas, nestes mercados, daquella parte dos cafés suppridos em excesso — desses que qualifiquei de "excessos nocivos", porque não absorviveis pelos exportadores para embarque immediato. Agora, porém, "o caso é outro", dado o facto de ter o Governo Federal iniciado a defeza do café e de ter já constituido um enorme "stock", por outros meios.

Ocorre-me que na situação presente, poderia o governo lançar uma série de emissões mensaes de "bonus" da defeza do café, dando como garantia parte dos "cafés finos" já comprados e em "stock".

Estas emissões mensaes seriam rigorosamente proporcionaes ás necessidades de numerario para pagamento "principalmente" dos cafés já comprados a termo, e que vêm sendo entregues ao Governo. Digo "principalmente", pelo motivo adeante exposto, de se tornarem de agora em diante diminutas as novas compras de cafés da safra presente.

Sobre a qualidade dos cafés que serviriam de garantia ou lastro aos "bonus", cumpre observar que, como questão de prudencia e de segurança, deveria o Governo cingir-se aos "cafés finos" já adquiridos — porquanto, como passo a demonstrar, o risco eventual de uma operação defensiva do café é proporcional a quantidade deste, isto é, o risco; quanto peor, maior é o risco.

Vejamos porque. Qualquer operação defensiva dos cafés brasileiros tem que naturalmente fundar-se nos principios do monopolio — ou, por outros termos, tem que collimar a maxima *restrição possível da concorrência* entre os produtores nacionaes, ao supprir os mercados de exportação. Ora, sendo tal concorrência tanto mais intensa quanto maiores as massas de cafés exportavel, e constituindo a produção de *cafés finos*, pouco mais de um terço das safras brasileiras, segue-se que a defeza das qualidades finas é muito mais segura e efficaz, que a das inferiores.

Concretizemos estas idéas com alguns Algarismos. A safra presente para todo o Brasil está computada em 10.500.000 saccas, o que perfaz

13.500.000 com o "stock" do Governo. A proporção de *cafés finos* (tipos 5, 4 e 3 em proporções eguaes para a formação do lote) que se poderá extrahir desta massa total, será de 5.000.000 de saças, quando muito. Ora, sendo estes cafés precisamente os mais disputados pelos exportadores em geral, e muito principalmente para o consumo de nossos abastados clientes dos Estados Unidos — é intuitivo que o contrôlê das cotações dos *cafés finos*, bem como os riscos eventuaes da operação, serão consideravelmente mais reduzidos, do que no caso dos restantes 8.500.000 saccas de cafés inferiores, cuja venda é quasi totalmente feita para a Europa empobrecida.

Com base nestas reflexões, incidentemente direi que o destaque actual entre os preços basicos de 12\$000 e 15\$000, adoptados pelo Governo, não me parece o mais prudente. Com o infimo cambio de 7 d. a 8 d., isto pouco importa; porém, logo que suba a 10 d., os typos mais baixos de café que a empobrecida Europa absorve, ficarão relativamente caros demais.

Voltemos ao assumpto do "quantum" das emissões de "bonus" da defeza do café, com garantia dos *cafés finos* do "stock" do Governo. Primeiramente, porém, exhibirei mais uma vez o modelo do "bonus", com valor expresso em dollars — como imprescindivel ao plano de energia reaccção contra a extrema baixa cambial. Eil-o:

Thesouro Nacional — Bonus da Defeza do Café — A portador a seis mezes 12 dollars. — Rembolsavel a \$12,30, no vencimento, juros comprehendidos.

Este "bonus" é especialmente garantido pelo deposito de uma sacca, contendo 60 kilos de café, typo 4 ou superior, effectuado por conta do Governo Federal.

Série..... Emissão de Julho de 1921 N.....

Decreto.... Art.... "O Thesouro se reserva a faculdade de resgatar este "bonus" antes do vencimento e logo que seja vendido o penhor correspondente, pagando de juros por 5 cents., mez vencido ou fracção, não contado o mez da emissão".

Art.... "O vencimento do prazo de seis mezes deste "bonus" se entende em 31 de Janeiro de 1922.

(Carimbo e assignatura).

Dizia acima: as emissões mensaes dos "bonus" seriam rigorosamente proporcionaes ás necessidades de numerarios para pagamento *principalmente* dos cafés já comprados a termo, e que vêm sendo entregues ao Governo.

Com effeito, não vejo probabilidades de se tornarem necessarias novas compras de cafés da safra presente, a não ser em proporções diminutas e esporadicamente. Dada a sabia providencia de se limitarem ao total de 40.000 saccas diarias os supprimentos aos dous entrepostos de Santos e Rio, e sendo o *consumo effectivo* de nossos cafés no mundo superior a 40.000 saccas diarias, segue-se que a totalidade das entradas de café nos ditos mercados de exportação se equilibrará com os embarques para o estrangeiro.

O problema, portanto, em ultima analyse se resume nisto: em pagar o Governo as centenas de mil saccas que, por conta dos 3.000.000 de saccas compradas, lhe são entregues diariamente — sem recorrer a novas emissões desse papel moeda que se gera na Carteira de Redesconto. Pois bem — o que eu proporia como sendo politica aparentemente mais audaciosa, mas infinitamente *mais efficiente*, seria que o Governo emittisse "bonus em dollars", á medida de suas necessidades, e os vendesse, por intermedio dos Bancos, ao commercio importador necessitado de cambiaes, a cambio convencionalmente mais favoravel que o vigente.

Penso não deveria ser objecto de hesitações a

altíssima conveniência de se alliviar promptamente esta terrível atmosphera que pesa sobre o mercado cambiarío, pelo facto de existir a formidável procura de 30 milhões de dollars para pagamento de saques vencidos e não pagos aos credores estrangeiros. Parece-me perfeitamente intuitivo que no momento em que esta intensa procura de cambiaes se reduziisse a metade, a 15 milhões de dollars, digamos -- o mercado cambiarío sentiria immenso desafogo. Ora, creio que o Governo tem em suas mãos o meio infallível de provocar esse immediato desafogo, a saber: emitindo "bonus" da defeza do café, pelo valor de 15 milhões de dollars, por séries mensaes e segundo suas necessidades de numerario, como ficou explicado.

Seriam estes "bonus-dollars" do typo acima figurado, mas naturalmente por valores mais elevados, para commodidade das emissões. Poderia o menor "bonus" ter o valor de 300 dollars, o que corresponderia ao deposito de 25 saccas de "café finos". A escala dos valores ascenderia, por exemplo, assim: para 100 saccas = \$1.200; para 250 saccas = \$3.000; para 500 saccas = \$6.000; para 1.000 saccas = \$12.000.

Vejamos agora qual seria o criterio para a collocação, para a venda destes "bonus-dollars", ao commercio importador, tão necessitado de cambiaes. Por intermedio dos Bancos, penso fosse o unico meio racional, já que em poder destes se acham os saques devidos pelo nosso commercio importador. Como medida de equidade, a collocação ou venda dos "bonus-dollars" seria distribuída por quotas partes aos Bancos, proporcionalmente á importancia dos saques em suas respectivas carteiras. Sabe-se que criterio analogo tem ultimamente presidido á venda de cambio pelo Banco do Brasil, ás taxas especiaes por este facultadas.

Penso que já devem existir fieis estatisticas das necessidades cambiaes dos Bancos da Capital Federal e de S. Paulo, pelo menos. Feito o rateio proporcional de cada emissão de "bonus-dollars" pelos Bancos das duas Capitales, estes por sua vez se comprometteriam a vendel-os aos seus clientes devedores, por ordem de antiguidade dos saques. Como semelhante ordem chronologica das vendas naturalmente coincidiria com o interesse dos proprios Bancos, não seriam de prever irregularidades nesse sentido.

Qual o cambio convencionalmente favoravel, para a collocação dos "bonus-dollars" pelo Governo -- eis a questão algo delicada. Eu suggeria a seguinte formula: o Governo collocaria semanalmente quantidade que lhe conviesse de "bonus-dollars", a cambio sempre "melhor de 18000" que o preço médio do dollar na semana anterior. Exemplo: quando o preço médio do dollar na semana anterior se cifrasse por 98000, o Governo venderia os "bonus-dollars" á razão de 88000 o dollar.

Para commodidade do calculo, seriam desprezadas as fracções de 100 réis nas equivalencias do dollar. Outrossim, a formula enuncida teria sua applicação limitada, até o dia em que o cambio do dollar attingisse 78000, digamos -- dia em que o "bonus-dollar" passaria a ser vendido a razão uniforme de 78000. Consoante este criterio, cessaria o interesse da emissão dos "bonus" expressos em dollars, á proporção que o valor normal do dollar se approximasse de 78000."

O Sr. Sylvio Penteado durante a leitura do seu brilhante trabalho, é por vezes, interrompido pelo Sr. Augusto Ramos, com quem, depois de terminada a mesma, sustenta viva polemica, sobre questões de economia politica.

Terminada esta, o Sr. Presidente resolve que o estudo do Sr. Sylvio Penteado seja submettido a mesma commissão que já estudara um outro de sua autoria sobre assumpto correlato e da

qual fôra relator o Sr. Augusto C. da Silva Telles, determinando, ainda, a pedido do autor, sejam remettidos ao Sr. Ministro da Fazenda, por copia, este trabalho e o anterior, para que S. Ex. tenha conhecimento dos mesmos.

Exgotada a materia da ordem do dia e despachado o expediente, é encerrada a sessão.

SESSÃO DE DIRECTORIA, EM 16 DE AGOSTO DE 1921

RECEPÇÃO E CONFERENCIA DO SR. ARNO PEARSE

Reveste-se de excepcional brilhantismo a sessão

de hoje. Sentam-se á mesa os Srs. Ildefonso Simões Lopes, ministro da Agricultura, Pandiá Calogeras, ministro da Guerra, Lyra Castro, vicepresidente da Sociedade Nacional de Agricultura, e os directores Eloy de Souza, Bento Miranda, Hannibal Porto, Augusto Ramos e Victor Leivas.

Comparecem ainda á reunião, além de outros, os Srs. Parreiras Horta, Julio Cesar Lutterbach, Germano Courrege, J. A. da Costa Pinto, coronel Francisco Schmidt, Caldwell Queen, Octavio Carneiro, William W. Coelho de Souza, Alcides Franco, Eugenio Rangel, Gomes Carmo, A. Silva Couto, Nabuco de Gouvêa, J. Catramby, J. Baptista de Castro, J. Araujo Ferraz, Aristides Caire, Emilio Schenk, Sampaio Ferraz, Fidelis Reis, consules Oscar Correia e Amyntas de Lima, Arnaldo Murnelly, Alfredo de Andrade, Alberto Jacobina e Carlos Raulino.

O Sr. ministro Simões Lopes assume a presidencia e, iniciando os trabalhos, diz que a convocação fora feita para a recepção da Missão Internacional Algodoeira, cujo chefe, o Sr. Arno Pearse, ia dizer á Sociedade as suas impressões colhidas "de visu" nas zonas algodoeiras do Brasil. Allude, então, S. Ex. á presença, entre nós, da Missão Pearse.

Em 1919 -- prosegue -- quando se achava na Inglaterra a Missão Commercial Brasileira, tendo recebido o convite da Federação Internacional de Fiadores e Tecelões de Manchester, para se representar na conferencia a realisar-se em Paris, aquiescera ao mesmo, enviando á grande reunião o Sr. Roberto Simonsen. Este, como conclusão á sua interessante memoria, propuzera que a Federação nos enviasse uma delegação que viesse estudar as possibilidades que o nosso paiz offerce para incremento da cultura do algodão; e a proposta foi aceita. No Congresso reunido em Zurich, no anno seguinte, foi lembrado o compromisso assumido e renovada a decisão da vinda da Missão em abril deste anno. E assim foi escolhida a Missão que hoje hospedamos, composta dos Srs. Arno Pearse, secretario daquella Federação, Max Svz e Fritz Jenny, delegados suissos, representantes de grandes industriaes desse paiz.

Da importancia desta visita, -- continua S. Ex. -- poder-se-á ter uma rapida ideia considerando que os grandes centros manufactureiros da Velha Europa experimentam consideravel falta de materia prima para as suas industriaes.

Aqui chegada a Missão, o Ministerio da Agricultura apparelhcou-a de todos os recursos e facilidades para que a sua excursão ás zonas algodoeiras tivesse o melhor resultado.

Allude ainda S. Ex. ao que pode ver a Missão Pearse na demorada visita que nos fez, entrando então a fazer considerações sobre as nossas condições, ainda defficientes, por falta, sobretudo, de um conveniente apparelhamento economico.

Feita a apresentação e exposta a razão de ser da reunião, o Sr. ministro concede a palavra ao Sr. Pearse, que pronuncia notavel conferencia sobre a cultura algodoeira no Brasil e suas portentosas possibilidades de futuro.

(Esta conferencia foi já por nós publicada em o numero de agosto-setembro).

Terminada a conferencia, usa da palavra o Sr.

Lyra Castro, para justificar a ausencia do presidente da Sociedade, o Sr. Miguel Calmon, agradecendo em seguida ao Sr. Pearse a magnifica contribuição que trouxe á casa, dizendo das suas impressões sobre o estado actual e as possibilidades da cultura algodoeira no nosso paiz.

Alludindo á conferencia, o Sr. Lyra Castro declarou que a Sociedade que, de longa data vem tratando, com especial interesse, do aperfeiçoamento e desenvolvimento das nossas lavours de algodão, tendo ainda em 1916 promovido e levado a effeito a memoravel Conferencia Algodoeira, tivera ensejo de apresentar ao governo uma serie de conclusões que enfeixavam muitas das medidas ainda agora preconizadas pelo Sr. Arno Pearse. Pois bem, — prosegue — é com grande prazer que ouve de tão autorisado especialista esses conselhos, que tão de perto se combinam com as alludidas conclusões, muitas das quaes têm sido postas em pratica pelos poderes publicos, insistindo ainda a Sociedade pela execução das que não puderam ser executadas.

A proposito, o Sr. Lyra Castro refere-se ao que tem feito o actual governo por intermedio do Ministerio da Agricultura, que está nas mãos de um agricultor devotado e experimentado, em prol do nosso algodão; e depois de alludir ao Serviço do Algodão, recentemente creado, e que encerra um plano de organização muito complexa, diz que não nos será possível, sem que decorra algum tempo, colher os frutos desse importante órgão da administração publica.

Confia S. Ex. em que esse dia está proximo, tanto mais que as palavras e conselhos do nosso illustre hospede Mr. Pearse hão de servir de estímulo ás iniciativas brasileiras, provocando a nossa actividade e o nosso esforço em prol da futura cultura, que tanta importancia tem para a economia nacional.

Interpretando o sentimento da Sociedade, o Sr. Lyra Castro agradece mais uma vez ao Sr. Pearse o acolhimento que deu ao seu appello, e bem assim aos Srs. ministros da Agricultura e da Guerra, como ainda aos demais consocios, o brilho que emprestaram áquella solemnidade com a sua honrosa comparencia.

Voltou a falar o Sr. ministro Simões Lopes, que disse restar-lhe ainda fazer voltar as vistas do auditorio para a prelecção simples, intuitiva, natural e insinuante, que acabava de fazer o representante da Conferencia Internacional Algodoeira.

Quem conhece, — prosegue S. Ex. — as conclusões da Conferencia Algodoeira e os actos do governo depois de organizado o Serviço do Algodão, verá, sem duvida, que o governo está realisando as sabias idéas emanadas daquelle importante comicio.

Paiz muito vasto, Sr. Arno Pearse só tivera ensejo de visitar um millhar de plantações, quando as temos em centenas de milhares, o que mostra que a melhoria da nossa situação depende tambem de elementos varios, fora da acção do seu ministerio e mesmo até da propria administração publica. Refere-se depois ás providencias de ordem geral de que carecemos para attingir á situação de prosperidade que tanto almejamos, o que não será possível sem uma legislação especial, sem transformar o regimen de trabalho, sem substituímos pelos processos modernos e productivos, os empiricos e rotineiros.

E' como se vê, — diz ainda o Sr. ministro — uma serie de difficuldades a vencer, e só as venceremos si contarmos, alem da acção official, com o concurso efficiente da iniciativa privada, não prescindindo, outrossim, da collaboração valiosissima de pessoas como o illustre industrial que nos visita, e que no sitio das nossas lavours formulou aos agricultores retrogrados os mais sabios ensinamentos ditados pela sua competencia no assumpto. Preconisa, então, os resultados que advirão da visita da Missão Pearse ao nosso paiz, pois acredita que

as palavras e suggestões do seu chefe terão merecido e fecundo eco em nossos sertões.

Em nome, pois, do governo, agradece ao Sr. Pearse e aos seus collegas de Missão a honrosa visita e as palavras benevolas que lançara da tribuna da Sociedade, de onde, pela divulgação que esta lhe dará, publicando a sua conferencia em folhetos, se irradiarão por todo o paiz, como ensinamento utilissimo que nos ha de conduzir a novos methodos de trabalho.

Fala depois S. Ex. da autoridade que a Inglaterra — de onde veio Mr. Pearse — tem nesses assumpto — ella, que é mestra nas questões industriais e que tão gentilmente acquiesceu em vir colaborar connosco na solução de um problema relevante para a economia brasileira.

Terminando, S. Ex. renova os seus agradecimentos, á Missão ali presente e ás demais pessoas que acolheram o convite da Sociedade, especializando tal agradecimento á pessoa do Sr. ministro da Guerra, a cuja acção, como presidente, que foi, da Missão Commercial Brasileira que esteve na Inglaterra, se deve a vinda da Missão Pearse ao Brasil.

De facto, foi por occasião do banquete offerecido a S. Ex. em Manchester, que surgiu essa idéa depois do memoravel discurso pronunciado ali pelo "leader" da industria de Tecelagem de Lancashire, Sir Herbert Dixon, e a que respondeu, com grande brilho, o illustre Dr. Calogeras.

E' então encerrada a sessão.

SESSÃO DE DIRECTORIA. EM 23 DE AGOSTO DE 1921

Com uma concorrência extraordinaria, realisa-se nesta sessão a brilhante conferencia do Sr. Octavio Carneiro, industrial e agricultor muito conhecido no nosso meio, que por longo tempo communica ao escolhido auditorio suas impressões de viagem na excursão que ha pouco emprendera, de Pirapóra a Joazeiro, pelo magestoso S. Francisco.

O acto é presidido pelo Sr. Simões Lopes, ministro da Agricultura, que, abrindo a sessão, apresenta o conferencista, alludindo em breves palavras, á importancia do assumpto a tratar.

Sóbe á tribuna e diz que alli estava em acquiescencia.

Sóbe, então, á tribuna, o Sr. Octavio Carneiro e diz que alli estava em acquiescencia ao honroso convite que lhe dirigira o presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, quando ao cabo de sua viagem pelo grande S. Francisco, durante a qual pudera estudar melhor aquella portentosa região, registrar informações, observar costumes, relacionar-se com a população ribeirinha. Iria, pois, contar quanto vira e ouvira alli, no que pudesse, de alguma sorte interessar á Sociedade.

Feito o exordio, o orador rememora uma exposição identica que houvera tido oportunidade de apresentar, a pedido, ao Sr. Leopoldo de Bulhões, então commissario da Alimentação Publica, em relação á navegação daquelle importante rio, bem assim sobre as condições de commercio e da agricultura na região por elle banhada. Informa o orador que sua exposição fora muito bem recebida, mas que, contudo, como resultado, só sabio da organização do serviço de navegação.

Esclarece que sobre o S. Francisco S. S. tivera ensejo de falar outras vezes; uma, pela imprensa, outra, em memorial dirigido ao presidente do Estado de Minas, a quem expuzera, com muito agrado, a situação da região mineira banhada pelo S. Francisco. Mas nem só elle, orador, cuidara da materia; outros o haviam precedido e, por isso, tratando da bibliographia daquelle fertilissimo vale, cita Henrique Halfed, Milnor Roberts, Orville Derby, Theodoro Sampaio, Liaís, Placido Amarante, Branner, Eduardo de Moraes, Carlos Krause, Saint Hilaire, Martius, Richard Burton, James Well, etc.

Entretanto, a bibliographia moderna, embora mais leve e apressada, tem, mais do que outra, tornado

a região mais popular. Refere-se, então, aos trabalhos de Elpidio de Mesquita, de Alfredo dos Anjos, da Comissão do Serviço Geológico do Ministério da Agricultura e outros que têm effectuado interessantes estudos e excursões de real importância.

Deve ainda referir-se, como elemento indirecto de divulgação da região pelo São Francisco, ao vapor "Wenceslau Braz", que começou ainda não ha muito a sua navegação regular por aquelle rio, offerecendo aos passageiros o conforto que até então não encontravam, o que tem levado ao grande S. Francisco numerosos excursionistas, que ficam sempre empolgados pelo panorama magestoso, ao mesmo tempo que constatarem ali a existencia de uma população sertaneja intelligente, sadia, robusta, trabalhando, sem esmorecimento, de sol a sol, ao longo de todo o rio; não deparando nem com o "Jéca Tatú" dos pseudos-psychologos, nem com o "vasto hospital", seu irmão gêmeo, e também com elle em voga litteraria.

Não nega, porém, o orador, que ali haja doentes e ausencia de medicos, e, por isso mesmo, merece-lhe louvores o programma de uma assistencia sanitaria sem compressão e sem exploração mercantil. Nessa altura, o orador faz observações acerca da campanha de saneamento do sertão, dizendo que, para realisá-lo, é preciso ter devotamento de apostolo, pois não será com discussões, nem com artigos retumbantes, que se dará solução ao problema.

Passa depois a tratar da excursão que pelo São Francisco, pouco ha,prehendêra a Missão Algodoeira de Manchester, chefiada pelo Sr. Arno Pearse, á qual S. S. acompanhou, com a intenção de aprender o maximo possivel em relação ao algodão. O orador, antes de descrever suas impressões acerca longa e proveitosa viagem, faz considerações acerca do trabalho dessa Missão, tecendo louvores ao Sr. Arno Pearse.

A proposito do inquerito que S. S. levára a effecto entre nós, diz o orador que possivelmente elle servirá também aos industriaes inglezes na conveniência de empregarem, ou não, fortes capitães nas colonias africanas, para intensificar e melhorar a cultura do algodão, pois o orador não crê que o objectivo da viagem tenha sido preocupação de de artigos com ella cotações da materia prima e que fizesse parte do programma da missão qualquer projecto de emprego de capitães em nossa lavoura de algodão. Póde ser, contudo, que do resultado de tal inquerito surjam outras preocupações.

Continuando, o orador allude aos conselhos que Mr. Pearse dictou pela sua experiencia e suas observações, para melhorarmos e valorizarmos a cultura algodoeira do paiz. Pois bem. Póde affirmar que taes conselhos, se forem attendidos, irão ao encontro das justas aspirações da população sertaneja e concorrerão para encaminhar a solução de outros problemas dependentes da intervenção ou bafejo dos poderes publicos.

Refere-se também S. S. aos estudos realisados na mesma occasião pelo Dr. Freitas Machado e, em seguida, affirma que, pela primeira vez, se realceará entre nós um estudo da cultura dessa malvaceae, começando por S. Paulo, onde é mais recente, mas importantissima, passando aos Estados de Minas e Bahia, e aos do Nordeste Brasileiro, onde as fibras são longas, sedosas e resistentes, cultivadas embora pelos processos rotineiros, e que, rivalizando com as melhores do mundo, nos darão, no futuro, a hegemonia do mercado de algodão se não se repetir o erro de querer substituí-las por typos inferiores importados do estrangeiro, como já se fez.

Passa depois a minudenciar e excursão em todas as suas phases, desde o seu encontro, em Pirapora, com a Missão Pearse e sua comitiva.

Finda a brilhante conferencia, illustrada por um sem numero de interessantes photographias, e na qual foram exhibidas variadissimas amostras de

productos obtidos na região percorrida pelo conferencista, o Sr. ministro Simões Lopes, que preside aos trabalhos agradecendo ao Sr. Octavio Carneiro, applaudiu effusivamente os conceitos que S. S. expendera acerca da portentosa região visitada, pondo em destaque as preciosas qualidades do nosso sertanejo, que é tão bom como o homem de qualquer parte do mundo; e, proseguindo, enumerou rapidamente os projectos e planos do governo para facilitar o surto de progresso daquella região, alludindo, nessa altura, aos estudos que se veem emprehendendo no sentido de desviar e aproveitar uma parte das aguas do S. Francisco para enriquecer e fertilisar as regiões pobres do Nordeste.

Em seguida, e por ultimo, o Sr. Augusto Ramos diz haver o conferencista alludido, no transcorrer da palestra, a um Ramos. Esse Ramos, declara, S. S., era elle, que não esperava ver ali descripta, com tanta fidelidade, a região em que trabalhára havia 39 annos.

E corroborando as observações do conferencista, o Sr. Augusto Ramos louva os brasileiros das margens do S. Francisco, de quem fala com saudade, terminando por felicitar o Sr. Octavio Carneiro, que recebe, então, os cumprimentos pessoas do grande auditorio, em que se encontram senadores, deputados, funcionarios do Ministerio da Agricultura, lavradores e numerosos membros da Sociedade.

Acha-se também presente o Dr. Henrique Etcheverry, director do Instituto Agronomico de Montevideo.

E, então, levantada a sessão.

SESSÃO DE DIRECTORIA. — 30 DE AGOSTO DE 1921

Muito animados os trabalhos desta reunião, convocada para a discussão de varios assumptos.

O Sr. Hannibal Porto, que, pouco ha, representou o Brasil na Exposição de Londres, inscrevera-se para falar sobre as possibilidades economicas do paiz, apontando as medidas que se impõem para a intensificação do intercambio commercial com a Inglaterra. O Sr. ministro da Agricultura, que já presidira as duas ultimas reuniões da Sociedade, acha-se presente, occupando a cadeira de honra na mesa.

O CAFE' Abertos os trabalhos pelo presidente, Sr. Miguel Calmon, é lida e approvada a

acta da sessão anterior, depois do que o Sr. presidente concede a palavra ao Sr. Augusto Ramos, que a solicitar, afim de chamar a attenção da Sociedade para a entrevista que o Sr. Sampaio Vidal concedera ao "O Estado de São Paulo" e que encerra um plano de defesa permanente do café. O assumpto é dos mais importantes e a Sociedade Nacional de Agricultura o tem examinado com o maior carinho. Nessas condições, o orador propõe que ella telegraphique áquelle deputado, assegurando-lhe a sua sympathia pelas idéas contidas na alludida entrevista. Justificando a sua proposição, o Sr. Augusto Ramos allude á relevancia do problema, avançando conceitos e idéas muito judiciosos a respeito.

O Sr. presidente retira então, do expediente um officio da Sociedade Paulista de Agricultura em que submete á apreciação da Sociedade e a entrevista a que se refere o Sr. Augusto Ramos. Diz S. Ex., por sua vez, o que pensa a proposito desse problema, declarando que a Sociedade deveria dar o seu apoio decidido á sua co-irmã paulista, a ella telegraphando nesse sentido.

O CACAU Continuando, o Sr. presidente declara ter ainda sobre a mesa, e no mesmo sentido, uma longa representação do Syndicato dos Agricultores de Cacao na Bahia.

Examinando esse documento, diz S. Ex. que elle exige, pela relevancia da materia que encerra, um estudo demorado da Sociedade, embora, de ante-

não e em principio, o Sr. presidente possa assegurar o seu apoio ao que propõe aquelle Syndicato.

Eis porque vae nomear uma commissão especial para o exame detido da representação em questão, a qual fica constituída por elle proprio e pelos Srs. Bento Miranda e Augusto Ramos.

Nomeada a commissão, faz ainda algumas considerações sobre o assumpto, para mostrar que elle deve interessar não somente á Bahia mas ao Amazonas e ao Pará, que são tambem productores de cacao.

DIVERSOS ASSUMPTOS São lidos, então, alguns papeis constantes do volumoso expediente, dentre os quaes se destaca um officio do Ministerio das Relações Exteriores, informando que, tomando em consideração o protesto da Sociedade em virtude de publicações inverdicas contidas no Boletim do Instituto Internacional de Roma, e altamente prejudiciaes aos interesses brasileiros, déra, sem demora, as necessarias providencias no sentido de ser obtida a mais completa satisfação ao nosso paiz.

São ainda presentes um officio do Sr. Sebastião Sampaio, addido commercial do Brasil em Washington, remettendo á Sociedade copias de suas conferencias e discursos pronunciados no desempenho da recente missão commercial de que fôra incumbido pelo governo.

Pelo Sr. Nicoláo Debhané é tambem apresentado um interessante estudo sobre o consumo dos productos da agricultura brasileira na Noruega e nos paizes scandinavos.

Antes de terminar o expediente, o Sr. presidente informa que a commissão promotora da Exposição do Centenario solicitará ha pouco informações sobre a existencia de "films" cinematographicos que poderiam ser aproveitados para exhibições naquelle certamen.

A Sociedade acaba de receber do Sr. Benjamin Hunicutt informações sobre o valioso "film" relativo aos trabalhos agricolas do Brasil, e organizado por ella, por occasião da ultima Exposição de Milho, levada a effeito nesta Capital. Esse "film", o Sr. Presidente declara deixá-lo á disposição da referida commissão, caso convenha á mesma, como é de erer.

Ainda no expediente, o Sr. Alberto Jacobina encaminha á mesa uma indicação referente á colaboração da Sociedade nos festejos do Centenario, e que encerra as seguintes proposições: elaboração de uma memoria historica sobre o desenvolvimento da agricultura do Brasil, desde a formação da nossa nacionalidade; organização de uma exposição agropecuaria; e installação definitiva de um museu agricola.

Sobre o assumpto, o Sr. Presidente diz que a Sociedade já resolvera elaborar a memoria historica alludida na proposta do Sr. Jacobina, e que prometteria, para o Centenario, o terceiro Congresso de Agricultura e Industria Pastoral, já estando, para isso, estabelecidas as preliminares.

Na proxima sessão teria S. Ex. occasião de nomear a commissão organizadora desse comicio; e a Sociedade, a proposito, dirigiria um appello ás associações agricolas do paiz, para que nessa oportunidade sejam estudados os meios de se tornar uma realidade a Confederação Rural Brasileira, que é uma antiga e sincera aspiração da Sociedade Nacional de Agricultura. A proposito, Sua Ex. não pode deixar de manifestar a sua grande satisfação ao ver organizar-se, em S. Paulo, a Liga Agricola do Estado, justamente nos moldes approvados pela Sociedade Nacional de Agricultura.

O Sr. Presidente faz nessa altura considerações sobre o programma que a Sociedade tracára para uma perfeita união da classe agricola do paiz e, alludindo á sua exequibilidade, dá como testemunhos eloquentes os Estados de S. Paulo e do Rio Grande do Sul, que já dispõem de federações das

associações agricolas. Terminando, propõe S. Ex. que a Sociedade se congratule com a Liga Agricola de São Paulo, pela sua recente organização. A proposta é unanimemente approvada.

POSSIBILIDADES ECONOMICAS — Nessa occasião DO BRASIL chega á Sociedade o Sr. Mi-

nistro da Agricultura que, occupando a presidencia, a convite do Sr. Miguel Calmon, annuncia ao auditorio a conferencia do Sr. Hannibal Porto, que ia dizer á Sociedade dos successos alcançados pelo Brasil na Exposição de borracha e demais productos tropicaes que se realizára em Londres.

Concede então S. Ex. a palavra ao Sr. Hannibal Porto, que sóbe á tribuna sob uma salva de palmas do auditorio.

Começa o conferencista por analysar a situação dos nossos productos em face dos mercados estrangeiros, e, expondo a nossa posição desvantajosa, mostra quanto é inferior ás colonias inglezas e hollandezas do Oriente.

Occupase depois especialmente da borracha, do cacao, da copra e do tabaco, mostrando com estatísticas recentes, colhidas no recinto daquelle certamen, quanto nos temos atrasado na marcha progressiva da producção mundial desses artigos.

Diz ainda, com o entusiasmo de lutador que é, do plano de acção que devemos seguir em prol da nossa organização economica, e depois examina o que temos feito em relação á industria e ao commercio da borracha.

Alludindo ao actual estado de cousas, opina que isso prejudica extraordinariamente os interesses do Brasil, impedindo a expansão do seu commercio exterior. Em seguida affirma que ha na Inglaterra grande receio de nos fazerem encomendas, pelo facto de, na generalidade dos casos, ellas não responderem ás amostras. A esse respeito, commenta os innumerados factos passados durante a recente guerra, e depois della, os quaes preveniram o consumidor europeu contra os nossos productos que, tidos embora, geralmente, como excellentes, como qualidade, apresentam o grave defeito da falta de uniformidade.

Proseguindo, mostra que não o move o intuito de exaggerar, pois que reproduz tão somente, em beneficio dos proprios interessados e do Brasil em geral, as observações feitas por diversos commerciantes e industriaes inglezes, que, attrahidos pelo noticiario dos jornaes londrinos, accorreram ao nosso vasto mostruario na Exposição Internacional de Londres.

E depois de largamente dissertar sobre as possibilidades do Brasil e das medidas que no seu entender devem ser, sem demora, adoptadas, garante que já temos capacidade productora organizada, embora susceptivel de aperfeiçoamento, podendo, portanto, concorrer em certos casos, vantajosamente, com os que habitualmente fornecem ás machinas e aos estomagos inglezes o "Combustivel" industrial e alimenticio que estão exigindo cada vez em maiores proporções; e conclue dizendo que, apesar de tudo, demos aos visitantes, internacionais e nacionaes, do nosso mostruario, que terão de depôr a nosso respeito, a certeza do nosso progresso, gerando a confiança em nossa capacidade, a admiração pelo nosso esforço e a esperança não illusoria de que, tendo elles apreciado no mostruario do Brasil os fructos do nosso trabalho e os elementos das nossas possibilidades, veremos augmentado o vulto da nossa contribuição mercantil, como factor, que passamos a ser, da economia mundial.

Como vêdes, termina o Sr. Hannibal Porto, não é infundado o nosso optimismo. Continuemos a trabalhar, organizando a nossa propaganda em bases sérias, e tudo que acabastes de ouvir, como probabilidades de bons negocios, será certamente excedido para além das nossas conjecturas e deducções.

Terminada a brilhante conferencia, fala o Sr. Miguel Calmon, que se associa aos applausos da assistencia e diz que, habituados os da Sociedade a usar e abusar da dedicaçao do Sr. Hannibal Porto, não poderiam esperar d'elle senão o brilho que soube dar á sua honrosa, mas difficil incumbencia, pois foi merecê dos seus esforços, da sua grande capacidade de trabalho, da sua notavel dedicaçao, que o Brasil poudo, no dia da inauguraçao do grande certamen londrino, apresentar os seus ricos e interessantes mostruarios á curiosidade ávida do publico interessado da grande cidade ingleza.

Referindo-se á exposiçao que o Sr. Hannibal Porto acabava de fazer, diz que, como o orador, é S. Ex. um convencido de que uma propaganda bem feita dos nossos productos na Inglaterra lhes abri- rá importantes mercados. E todos sabem que na Inglaterra as propagandas bem orientadas surtem effeitos, dão resultados inequívocos. Basta citar, no que nos diz respeito, o que aconteceu alli entre o café e o chá. Este, devido tão só a uma propa- ganda intensa e intelligente, desbancou o nosso producto até então consumido á grande.

Passa depois o Sr. Presidente a tratar do pro- blema do credito e recorda que houve durante a guerra a illusao de que a Inglaterra não seria mais o centro financeiro do mundo. Foi uma simples il- lusao, pois, tal não se verifica, e a Inglaterra vae retomando o bastão de "leader" economico do mun- do. S.Ex. faz ainda algumas considerações acerca das possibilidades que os mercados inglezes nos offerecem, para depois referir-se particularmente aos esforços que tem nesse sentido envidado o Sr. Hannibal Porto, que já "in loco" colhera in- formações precisas sobre taes possibilidades.

Terminando, o Sr. Presidente formula um voto ardente de agradecimento ao seu collega, que tão alto elevou no estrangeiro o nome do nosso paiz, envolvendo nessa obra de patriotismo igualmente o nome da Sociedade Nacional de Agricultura, que S. Ex. representou naquella importante certamen.

O Sr. Bento Miranda propõe, em seguida, que esse voto de agradecimento e de louvor seja ex- tensivo ao Sr. ministro da Agricultura, graças ao qual o Brasil poudo comparecer condignamente ao certamen londrino.

Retoma a palavra o Sr. Miguel Calmon para de- clarar que com a maior satisfação assegurava o seu apoio á proposta apresentada pelo seu col- lega. Effectivamente os esforços do actual titular da Agricultura — diz S. Ex. — para desenvolver a agricultura nacional e propagar os seus produ- ctos no estrangeiro, são meritorios e estão na- tão, rapidamente, alguns dos muitos actos de S. Ex. que corroboram a sua affirmativa.

Continuando, S. Ex. refere-se (mais uma vez o faz alli, na Sociedade) a Mr. Ricard, o Ministro da Agricultura de França, que, agricultor, e um dos "leaders" do movimento associativo das classes ru- raes do seu paiz, em cujo seio occupava logar pre- eminente, realizou um consorcio feliz entre a acção do governo e a daquella poderosa organização agri- cultura, que o ministro mesmo preparara, conseguindo levantar as forças economicas da França, fortemen- te combalidas pelos tristes effeitos oriundos da grande guerra.

Pois bem, prosegue S. Ex., eis o que está fa- zendo aqui entre nós o Sr. Simões Lopes, que, so- cio antigo e dedicado da Sociedade Nacional de Agricultura, cujo nome sempre procurou levantar, a que a mesma se consagra, elevado ao honroso cargo, em boa hora confiado á sua dedicaçao e á sua competencia, della não se desliga, a ella dá o prestigio do seu apoio, e da sua collaboraçao, estreitando assim, cada vez mais, as relações desta casa com o seu Ministerio, para a obra patriótica do soerguimento da agricultura nacional.

Commovido, o Sr. Simões Lopes agradece ao Sr. Bento Miranda e ao Sr. Miguel Calmon, e á illu- stre assembléa, que a ellas se associára com applau- sos, as palavras de louvor com que o distingui- ram.

Em seguida, S. Ex. passa a examinar a confe- rencia do Sr. Hannibal Porto e diz, por sua vez, que julga uma necessidade a propaganda intensa que o orador propuzera. E o governo está em- penhado nisso, tendo já tomado as providencias ao seu alcance para que se torne uma realidade o serviço de expansao economica do Brasil no estran- geiro.

Refere-se o Sr. ministro aos passos que o go- verno já dera nesse sentido para, finalizando, di- zer que não lhe cabem os louvores tributados, mas aos seus dedicados auxiliares, merecê de cujo zelo e competencia, actividade e patriotismo tem conseguido realizar algo de util ao paiz. Antes de encerrada a sessão, o Sr. Presidente congratula-se com a casa pela presenca, á reunião, dos Srs. Co- ronel Carneiro da Motta, Presidente da Associação Commercial do Amazonas, e Raul Villar, presidente da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro. O Sr. Lyra Castro communica que, com os Srs. Bento Miranda, Augusto Ramos, Car- los Jordão e Heitor Beltrão, havia comparecido ao regresso do Sr. Presidente da Republica, represen- tando a Sociedade Nacional de Agricultura.

E', então, encerrada a sessão.

Movimento da Secretaria da Sociedade Nacional de Agricultura durante o mez de Novembro

CORRESPONDENCIA

Recebida:	1921	1920
Cartas	129	103
Officios	28	21
Telegrammas	10	7
Propostas de socios	12	8
Pedidos	16	16
Diversos	8	14
Total	203	169

Expedita:	1921	1920
Officios	28	75
Cartas	61	85
Telegrammas	160	3
Circulares	405	
Total	918	163

Conferencias realizadas, 3:

Dr. Oscar d'Utra e Silva, sobre "A peste bovi- na" (2 conferencias);

Dr. Luiz Filippe Sampaio Vianna, sobre "O apro- veitamento das fibras nacionaes".

Rio de Janeiro, 1 de Dezembro de 1921.

R. DIAS FERREIRA.